

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ALINE CRISTINA SILVA DE OLIVEIRA**

**“TIVE MEDO DE MORRER”: OS EFEITOS DO BOLSONARISMO NO TRABALHO  
DE MULHERES JORNALISTAS**

**SÃO PAULO**

**2023**

Aline Cristina Silva de Oliveira

“Tive medo de morrer”: Os efeitos do Bolsonarismo no trabalho de mulheres  
jornalistas

Dissertação apresentada à banca  
examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo para obtenção do  
título de MESTRE em Ciências Sociais,  
sob a orientação da Profa. Dra. Rosemary  
Segurado.

São Paulo

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

048 Silva de Oliveira , Aline Cristina  
"Tive medo de morrer": Os efeitos do Bolsonarismo no trabalho  
de mulheres jornalistas. / Aline Cristina Silva de  
Oliveira . -- São Paulo: [s.n.], 2023.  
100p. il. ; cm.

Orientador: Rosemary Segurado .  
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências  
Sociais.

1. O trabalho de mulheres jornalistas no governo  
Bolsonaro . 2. Misoginia nas redes sociais . 3. Fake news  
como ferramenta de extrema direita . 4. Líderes autoritários  
atacam a imprensa . I. Segurado , Rosemary. II. Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós  
Graduados em Ciências Sociais. III. Título.

CDD

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

## **CNPQ**

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – processo nº 131768/2021-2

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – nº 131768/2021-2

Ao meu pai, Luiz Alberto Oliveira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Rosemary Segurado, pela acolhida, paciência e competência, leitura sempre atenta e contribuições imprescindíveis.

Às mulheres que confiaram a mim suas histórias de vida, fragilidades, e desafios da vida de jornalista. Foram quase 10 horas de experiência rica de escuta e aprendizado.

À minha família, ao meu companheiro Fernando, que me aguentou nos momentos mais difíceis, e ao meu filho Francisco, que nasceu no meio do meu processo de mestrado e, apesar de ter virado minha vida de ponta-cabeça, me deu mais forças para continuar.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro dado ao presente trabalho.

## RESUMO

Esta dissertação analisa como os anos de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e o Bolsonarismo impactaram o jornalismo e, sobretudo, a atuação da jornalista mulher. Quisemos apresentar como a postura de Bolsonaro diante da imprensa contribuiu para que as profissionais tivessem seu trabalho questionado, tornassem alvo de misoginia, xingamentos e fossem perseguidas nas redes sociais, chegando ao ponto de em alguns casos serem atacadas fisicamente por apoiadores do ex-presidente. Apesar de não ser o foco principal desta pesquisa, optamos por localizar os anos de governo Bolsonaro no contexto sócio-político mundial, fazendo um breve paralelo com as táticas da extrema-direita em países como Estados Unidos, Hungria e Turquia. Outro flanco abordado neste estudo é o impacto da produção das fake news nessa engrenagem e como elas alimentam a estratégia de destruição de reputações. Todas essas análises nos deram repertório para expor como foi o cotidiano do trabalho de jornalistas mulheres durante os anos de 2018 a 2022.

**Palavras-chave:** jornalismo; trabalho; mulheres; governo Bolsonaro; fake news; extrema direita.

## **ABSTRACT**

This research analyzes how the government of Bolsonaro and also his ideology, "bolsonarism," have influenced not only the practice of journalism, but mainly, the work of women journalists. It is an attempt to understand how his aggressive behavior contributed to making them targets of mental and physical injuries, perpetrated by Bolsonaro's radical supporters. This work also aims to situate the Bolsonaro government within the worldwide context of right-wing extremism in countries like the U.S., Hungary, and Turkey. This work measures the impact of fake news as a tool of this destructive mechanism. Mainly, this work understands the day-to-day challenges of women in journalism in Brazil under the Bolsonaro administration (2018-2022).

**Keywords:** journalism; work; women; Bolsonaro Government; fake news; right-wing extremism.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Pesquisa no Google sobre o termo “bolsonaro ataca jornalista” .....17
- Figura 2 - Twitter de Bolsonaro sobre Miriam Leitão .....18

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
ABRAJI	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
ICFJ	International Center for Journalists
Caged	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
EUA	Estados Unidos da América
BBC	British Broadcasting Corporation
US\$	Dólar Americano
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>O TRABALHO DO JORNALISTA .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>Jornalismo político e as relações com os governos .....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>UM BREVE OLHAR SOBRE A EXTREMA-DIREITA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1</b>	<b>Fake news como estratégia de manipulação .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2</b>	<b>Estratégias para desmoralizar pessoas e instituições .....</b>	<b>44</b>
<b>4</b>	<b>QUESTÕES DE GÊNERO - MACHISMO E MISOGINIA NA EXTREMA DIREITA .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1</b>	<b>Violência contra as jornalistas – casos internacionais .....</b>	<b>50</b>
<b>4.2</b>	<b>"Cala a boca, não te perguntei nada!" – Bolsonaro ataca as profissionais de imprensa .....</b>	<b>54</b>
<b>5</b>	<b>"TIVE MEDO DE MORRER" - O ÓDIO AS MULHERES JORNALISTAS .....</b>	<b>62</b>
<b>5.1</b>	<b>Aspectos metodológicos da análise .....</b>	<b>62</b>
<b>5.2</b>	<b>Uma pequena amostra do incômodo que uma jornalista causa .....</b>	<b>65</b>
<b>5.3</b>	<b>As jornalistas falam como foi trabalhar durante o governo Bolsonaro .....</b>	<b>67</b>
<b>5.3.1</b>	<b>Entrevista 1 - A repórter internacional que foi atacada no 8 de janeiro ...</b>	<b>67</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Entrevista 2 - A jornalista homônima .....</b>	<b>70</b>
<b>5.3.3</b>	<b>Entrevista 3 - A freelancer que se assustou com os ataques virtuais .....</b>	<b>73</b>
<b>5.3.4</b>	<b>Entrevista 4 - A jornalista de Brasília .....</b>	<b>74</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Entrevista 5 - A ombudsman .....</b>	<b>77</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Entrevista 6 - A repórter de uma revista mensal .....</b>	<b>79</b>
<b>5.3.7</b>	<b>Entrevista 7 - A colunista .....</b>	<b>81</b>
<b>5.3.8</b>	<b>Entrevista 8 - A jornalista que largou tudo .....</b>	<b>84</b>
<b>5.4</b>	<b>E as empresas jornalísticas? .....</b>	<b>91</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>100</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando iniciamos o mestrado, em 2021, pretendíamos falar sobre o mercado de trabalho dos jornalistas, mais especificamente sobre as condições de atuação desses trabalhadores diante da crise sanitária causada pelo coronavírus.

Isso porque, no momento em que a pandemia da Covid-19 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020, a profissão de jornalista no Brasil já estava em processo de desvalorização, cuja causa principal é a lógica neoliberal, que transformou a forma como as sociedades ocidentais compreendem o mundo no que diz respeito às políticas sociais, trabalhistas e econômicas. Como as demandas do capital financeiro sobrepuseram-se às necessidades humanas, e tudo passou a girar em torno do lucro, as corporações detentoras dos empregos – influenciadas pela crise econômica mundial – impuseram aos trabalhadores novas regras e mais submissão. Nessa engrenagem, os direitos trabalhistas passaram a ser vistos como entraves para a produtividade, e as representações coletivas e sindicais perderam força na disputa. Cada trabalhador tornou-se um representante de si mesmo no embate contra as empresas e o capital financeiro, tendo que negociar sozinho com o patrão – sem ajuda de sindicato ou associações de trabalhadores – suas condições de trabalho.

No jornalismo, isso se materializou em profissionais tendo de escolher entre trabalhar em condições adversas (alta carga horária, assédio moral, acúmulo de trabalho) ou aventurar-se em uma carreira autônoma, como freelancer, sem qualquer vínculo empregatício, ajuda de custo ou garantias. A desvalorização do setor é demonstrada tanto pelos altos índices de desemprego<sup>1</sup> – manifestados muitas vezes pelos “passaralhos” (demissões em massa), que assombram os jornalistas – quanto pela opacidade dos dados sobre a profissão.

Como jornalista de formação e atuação, sempre vivi na pele o que os poucos dados sobre a classe mostram, e construí, por força das circunstâncias sociais, uma carreira autônoma sem vínculo empregatício, forjando-me pela admissão de cada vez mais “freelas” para conseguir uma renda digna. Foi por conhecer e vivenciar as dificuldades da profissão que eu tinha a curiosidade acadêmica de entender como a

---

<sup>1</sup> De acordo com uma pesquisa da Volt Data Lab., de 2012 até 2018 foram demitidos 7.817 profissionais em empresas de mídia e 2.327 jornalistas. Disponível em: <https://passaralhos.voltdata.info/>

pandemia influenciava a profissão que vive o paradoxo de ser desvalorizada e essencial ao mesmo tempo. O termo "essencial" foi muito usado no contexto pandêmico e cabe neste trabalho para explicar uma das importâncias do jornalismo – e dos jornalistas – para a sociedade brasileira.

A principal função do jornalista é informar e transmitir fatos de interesse público de uma maneira simples e adequada ao cidadão, o qual, muitas vezes, pode não ter familiaridade com o tema em questão. Nem todos os brasileiros são experts em economia, por exemplo, mas uma notícia sobre uma possível alta de preços dos alimentos interessa a todos. E, para explicar o porquê de uma elevação nos itens da cesta básica, o jornalista precisa falar com especialistas da área, fazendo uma espécie de mediação entre a elucidação técnica do fato e o cidadão que terá sua vida afetada.

A pandemia impôs uma maior demanda por profissionais que expliquem de forma clara e acessível o que estava acontecendo às pessoas. Era necessário saber, por exemplo, como se dava a infecção, quais cuidados deveriam ser tomados, qual era a situação dos estados, cidades e bairros em que as pessoas vivem, quais medidas estavam sendo tomadas pelos governos, além de uma infinidade de informações. No Brasil, tal necessidade ficou mais evidente à medida que o ex-presidente Jair Bolsonaro demonstrava dificuldade e pouco interesse em mitigar os impactos da pandemia na sociedade brasileira e, em vez de buscar soluções, atuava para dificultar o acesso aos dados referentes à Covid-19.

Em 2020, o governo trocou três vezes de ministro da Saúde – Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich e Eduardo Pazuello<sup>2</sup>. Foi sob o comando desse último que o governo brasileiro deixou de informar o total de mortes e casos de Covid-19. Diante disso, a imprensa, mais uma vez, fez-se necessária, e após a determinação federal, G1, O Globo, Extra, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL firmaram uma parceria e fizeram um consórcio para coletar os dados nas secretarias de Saúde e divulgar, em conjunto, números sobre mortes e contaminados da Covid-19.

Foi com esse repertório que a pesquisa de mestrado foi iniciada, e à medida que a leitura de livros e artigos sobre o tema avançava, observamos que a relação de Bolsonaro com a imprensa ficava cada vez mais difícil, ano após ano, pois os ataques

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/tres-ministros-da-saude-e-uma-pandemia-o-ano-em-que-ficamos-doentes.shtml>

do ex-presidente aos jornalistas – que já existiam muito antes de ele ser eleito<sup>3</sup> – eram frequentes.

Para se ter uma ideia da escalada de agressões aos profissionais da imprensa, em 2018 – ano da campanha eleitoral para presidente da República - os casos de agressões a jornalistas aumentaram 36,36%, em relação ao ano anterior, segundo levantamento feito pela Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ<sup>4</sup>. Segundo o relatório, foram “135 ocorrências de violência, entre elas um assassinato, que vitimaram 227 profissionais”. Já em 2019 – portanto, primeiro ano de governo de Bolsonaro, a instituição<sup>5</sup> apontou um aumento de 54,07% em relação a 2018. E, em 2020, ano em que se iniciou a pandemia, a situação se agravou.

“Houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral. Foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. A descrédibilização da imprensa, como no ano anterior, foi a violência mais frequente: 152 casos, o que representa 35,51% do total. O presidente Jair Bolsonaro, mais uma vez, foi o principal agressor. Sozinho foi responsável por 175 casos.” (FENAJ, 2021, p 4).

Ao analisar os ataques à imprensa durante o governo Bolsonaro, notou-se que as mulheres eram o principal alvo. Relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI)<sup>6</sup> mostra que os ataques às jornalistas eram recorrentes. De acordo com levantamento realizado ao longo de 2020, as mulheres foram alvos diretos de 61 violações à liberdade de imprensa, o que representava 17% do total de ataques, segundo o estudo. Mas quando ocorriam no meio digital, 56,76% das vítimas eram jornalistas mulheres.

O ano de 2021 não foi diferente. O índice de ataques aos profissionais da imprensa chegou a 430 naquele ano<sup>7</sup>, segundo dados da FENAJ. E quando olhamos para o ambiente virtual, constatamos que, naquele ano, as mulheres receberam mais do que o dobro de ataques no Twitter, segundo um levantamento feito pela Revista

---

<sup>3</sup> Em 2018, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo emitiu nota afirmando que Jair Bolsonaro atacava a liberdade de imprensa: <https://www.redebrasilatual.com.br/eleicoes-2018/bolsonaro-ataca-a-liberdade-de-imprensa-no-brasil-alerta-sindicato>

<sup>4</sup> Disponível em [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio\\_fenaj\\_2018.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/01/relatorio_fenaj_2018.pdf)

<sup>5</sup> Disponível em [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio\\_fenaj\\_2019.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf)

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.abraji.org.br/abraji-aponta-que-mulheres-jornalistas-foram-vitimas-de-mais-da-metade-das-agressoes-no-meio-digital>

<sup>7</sup> Disponível em <https://fenaj.org.br/ataques-a-jornalistas-e-ao-jornalismo-mantem-patamar-elevado-e-somam-430-casos-em-2021/>

AzMina<sup>8</sup>, que analisou<sup>9</sup> 200 perfis de jornalistas brasileiros. Os dados mostram que enquanto os homens eram chamados de “incompetente”, “comunista” e “fraco”, as mulheres eram xingadas de “louca”, “puta” e “jumenta”.

Só para concluir a breve amostra de dados durante os anos de governo Bolsonaro. Em 2022, segundo dados da FENAJ<sup>10</sup>, foram 376 ataques à categoria e a veículos de imprensa, o que representa 12,53% a menos do que o ano anterior. No entanto, foi registrado um aumento nas formas de violência, que se tornaram mais diretas e graves. Ainda de acordo com o relatório, foram 77 casos de ameaças/hostilizações/intimidações – o que significa um aumento de 133,33% em relação a 2021 – e 49 casos de agressões físicas (aumento de 88,46% em relação ao ano anterior). Ao analisar pela ótica de gênero, a situação é ainda mais grave. Dados do relatório Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil<sup>11</sup>, feito pela ABRAJI, mostram que, em 2022, foram registrados 145 fatos classificados como ataques de gênero ou contra mulheres jornalistas, o que significa um crescimento de 13,1% em relação a 2021, quando foram identificados 119 casos.

Diante de tantas evidências sobre a violência de gênero, colocaram-se os questionamentos: Como é ser jornalista, mulher durante o governo Bolsonaro? Como está sendo trabalhar em um contexto político tão hostil e ameaçador? O que essas profissionais estão vivenciando durante a cobertura da agenda presidencial?

Tentar responder a essas perguntas é a contribuição deste trabalho, que se debruçou sobre o cotidiano de mulheres da imprensa. Fomos atrás de jornalistas que cobriam política, o governo Bolsonaro e que de alguma forma foram impactadas por ele. Realizamos entrevistas qualitativas a fim de desvendar como o fazer jornalístico dessas profissionais foi afetado nesses anos e, a partir daí, analisamos como o Bolsonarismo e a extrema direita influenciaram a atuação, as carreiras e até a identidade dessas mulheres. Nossa intenção foi, a partir da experiência individual, entender como as mulheres jornalistas foram afetadas e como reagiram a situações e ameaças extremas. Durante o processo de pesquisa, listamos as profissionais que

---

<sup>8</sup> Levantamento feito pela Revista AzMina e pelo InternetLab, junto com Volt Data Lab, INCT.DD, Instituto Vero e DFR Lab, com apoio do ICFJ (International Center for Journalists)

<sup>9</sup> Disponível em <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>

<sup>10</sup> Disponível em <https://fenaj.org.br/ataques-diretos-a-jornalistas-aumentaram-em-2022-aponta-relatorio-da-fenaj/>

<sup>11</sup> Disponível em <https://abraji.org.br/noticias/ataques-mais-graves-a-jornalistas-dobram-em-2022>

foram atacadas diretamente pelo presidente da República e notamos, durante esse processo, outra dificuldade: muitas jornalistas não queriam falar sobre o caso. Isso não é tão comum, porque há na classe de jornalistas uma solidariedade em colaborar com outros profissionais. Por isso, nos assustamos diante das primeiras negativas de entrevista.

Houve uma dificuldade, também, em encontrar essas profissionais nas redes sociais, pois muitas tinham perfis completamente fechados (sem foto, e-mail, fone) e não era possível nem enviar uma mensagem. Por isso, tivemos que recorrer a colegas da profissão para conseguir chegar a algumas jornalistas que trabalham ou trabalharam em Brasília e/ou cobriam diretamente o ex-presidente. Paralelamente, fizemos postagens em grupos de jornalistas e descobrimos profissionais que, apesar de não cobrirem Bolsonaro, foram atacadas por seus apoiadores e queriam falar sobre isso. Deixamos claro a todas – ainda no processo de conseguir fazer com que topassem falar – que eu também era jornalista e não tinha interesse em expor a vida particular de nenhuma delas e, portanto, não as identificaria na dissertação. Foram ouvidas 8 mulheres, todas com experiências sólidas em redações.

No processo de entrevistas, entendemos que deveríamos realizar conversas privadas, pois à medida que nos aprofundávamos nas histórias e analisávamos as repercussões dos ataques às profissionais, percebíamos como o tema era delicado e ainda causava sofrimento a muitas delas. Por isso, adotamos para esta pesquisa a metodologia da bola de neve. Nesse processo, muitas confidenciaram, por exemplo, que fecharam suas redes sociais após os ataques dos apoiadores de Bolsonaro; outras disseram que foram tentar descobrir quem eu era por meio de contatos em comum para saber se deveriam falar ou não. Soubemos, também, por alguns contatos que nos ajudaram, que há jornalistas que, mesmo sabendo que este trabalho de mestrado era importante, não queriam falar sobre esse assunto, porque ainda doía.

O sofrimento causado às mulheres jornalistas está ancorado, em grande parte das vezes, numa lógica de desmoralização das profissionais de imprensa. Quem o faz segue um script: a jornalista escreve uma matéria ou, no caso das coletivas de imprensa, faz uma pergunta a Bolsonaro. Tanto a matéria quanto a pergunta são rechaçadas. Aí começam os ataques – que podem ser uma ofensa proferida pelo presidente ou algo escrito por um apoiador com grande poder de repercussão nas redes sociais. Isso é divulgado nas redes sociais e no WhatsApp. A partir daí, articula-

se uma reação em massa de xingamentos e ofensas a essa profissional, e em muitos casos, há as ameaças. Tudo com o intuito de linchar a jornalista nas redes sociais.

A máquina de exposição e censura bolsonarista é uma espécie de cópia tupiniquim do que é feito nos países cujos governos são – ou foram, como no caso dos Estados Unidos – de extrema direita. E além de tentar cercear jornalistas cujo trabalho incomodou o presidente e seus apoiadores, essa engrenagem tem outro elo essencial para seu funcionamento: as fakes news. Assim como nos Estados Unidos – onde o debate sobre notícias falsas renasceu em 2016 com a campanha presidencial de Donald Trump –, os jornalistas brasileiros também tiveram que reagir à produção de notícias falsas nas eleições presidenciais de 2018. Foi nesse contexto que as agências de checagem dos fatos ganharam força no Brasil.<sup>12</sup>

Se o papel do jornalista é lidar com fatos, o intuito dos produtores de fake news é tentar enfraquecer o que se entende como verdade numa democracia. Considerar o viés político dessa ação é outra preocupação deste projeto. A busca pela verdade - ou pela apuração dos fatos - é inerente à profissão de jornalista. Espera-se que esse profissional mantenha a prática de checar dados e ouvir várias fontes a fim de produzir notícias capazes de informar o leitor e dar subsídios para que ele tire suas próprias conclusões dos acontecimentos. Para trabalhar o conceito de "verdade" neste contexto, recorreremos ao entendimento da filósofa Hannah Arendt.

"A marca distintiva da verdade factual consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira" (ARENDR, 1979, p. 308).

É aprendido na faculdade de jornalismo que o bom repórter costuma não ser bem quisto pelos líderes governistas, justamente porque sua função é “colocar o dedo nas feridas” do governo vigente. É por isso, portanto, que nenhuma jornalista com quem falamos tinha a pretensão de ser bajulada pelo governo e seus apoiadores. Na verdade, isso nem existe. No entanto, nunca existiu tamanha ojeriza aos e às profissionais de imprensa. Isso demonstra o quanto o discurso de Bolsonaro está enraizado em seus seguidores, que se mostram raivosos e intolerantes com todas as mulheres que ousaram questionar o ex-presidente.

---

<sup>12</sup> O trabalho realizado pelos sites de fact-checking, como Aos Fatos, Projeto Comprova e Fato ou Fake, consiste em selecionar informações divulgadas por autoridades, políticos, pessoas públicas e verificar a sua veracidade.

Mas por que as ofensas são piores contra as mulheres? Para responder a essa pergunta, nós situamos o governo Bolsonaro – e, sobretudo o Bolsonarismo - no contexto sócio-político mundial, uma vez que o ódio às mulheres tem se mostrado uma característica de grupos e governos autoritários e conservadores.

“Para onde quer que se tente olhar – na Turquia sob a presidência de Recep Tayyip Erdogan, na Polônia com Andrzej, na Hungria com Viktor Orbán, Donald Trump nos Estados Unidos, Matteo Salvini na Itália, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Benjamin Netanyahu em Israel e Nicolás Maduro na Venezuela -, vem se tornando cada vez mais fácil encontrar diversos governos que, sem serem diretamente orquestrados entre si, acabam por dialogar através de seus modelos análogos: uma sorte de populismo autoritário, que vem testando a resiliência institucional das democracias e seus respectivos países” (SCHWARCZ, 2019, p. 226).

A ligação de todos esses fatores (ataques às jornalistas mulheres, produção de fake news e conservadorismo) sugere que o linchamento às jornalistas mulheres é, muito mais, uma estratégia para desmoralizar as empresas de comunicação – e o jornalismo, do que a cidadã que está desempenhando aquela profissão. E muitas das profissionais com quem conversamos mostraram ter esse entendimento de que os ataques que sofreram não eram pessoais, mas sim uma tática para desmoralizar e enfraquecer a imprensa como um todo, com o intuito de fazer valer a narrativa que o governo quisesse.

No entanto, saber dessa condição não impediu as jornalistas de passarem por episódios de sofrimento. Durante as conversas, percebemos que as que toparam falar, ultrapassaram várias barreiras e se permitiram – e nos deram a oportunidade – reviver o trauma novamente. Ficamos diante de profissionais com décadas de experiência que choraram, relataram estresses pós-traumáticos, largaram tudo e, até, abriram mão da profissão. É para jogar luz sobre essas histórias e sobre essa classe que esse trabalho se faz necessário.

O processo de pesquisa resultou nesta dissertação, que contém quatro capítulos. Iniciamos com um texto no qual explicamos como se dá a profissão, quais são as regras e as obrigações de um/uma repórter no exercício da profissão. Também elencamos algumas informações sobre o mercado de trabalho de profissionais da imprensa, abordando as condições de trabalho, a alta competitividade, o medo da demissão e a falta de diversidade nas redações do Brasil. Nesse tópico, também abordamos as especificidades da relação entre governos e imprensa, e como o

machismo nos espaços de poder interfere no trabalho das jornalistas de política, que são as profissionais mais atacadas.

No capítulo seguinte, nosso intuito foi localizar, de maneira sintética, o ex-presidente no contexto sócio político mundial. Por isso, resgatamos alguns dados sobre a extrema direita em países como Estados Unidos, Hungria e Turquia, falamos das fake news - objetivando contextualizá-las como uma ferramenta da extrema direita - e da responsabilidade das *big techs* nesse contexto, no que diz respeito à falta de regulamentação.

Após tratar desses tópicos mais macro, abordamos no capítulo 'Questões de gênero - machismo e misoginia na extrema direita' alguns casos internacionais de mulheres jornalistas que, assim como as brasileiras, sofreram perseguição e ataques só porque publicaram matérias que desagradam líderes e eleitores. Além disso, elencamos alguns - dos muitos - insultos de Bolsonaro à imprensa durante o período que ele esteve no governo.

Por fim, o quarto e último capítulo trata da parte mais substancial da pesquisa, que foi o processo de entrevistas com as jornalistas. Contextualizamos o que viveu cada entrevistada a fim de transmitir o que foi ser jornalista mulher durante o governo Bolsonaro. É para jogar luz sobre essas histórias e sobre essa classe que esse trabalho se faz necessário.

## **2 O TRABALHO DO(A) JORNALISTA**

"Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade." A frase, de autoria de William Randolph Hearst (1863-1951), um norte-americano proprietário de uma rede de jornais na Califórnia, é uma velha conhecida de estudantes e profissionais de jornalismo, pois esclarece de forma sucinta o fazer jornalístico - ou, pelo menos, o que se espera dessa profissão. E é sobre isso que se debruça este capítulo. Nosso intuito aqui é mostrar como se dá o ofício, destacando as principais premissas e as regras aplicadas à prática. Portanto, apesar de trazer brevemente alguns elementos históricos, o objetivo não é falar da história do jornalismo no Brasil e no mundo. O que propomos é contextualizar alguns marcos da profissão, bem como expor alguns dados recentes do mercado de trabalho

para que saibamos o que é exigido do profissional da imprensa, em quais condições ele atua e por que age de determinada forma.

O ponto de partida desta análise passa por evidenciar que o jornalismo tem o dever de se voltar ao cidadão, que detém o direito à informação. E é por isso que dentre as lições basilares aprendidas na faculdade está a explicação de que a profissão tem três premissas básicas: exercer função crítica, função fiscalizadora e ter respeito à verdade factual. Mas nem sempre foi assim. No século XVIII, quando surgiu a imprensa, os jornais continham apenas textos de opinião. Os fatos – como conhecemos hoje, começaram a se tornar importante só no século XIX, ancorados nos ideais iluministas<sup>13</sup>.

“O jornalismo nasce inspirado nos ideais do Iluminismo e do Racionalismo, a partir dos quais o homem adquire centralidade nas decisões dos rumos da sociedade. É uma narrativa da urbanidade, da pólis, do cidadão e da cidadania, mas delimitada pelos valores do liberalismo econômico. Ao longo do século XX, o jornalismo consolida-se como a narrativa produzida por profissionais especializados, dedicados exclusivamente a selecionar os fatos do cotidiano que merecem, a partir de determinada avaliação, ganhar status de notícia” (FÍGARO, 2013, p. 9).

Se o cidadão é detentor do direito à informação e a adquire para ter subsídios que o ajudem a tomar decisões, a forma como essa informação é construída passa a adquirir importância. É por isso que a discussão do que é notícia e como ela deve ser confeccionada tomou dimensão, e o texto jornalístico ganhou um formato específico no qual se estabelece uma espécie de hierarquia na redação, de forma que os dados mais importantes estejam logo nas primeiras linhas e os menos importantes - seguindo a avaliação do jornalista - estejam no final. Os jornais dos Estados Unidos criaram, ainda no século XIX, um padrão de como deveria ser esse primeiro parágrafo da notícia, que recebeu o nome de lead, cuja estrutura deve ser montada respondendo a cinco perguntas. São elas: O quê? / Quando? / Onde? / Por quê? / Como? As respostas condicionam o texto a ser mais objetivo e direto, deixando bem clara a diferença entre textos jornalísticos e textos de opinião. Os jornalistas do Brasil só incorporaram o lead às reportagens nos anos 1950, década conhecida como a renovação do jornalismo brasileiro.

“A década de 1950 assistiu também ao lançamento de jornais que foram precursores da modernização do jornalismo brasileiro, e a reformas de outros que atuavam desde o início da República e então ganharam novo fôlego. A

---

<sup>13</sup> Iluminismo foi um movimento intelectual europeu, vigente entre os séculos XVII e XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade.

Última Hora, criada em 1951, com financiamento do governo foi um dos jornais mais inovadores do período, ao adotar técnicas de comunicação de massa até então desconhecidas no Brasil. O Diário Carioca, jornal mais antigo, que mantinha um grupo de jornalistas altamente qualificado, foi igualmente inovador ao introduzir, também em 1951, o uso do lead.” (ABREU, 2002, p. 10).

A busca pela suposta forma correta de se escrever uma notícia virou obsessão nas redações brasileiras na época, e ainda é a forma como se escreve hoje. Basta passar os olhos em qualquer matéria veiculada em jornais de grande circulação, sobretudo, para ler - em muitos casos - um texto sem carisma, mas que segue à risca o método de respostas do lead. Um texto, vale citar, que - muito provavelmente - foi publicado às pressas pelo profissional de imprensa, numa corrida contra o relógio para que o veículo que o emprega consiga a façanha de reportar fatos no menor espaço de tempo possível. No entanto, apesar de a discussão tanto sobre a forma desse texto como sobre a cobrança de se postar (para usar uma linguagem atual) o mais rápido possível ser interessante e necessária, esse não é o foco nem desta dissertação e deste capítulo. Trouxemos esse ponto porque a exigência de se escrever dentro de um padrão é cobrada por empresas jornalísticas - por meio de editores e chefes de redação - aos repórteres e redatores.

“A notícia, que é um produto perecível, deve chegar ao cliente o mais rapidamente possível para ser utilizada. Uma ideia muito propagada nas sedes das agências de notícias é que a notícia que chega primeiro será a primeira a ser utilizada durante todo o ciclo de notícias sobre esse acontecimento. (...) As notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos (trabalho suplementar para a organização) e as reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a manutenção ou não do seu lugar, a escolha das suas tarefas, e a sua promoção – quer dizer, nada menos do que a sua carreira profissional.” (TRAQUINA, 2020, p. 77,156).

Ainda na esteira da inovação do jornalismo brasileiro que ocorreu na metade do século XX, está a criação, em 1949, do primeiro o Código de Ética Profissional pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). O documento aglutina normas e procedimentos que regem a atividade jornalística. A primeira versão (considerada prolixa por muitos jornalistas) vigorou até 1968, quando se confeccionou a segunda

versão do Código. Já a terceira edição<sup>14</sup> foi aprovada pela categoria em 1986 e vigora até hoje. Eis um trecho:

“Art. 3º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética.”

“Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.” (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2007, p. 1).

Tanto o Código de Ética quanto os manuais de redação cumprem a função de formatar o fazer jornalístico, garantindo um rigor à notícia. A justificativa é que como o jornalismo tem uma função pública, os fatos e as fontes devem ser tratados com verdade (ponto que abordaremos em breve neste capítulo), e que o jornalista deve buscar a isenção, evitando tomar partido ou obter benefícios de qualquer forma que seja. "O jornalismo já é, em si mesmo, a realização de uma ética: ele consiste em publicar o que os outros querem esconder, mas que o cidadão tem o direito de saber" (BUCCI, 2000, p.42).

Há uma longa discussão sobre ética na imprensa, que suscita argumentos como o de que uma suposta conduta correta de um jornalista não se resume à normatização de comportamentos, o de que as empresas de comunicação nem sempre estão comprometidas com o que se entende como ética no jornalismo, e que a sociedade é marcada por relações de poder e de dominação, entre outros tópicos relevantes. A intenção, no entanto, deste trabalho não é aprofundar-se nessa questão – que é objeto de pesquisa de pesquisadores renomados nos estudos de Jornalismo, como o já citado professor Eugenio Bucci, mas apenas contextualizar a questão dentro da lógica de trabalho de um jornalista brasileiro. Isso porque a questão ética na profissão transformou-se em uma espécie de "lição dada" em faculdades e, por mais que existam contradições ao termo e à suposta conduta ética, esse ideal acaba impactando todo o fazer jornalístico, pois está intrínseco à cobrança que se faz aos profissionais da área e, sobretudo, ao modo de pensar – e de agir - daqueles que estão no dia a dia dessa profissão – iniciantes ou não. E mais do que cobrança externa, há uma intenção genuína de muitos profissionais em agir dentro do que é considerado ético.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>

“Um código tem a vantagem de pôr o preto no branco, isto é, de sacramentar os princípios que regem as tomadas de decisão. Um iniciante que seja apresentado a ele não tem mais a prerrogativa de dizer que o ignora. Nesse sentido, normas sobre conflito de interesses, por exemplo, especialmente as que estipulam proibições a que se aceitem presentes caros das assessorias de imprensa ou a que o jornalista exerça, nas “horas vagas”, alguma função profissional de assessor de imprensa, podem ter alguma eficácia. Também são úteis normas expressas sobre a separação entre jornalismo e publicidade: além de explicitar princípios, elas ajudam a regular o relacionamento entre o lado editorial e o lado comercial. Essas normas são facilmente entendidas pelo profissional como uma política da empresa em que trabalha, e ele vai acatá-la por subordinação”. (BUCCI, 2000, p. 205).

A busca pela verdade – ou pela apuração dos fatos – é inerente à profissão de jornalista. Espera-se que esse profissional mantenha a prática de checar dados e ouvir várias fontes a fim de produzir notícias capazes de informar o leitor e fornecer subsídios para que ele tire suas próprias conclusões dos acontecimentos. Para trabalhar o conceito de "verdade" neste contexto, o entendimento da filósofa Hannah Arendt sobre o que ela definiu como verdade factual se faz necessário:

“A verdade factual relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre o domínio da intimidade. É política por natureza” (ARENDR, 1979, p. 295).

Nosso objetivo até aqui foi explicitar alguns pontos do *modus operandi* do fazer jornalístico, que é absorvido pelos profissionais da imprensa à medida que se inserem na profissão. Pois por mais que muitos dos jornalistas cursam faculdades na área, se aprende jornalismo fazendo jornalismo. O trabalhador da imprensa sabe que seu texto deve digerir-se ao cidadão, assim como sabe também que aceitar convites e presentes de fontes ou políticos, por exemplo, pode colocar em xeque sua credibilidade, bem como só escrever o que o governante da situação gostaria de ler (ponto que abordaremos mais à frente nesta dissertação). Esse profissional deve priorizar a prática de checar dados, ouvir várias fontes (pessoas envolvidas com o acontecimento, órgãos públicos, especialistas etc.), e confrontar entre si todas as informações coletadas a fim de investigar se ainda há dúvidas ou incoerências.

Tais pressupostos impõem ao profissional da área algumas regras de trabalho. Em outras palavras, o trabalho do jornalista não é fazer um texto “da cabeça”, ou seja, de qualquer forma. É ilusório achar que o trabalhador – que é um assalariado como qualquer brasileiro que (ainda) tem emprego fixo – pode fazer e/ou escrever o que quiser. Por exemplo, ao escrever sobre a guerra na Ucrânia, para citar um exemplo

do noticiário de 2023, espera-se que o repórter fale com fontes que analisem a situação sob diferentes óticas com o objetivo de ter uma melhor visão do tema e escrever sobre ele com preocupada isenção. Isso garante, por exemplo, que a matéria tenha um olhar crítico sobre o fato e não se transforme apenas num porta-voz de uma das partes envolvidas.

Para além das diretrizes técnicas e normativas da profissão, o mercado de trabalho do jornalista é outro tópico que merece destaque nesta dissertação, pois tal contexto também impacta no fazer jornalístico. Há uma precarização do trabalho em escala global e o mercado de trabalho do jornalista não está fora disso. Dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese)<sup>15</sup> mostram que, num período de nove anos, o mercado de trabalho formal para jornalistas no Brasil diminuiu 21,3%. Em 2013, a categoria tinha 60.899 empregos celetistas; já em 2021, o número baixou para 47.900 postos com carteira assinada, o que significa uma perda de 12.999 postos de trabalho. A presidenta da FENAJ, Samira de Castro, destaca que existe “um visível enxugamento dos empregos com carteira assinada, sobretudo nos veículos jornalísticos tradicionais. Esse fenômeno se dá tanto pela chamada integração das redações quanto, a partir de 2018, pelos impactos da contrarreforma trabalhista”.<sup>16</sup>

Os expedientes<sup>17</sup> dos jornais e das revistas do Brasil são um retrato da precarização das relações de trabalho no jornalismo, pois vêm diminuindo ao longo dos anos. Aliás, para entender a configuração de qualquer redação, é importante observar essa lista, que, geralmente, começa com o diretor(a) de redação – que responde pelo veículo como um todo e faz um meio de campo com o comercial; a editora-chefe, cuja função é gerenciar o conteúdo do veículo; os editores que têm a função de pautar e editar textos dos repórteres; os repórteres – responsáveis pela apuração e redação das matérias; os trainees e os estagiários. Os nomes dos profissionais são colocados de forma hierárquica e essa lógica existe para além da página do jornal e da revista. Ou seja, “acima do repórter”, estão os editores, que têm a prerrogativa de determinar o que vão fazer, se devem ou não cobrir tal

---

<sup>15</sup> Estudo elaborado para a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/38-em-destaque/extra/4666-mesmo-com-desoneracao-da-folha-mercado-de-trabalho-formal-de-jornalistas-encolhe-21-em-nove-anos>

<sup>17</sup> Diferentemente de seu sentido usual, ligado à quantidade de horas trabalhadas, a palavra “expediente” no contexto jornalístico nomeia, por meio de listagem, a equipe que cria a edição do jornal ou revista

agenda/pauta. Outro detalhe – importante no contexto desta dissertação – é citar que em uma matéria com dois ou mais repórteres, o nome que aparece primeiro foi o que mais se responsabilizou por apurar/escrever a matéria.

Voltando à questão do mercado de trabalho, logo na metade dos anos 2000, o jornalista Ricardo Kotsho já demonstrava, em seu livro "Uma Nova Razão de Viver", o esvaziamento dos postos de trabalho fixos nas redações. “Se você pegar o expediente da maioria das revistas nas bancas, não vai encontrar mais do que três ou quatro nomes de jornalistas fixos – os outros todos são ‘colaboradores’” (KOTSCHO, 2007, p. 14). Mesmo com tantas evidências, a situação do mercado de trabalho do jornalista só é escancarada ao leitor, na maioria das vezes, quando os jornais começam a ir para as bancas com menos páginas e as revistas param de ser veiculadas. Um levantamento do jornal Poder360<sup>18</sup> revelou que 17 veículos de médio a grande alcance nacional encerraram suas atividades no Brasil entre os anos de 2018 e 2021. Só para citar um exemplo emblemático: só após o fechamento de vários títulos<sup>19</sup>, em 2018, é que muita gente tomou conhecimento da crise na Editora Abril – e das demissões dos jornalistas.

Antes da extinção de um jornal ou revista, a precarização da atividade jornalística promove uma queda na qualidade do conteúdo produzido nas redações, porque os jornalistas que continuam empregados passam a acumular funções. É nesse contexto que surge a denominação “jornalista multimídia”, que nada mais é do que uma nova lógica de trabalho imposta à classe. De acordo com Fígaro, Nonato e Grohmann (2013), “a partir do quadro de reorganização do mundo do trabalho, os jornalistas tornaram-se profissionais multifuncionais e polivalentes, obrigados a atuarem como repórteres, redatores, fotógrafos e cinegrafistas; às vezes, ao mesmo tempo”. Na prática, o jornalista que tinha a função de repórter, e que, portanto, entrevistava pessoas e escrevia o texto, passou a, por exemplo, entrevistar, escrever, editar texto dos estagiários, fotografar e editar imagens. Ou, em outro exemplo, o jornalista que escrevia só para revista passa a escrever, também, para o site do veículo em que trabalha, sendo obrigado a dar conta da produção em tempo real de

---

<sup>18</sup> Com informações do Atlas da Notícia. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/ao-menos-17-veiculos-de-midia-fecharam-no-brasil-em-4-anos/>

<sup>19</sup> Na mesma época que demitiu 800 profissionais, o Grupo Abril anunciou o fechamento de revistas como a Mundo Estranho, Casa Claudia e Elle. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/08/06/abril-encerra-dez-titulos-veja-exame-e-claudia-ficam.html>

notícias online mais as matérias aprofundadas – e que demandam mais tempo de apuração – para a versão impressa.

“O que se vê hoje é um mesmo profissional exercendo múltiplas funções, o jornalista multimídia, acossado por uma maior carga de trabalho e rigorosa pressão para cumprir os diversos prazos de forma a atender aos serviços especializados para assinantes e aos próprios sites dos jornais, além dos impressos no dia seguinte...” (RENAULT, 2013, p. 467).

Salientamos que tais transformações no mundo do trabalho reverberam no comportamento dos jornalistas que seguem empregados, gerando um círculo vicioso. Não é possível dissociar o lado pessoal do profissional. Ou seja, um chefe de redação – que para além do cargo é um jornalista assalariado e que depende do emprego para sobreviver - dificilmente irá se impor, num primeiro momento, a uma chefia tirana. E em casos mais graves – como veremos nos depoimentos das jornalistas entrevistadas – é possível que esse chefe de redação minimize ataques misóginos sofridos pelas repórteres. Tudo para tentar evitar o desgaste e, até mesmo, uma possível demissão.

O uso do artigo masculino ao substantivo “chefe” não foi por acaso. As mulheres representam 58% da categoria no Brasil, porém apenas 13% dos cargos de chefia nas redações são ocupados por jornalistas do gênero feminino, de acordo com o levantamento ‘Mulheres e liderança na mídia: evidências de 12 mercados’, elaborado pelo Instituto Reuters<sup>20</sup>. A diferença de gênero não para por aí. As mulheres jornalistas recebem salários mais baixos em comparação aos homens. Dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021<sup>21</sup> apontam que a remuneração média recebida pelas mulheres jornalistas em 2021 foi de R\$ 5.575,4, enquanto a dos homens foi de R\$ 5.914,7. A pesquisa também traz um ponto polêmico que é a chamada feminização da profissão, como sintoma do processo de precarização.

“Das 280 mulheres que estavam na mídia em 2012, 118 (42,1%) permaneceram na mídia em 2017. Das que saíram, oito foram para docência, 63 atuam fora da mídia, em outras atividades - assessoria ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico - e 91 saíram do jornalismo” (DANCOSKY; MICK; ROCHA, 2022, p. 6).

Mais um dado: a pesquisa “Raça, Gênero e Imprensa: Quem Escreve nos Principais Jornais do Brasil?”<sup>22</sup>, publicada em 2023, mapeou quem eram os jornalistas

<sup>20</sup> Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-03/Eddy\\_et\\_al\\_Women\\_and\\_Leadership\\_2023.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-03/Eddy_et_al_Women_and_Leadership_2023.pdf)

<sup>21</sup> Estudo elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o apoio de diversas organizações, entre elas, a FENAJ. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2023/06/TD-Raca-e-Midia.pdf>

que escrevem para os jornais O Estado de S. Paulo, Folha de São Paulo e O Globo e constatou que as mulheres ocupam 36,6% das vagas nesses veículos, enquanto os homens detêm 59,6% dos cargos.

Os dados evidenciam como a profissão de jornalista reflete as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Só para efeito de contexto/comparação: a remuneração média dos homens brasileiros, no segundo quadrimestre de 2023, foi 25,3% maior do que a das mulheres. Além de ocuparem a maioria dos cargos de gerência (60%), eles registraram a menor taxa de desemprego no mesmo período, 6,9%. A das mulheres foi de 9,6%. A conta não fecha quando notamos que são as mulheres as responsáveis economicamente pelos lares brasileiros. Segundo levantamento<sup>23</sup> do DIEESE (ainda para efeito de contextualização), em 2022, dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Seguindo nosso objetivo desta dissertação – que é mostrar o trabalho das jornalistas mulheres, nem é preciso mais dados para notar que o mercado de trabalho para as jornalistas mulheres é mais complexo, a começar pelos cargos e salários. Mas o problema não acaba aí. Veremos ao longo desta dissertação como a questão de gênero está no centro dos ataques às profissionais da imprensa, ao silêncio dos chefes que minimizam ataques e à descredibilização das jornalistas que estavam apenas desempenhando o trabalho para o qual foram contratadas e pautadas.

Ainda dentro do recorte de diversidade nas redações, nos adiantamos em afirmar que nenhuma das jornalistas que entrevistamos é negra, o que também revela um sintoma da profissão, pois apesar de as populações preta e parda representarem 10,2% e 45,3% dos brasileiros e brasileiras, respectivamente, segundo dados do último Censo<sup>24</sup>, somente 20% dos profissionais de jornalismo são pretos ou pardos, segundo pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira<sup>25</sup>. Já a pesquisa “Raça, Gênero e Imprensa: Quem Escreve nos Principais Jornais do Brasil?” apontou que nos três jornais analisados os homens brancos são os que mais escrevem.

“Ao analisarmos o perfil de raça e gênero, os três veículos revelam uma tendência comum: a maioria das autorias são assinadas por homens brancos e, na sequência, por mulheres brancas. Em menores proporções, estão os homens negros e as mulheres negras, respectivamente.<sup>5</sup> Os indígenas não aparecem nos gráficos, pois apenas uma autoria desse grupo foi identificada

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>

<sup>24</sup> O Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo, divulgados hoje pelo IBGE foi divulgado em dezembro de 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>

em nossa análise, evidenciando não somente a disparidade entre o jornalismo brasileiro e a composição racial da população brasileira.” (FELIX, 2023, p.11).

Embora o recorte racial não seja o destaque desta dissertação, entender como as redações são pouco diversas e desiguais do ponto de vista das oportunidades de trabalho, nos ajuda a compreender as dificuldades que as jornalistas brasileiras enfrentam em seus postos de trabalho, uma vez que a chance de elas não encontrarem respaldo em suas lideranças – que, pela estatística que trouxemos, tem grandes chances de serem homens brancos – é alta.

## 2.1 Jornalismo político e as relações com os governos

Quando procuramos dados sobre violência de gênero contra as jornalistas, nos deparamos com a informação de que a maioria dos ataques se volta contra mulheres que atuam no jornalismo político. Uma pesquisa da ABRAJI mostrou que em setembro de 2022, portanto um mês antes das eleições presidenciais no Brasil, o número de agressões às profissionais de imprensa aumentou 250% em relação a agosto de 2022<sup>26</sup>. Isso representa um caso de ataque por dia.

O ambiente político parlamentar, no Brasil, costuma ser hostil às mulheres, começando pela estrutura dos espaços de poder em Brasília, que não contempla as mulheres. Para se ter uma ideia, até 2016, as plenárias do Senado Federal não tinham banheiros femininos. E só após 2021, não por acaso após o número de mulheres na Câmara dos Deputados ter aumentado 51% - passando de 51 deputadas eleitas em 2014 para 77 eleitas em 2018<sup>27</sup> -, que a Casa parou de considerar licença-maternidade como falta<sup>28</sup>. Além da violência institucional, as parlamentares eleitas lidam com uma rotina de xingamentos e difamações. O MonitorA<sup>29</sup>, um projeto da revista Azmina<sup>30</sup> e do InternetLab<sup>31</sup>, mostrou que logo na primeira semana da

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/11/eleicoes-2022-ataques-a-mulheres-jornalistas-aumentaram-250-em-setembro.htm>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/no-de-mulheres-eleitas-se-mantem-no-senado-mas-aumenta-na-camara-e-nas-assembleias.ghtml>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/camara-inclui-licenca-maternidade-em-paineis-de-votacao/>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/monitora-eleicoes-2022/>

<sup>30</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://internetlab.org.br/>

campanha eleitoral de 2022, 97 mulheres que estavam na disputa receberam quase 4,5 mil ataques e/ou insultos pelo Twitter<sup>32</sup>.

“Alusões à loucura, histeria ou doenças mentais são a principal forma encontrada pelos usuários do Twitter para se dirigir às candidatas a cargos do Executivo e do Legislativo brasileiros nessa eleição. Na primeira semana de campanha, o MonitorA 2022 registrou 518 aparições de termos como louca, doída, maluca, desequilibrada, histérica e descontrolada relacionados às candidatas nas redes sociais. Também entram na conta postagens que sugerem que elas “se tratem”, “se mediquem” ou “se internem em uma instituição psiquiátrica”, entre outras referências semelhantes.” (REVISTA AZMINA, 2022)

A baixa representatividade de mulheres na política já é, por si só, um dado que aponta violência de gênero, embora as mulheres sejam maioria na sociedade brasileira. Segundo dados do IBGE, mais da metade da população (51,13%) é feminina; no entanto, as mulheres eleitas representam menos de 15%. E por mais que o cenário tenha mudado um pouco, graças às políticas de igualdade de gênero e raça provenientes dos governos progressistas, e ao ativismo político das próprias mulheres (VALENTE, 2023), o ambiente político brasileiro ainda é muito machista e misógino. Talvez um dos exemplos mais emblemáticos desse cenário misógino seja o golpe da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016, tanto no que diz respeito às falas proferidas pelos parlamentares em Brasília, quanto às atitudes machistas do público masculino em geral.

“(...) o impeachment da primeira mulher presidenta do Brasil veio com a mensagem de “Tchau, querida”. Cidadãos comuns colavam em seus carros um adesivo representando Dilma Rousseff de pernas abertas, de modo que, quando abastecessem o veículo, a bomba de gasolina fosse enviada em sua vagina. E por falar em vaginas, houve também quem dedicasse o voto a favor do impeachment ao coronel Brilhante Ustra – não por coincidência um torturador que enfiava ratos nas partes íntimas das mulheres. E também não por coincidência, esse homem se tornou presidente da República apoiando-se bastante em uma promessa específica: liberar as armas.” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 91)

É neste contexto de desrespeito à figura feminina nos espaços de poder que o ofício da jornalista de política é dificultado. Uma das premissas do jornalismo político, conforme Franklin Martins, que escreveu um livro voltado aos profissionais da área, é separar opinião de informação para que o leitor consiga tirar suas próprias conclusões.

“A grande imprensa, de modo geral, tem a preocupação de separar nitidamente a informação da opinião na cobertura política. Nas épocas de

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/monitora-2022-misoginia-ofensas-candidatas/>

campanha eleitoral, os jornais, ainda que apoiem esta ou aquela candidatura na página editorial, tentam manter uma postura equilibrada, dando espaço semelhante para os principais contendores e evitando demonstrar preferência por sicrano ou beltrano. Muitos diários e emissoras de televisão fazem, por conta própria, controles periódicos do espaço ou do tempo dedicado aos candidatos, de modo a garantir que, no noticiário, sua presença seja equitativa ou, pelo menos, proporcional a seu peso no eleitorado". (MARTINS, 2009, p. 17-18)

Há muitos estudos sobre a parcialidade ou não do jornalismo político no Brasil, e discutir os interesses das empresas jornalísticas nesse tipo de cobertura não é o foco deste trabalho. O que nos interessa aqui é entender que, para além das preferências dos donos da mídia, as trabalhadoras de imprensa que atuam em Brasília – sobretudo as menos midiáticas - certamente buscam seguir as diretrizes exemplificadas por Martins, fazendo uma cobertura em que seja possível falar com todo tipo de fonte, que tente ouvir vários lados e que converse com parlamentares dos mais diversos espectros ideológicos.

No entanto, a intoxicação do debate público, a misoginia e a tensão das eleições de 2022 - apenas para citar um exemplo recente - fizeram com que os eleitores de Bolsonaro tomassem a parte (que seriam alguns possíveis casos de parcialidade na cobertura jornalística) pelo todo (que é o trabalho diário de dezenas de repórteres dispostas a seguir a cartilha do que prega uma cobertura jornalística) para atacar toda e qualquer repórter de Brasília que publicasse qualquer coisa a respeito de Bolsonaro que desagradasse seu eleitorado.

Ainda de acordo com a pesquisa da ABRAJI, é durante os meses do período eleitoral que os ataques às mulheres jornalistas aumentam. De acordo com o estudo que analisou as agressões sofridas pelas jornalistas em 2022, 64,3% delas tinham conexão com a cobertura eleitoral, e metade das ofensas tiveram a participação de agentes políticos e estatais. Veremos ao longo deste trabalho o quanto a figura de Bolsonaro é central na piora da qualidade de vida e de trabalho das profissionais de imprensa – sobretudo das que atuam na editoria de política.

Não faltam pesquisas que mostrem a piora na relação da imprensa e governo no Brasil, bem como o aumento das agressões contra jornalistas e contra as mulheres jornalistas. Numa delas, feita pela FENAJ<sup>33</sup>, constatou-se que Bolsonaro é quem mais atacada as de jornalistas. Segundo o estudo, ele é autor de quase 35% das ofensas

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>

contra a imprensa. O objetivo deste trabalho, como citamos, é justamente esmiuçar os ataques de Bolsonaro e seu séquito às jornalistas e o impacto desse comportamento. Por conta disso, ao longo das páginas desta dissertação, trazemos casos de mulheres que foram agredidas por ele. E como são inúmeros os casos, podemos já ilustrar uma situação vivida por uma repórter de política, que atuava na Jovem Pan, e que era publicamente apoiadora do governo Bolsonaro, e viu sua receita de publicidades recebidas do governo federal triplicar<sup>34</sup> durante o período do ex-governo. O jornal *Le Monde Diplomatique* noticiou o ocorrido<sup>35</sup>:

“No dia 6 de setembro, Bolsonaro esteve presente no programa Sabatina do canal Jovem Pan, veículo que se tornou a voz do bolsonarismo e ao qual o ex-presidente concedeu inúmeras entrevistas exclusivas ao longo do mandato. Nem mesmo em um órgão de imprensa considerado “chapa branca” o então presidente conseguiu esconder sua hostilidade à função jornalística e reincidiu no ataque a mulheres jornalistas. A vítima dessa vez foi Amanda Klein, que havia questionado o presidente sobre a suspeita da compra de imóveis em dinheiro vivo por seus familiares. Bolsonaro a chamou de “leviana”, descredibilizou o jornal *Folha de S. Paulo* e indagou se ela acreditava na imprensa. “Você acredita em você, olhando no espelho, Amanda? [sic]”, insistiu o ex-presidente”. (*LE MONDE DIPLOMATIQUE*, 2022).

A presidenta da Fenaj, Samira de Castro, chegou a comentar, numa entrevista ao jornal *Le Monde Diplomatique*<sup>36</sup>, que o comportamento de Bolsonaro com a imprensa – e com as mulheres – é o estímulo que os grupos bolsonaristas precisam para perseguirem, nas redes sociais, cada vez mais mulheres da imprensa. Ela reforça o quanto a prática é adotada por outros líderes de extrema-direita – contexto que trataremos mais à frente neste trabalho. Ao jornal, Samira declarou<sup>37</sup>: “Nós, jornalistas, entramos nesse contexto de perseguição, seguido à risca por Bolsonaro aqui no Brasil. O que a gente não esperava é que houvesse uma adesão tão forte da sociedade a esse tipo de comportamento”.

Na prática do jornalismo, ser setorista significa que a/o profissional se dedique a cobrir por um tempo – geralmente até que ela ou o chefe peçam para mudar – determinado assunto. Isso ocorre porque a faculdade de jornalismo é generalista – no

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/sob-bolsonaro-verbas-de-publicidade-oficial-para-radio-jovem-pan-triplicaram/>

<sup>35</sup> Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ataques-a-jornalistas-deram-a-tonica-em-ano-eleitoral/>

<sup>36</sup> Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ataques-a-jornalistas-deram-a-tonica-em-ano-eleitoral/>

<sup>37</sup> Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ataques-a-jornalistas-deram-a-tonica-em-ano-eleitoral/>

sentido de que o profissional não se aprofunda necessariamente em um tema, pois a premissa é cobrir todos os assuntos – e quem tem vontade de se especializar em uma editoria, ou setor, ou tema, geralmente, faz uma pós-graduação no assunto de interesse e se dedica a cobrir somente ele – sempre que possível. E no jornalismo político ainda é possível segmentar mais, por exemplo, há repórteres que cobrem só a Câmara dos Deputados – e aí, sabem o nome de cada parlamentar, assessor etc. Há os que se dedicam ao Senado, os que cobrem só o Supremo Tribunal Federal e por aí vai. Nossa intenção em esmiuçar esses detalhes da profissão é para exemplificar que as jornalistas que cobrem o Alvorada o fazem cotidianamente, indo ao Palácio quase que diariamente, passando horas naquele espaço. Nessa lógica, ser agredida pelo presidente da República pesa mais, porque não se trata de um evento esporádico, mas de uma rotina de insultos e desgastes desnecessários. Uma de nossas entrevistadas – cuja entrevista leremos no capítulo 4 desta dissertação - viveu isso na pele.

Também vale salientar que jornalistas – e neste caso tanto homens quanto mulheres – sabem que cobrir o Planalto não é das atividades mais fáceis, uma vez que há sempre muita imprensa, uma grande concorrência entre os profissionais – numa busca de quem consegue a informação primeiro -, e as relações com os parlamentares nem sempre são amistosas, pois é comum um jornal publicar uma matéria que desagrade o presidente da situação. O período do golpe, por exemplo, foi muito complicado – e aqui estamos nos atendo apenas à situação do trabalhador da imprensa -, porque os ânimos dos integrantes do governo estavam exaltados. Mas mesmo assim, segundo nossas entrevistadas, nada se compara ao que elas viveram no governo Bolsonaro.

### **3 UM BREVE OLHAR SOBRE A EXTREMA-DIREITA**

Antes de analisarmos os anos de governo Bolsonaro, bem como suas práticas autoritárias, é preciso fazer uma breve contextualização do ex-presidente no cenário político global. Quando Bolsonaro assumiu a presidência do Brasil, em 1º de janeiro de 2019, Donald Trump era presidente dos Estados Unidos; Recep Tayyip Erdoğan estava no quinto sob a presidência da Turquia; Benjamin Netanyahu, naquele momento, estava em seu 23º ano como primeiro-ministro de Israel; e a ultradireita já

estava em ascensão na Europa. Naquele ano, só para citar alguns exemplos, Matteo Salvini, um expoente da direita nacionalista na Europa, era vice-primeiro-ministro da Itália; na Holanda, Mark Rutte ocupava o cargo de primeiro-ministro; Viktor Orbán, que foi primeiro-ministro húngaro de 1998 a 2002, voltou em 2010 – e está lá desde então. Para além das lideranças que estão no poder, a Europa já assistia, em 2019, um crescimento de políticos e partidos de extrema direita, como o caso do fortalecimento de Marine Le Pen e seu partido *Rassemblement National* (Reagrupamento Nacional) na França; e da Alemanha, que viu, de 2018 para 19, o número de extremistas de direita crescer 33%<sup>38</sup>. Esses poucos exemplos nos dão conta de exemplificar que Jair Bolsonaro não foi um caso isolado e que líderes autoritários e/ou partidos de extrema-direita conservadora têm ganhado força - e eleições em alguns casos – no mundo contemporâneo.

Entender as motivações da extrema-direita, suas complexidades e ascensão não é um objetivo deste capítulo – e nem deste trabalho. No entanto, localizar que esse fenômeno político existe e que faz parte de discussões e estudos atuais nos ajudará a compreender as inspirações de Bolsonaro e como ele agia como um arremedo de políticos, como Trump, Salvini e Rutte, no trato com a imprensa, por exemplo. E quando falamos de extrema direita é preciso salientar que as motivações de partidos desse espectro ideológico variam de acordo com país/cultura, e no caso da Europa, há partidos que são abertamente neonazistas e há forças mais integradas ao jogo político institucional. No entanto, em linhas gerais, as principais características em comum da extrema-direita são o autoritarismo, o nacionalismo extremo, a misoginia, o racismo e a xenofobia. Há inúmeras discussões acerca do crescimento dessa manifestação política, e algumas delas, numa plana análise, vão na direção de que, para além das raízes históricas (nazifacismo), a crise do capitalismo neoliberal, a pandemia e a crise imigratória – que abalam países da Europa e os Estados Unidos, causando impactos no cidadão comum, como desemprego, aumento do custo de vida, violência, sensação de perda de direitos após reivindicações de grupos politicamente minoritários, e falta de perspectiva de futuro -, têm sido um terreno fértil para que lideranças políticas extremistas capitalizem o medo individual das pessoas e impregnem parte do pensamento coletivo com uma retórica de que o problema é o

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/n%C3%BAmero-de-extremistas-de-direita-na-alemanha-aumenta-um-ter%C3%A7o-em-2019/a-51700713>

outro (imigrante, negro, mulher, árabe, não branco, não cristão, periférico), que “rouba” empregos que, hipoteticamente, seriam da população local, que “violenta” mulheres e crianças, e que “ameaça” a cultura e a religião. E que a única forma de salvar o país de tanta ameaça é entregar a nação para que um líder, um grande líder de pulso firme contra os inimigos, governe o país, mantendo sua soberania.

“Vem se tornando cada vez mais fácil encontrar diversos governos que, sem serem diretamente orquestrados entre si, acabam por dialogar através de seus modelos análogos: uma sorte de populismo autoritário, que vem testando a resiliência institucional das democracias em seus respectivos países. Esses novos governos têm, igualmente, recorrido a uma profusão de estratégias comuns: a seleção de um passado mítico e glorioso, a criação de um anti-intelectualismo e um antijornalismo de base; um retorno à sociedade patriarcal de maneira a elevar conceitos como hierarquia e ordem; o uso da polícia do Estado ou, se necessário, de milícias para reprimir bandidos mas também desafetos políticos; uma verdadeira histeria sexual que acusa mulheres, gays, travestis e outras minorias de serem responsáveis pela degeneração moral de suas nações; um apelo à própria vitimização (a sua e de seus aliados), conclamando a população a reagir aos supostos algozes de outrora; o incentivo à polarização, que divide a população entre “eles” e “nós” (...); o uso extensivo da propaganda política que não preza a realidade pois prefere inventá-la; a naturalização de certos grupos nacionais; (...) a manipulação do Estado, de suas instituições e leis, visando perpetuar o controle da máquina e garantir um retorno nostálgico aos valores da terra, da família e das tradições, como se esses fossem sentimentos puros, imutáveis e resguardados.” (SCHWARCZ, 2019, p. 226-227).

Ao comparar atitudes de governos autoritários percebemos, como destacou SCHWARCZ, a semelhança nas atitudes. Vale resgatar, por exemplo, que uma das bandeiras da campanha presidencial de Trump, em 2016, foi criar um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México<sup>39</sup>. Na mesma linha, Le Pen, em 2017, prometia em sua campanha “congelar vistos de longo prazo para imigrantes e aumentar impostos para companhias que contratam estrangeiros”<sup>40</sup>. Outro exemplo de atitude que indica semelhança entre os governos autoritários é o trato que eles têm com as instituições de seus países, como as universidades, o judiciário e a imprensa. Notamos, por exemplo, que Viktor Orbán, desde que chegou ao poder, não mediu esforços para dar uma guinada autoritária à Hungria e atacar minorias<sup>41</sup>. “Orbán trocou centenas de juízes das cortes húngaras por aliados, (...) transformou centenas de

<sup>39</sup> Trump detalha como fará com que o México pague por muro na fronteira. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/04/trump-detalha-como-fara-com-que-o-mexico-pague-por-muro-na-fronteira.html>

<sup>40</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/marine-le-pen-promete-suspender-toda-a-imigracao-na-franca>

<sup>41</sup> Premiê da Hungria enfrenta fúria de líderes europeus por lei homofóbica. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/06/24/premie-da-hungria-enfrenta-furia-de-lideres-europeus-por-lei-homofobica.htm>

jornais independentes em máquinas de propaganda do Estado e chegou a reimprimir livros didáticos de História (...)”<sup>42</sup>. Outro exemplo é a Turquia, onde Erdoğan persegue, criminaliza e faz de tudo para silenciar, há décadas, movimentos sociais, jornalistas e toda e qualquer forma de oposição ao seu governo. "Quem ousa exprimir sua opinião é imediatamente rotulado como um traidor", declarou Elif Shafak, um escritor turco que vive em Londres, ao jornal Valor Econômico<sup>43</sup>.

O silenciamento da imprensa e de ativistas que se colocam contra regimes autoritários é uma estratégia comum desses líderes, que, dentro da lógica de dominação que estabelecem em seus governos, precisam criar uma retórica única para, então, conseguirem enfraquecer instituições, aumentar violência policial, adotar medidas de austeridade, dentre outras ações. Em outras palavras: para se firmarem como uma espécie de “pai da nação” e terem aval para fazer o que quiserem, os líderes de governos autoritários precisam de uma comunicação que os favoreça, que ratifique seus discursos e que justifique suas atitudes. É por isso que, de modo geral, a ambição de líderes autoritários é fazer o uso de propaganda política que fale bem de seus governos e mal de quem eles [os líderes] elegem como opositores a serem aniquilados.

“A comunicação direta com a população é uma das formas empregadas para que o ideário autoritário prospere e mantenha o maior número de pessoas sintonizadas com os valores conservadores e até mesmo reacionários.” (SEGURADO, 2021, p. 53).

Nesse sentido, o controle da imprensa é fundamental, pois, como tratamos nos capítulos anteriores desta dissertação, o papel da imprensa é informar o cidadão, cobrar autoridades, questionar ações e, se necessário, apontar falhas dos governos de seus países, mantendo um compromisso com a verdade factual.

Ao fazer uma brevíssima análise da história, nota-se que esses movimentos não começaram agora. Para ilustrar, podemos citar dois exemplos do passado recente – como o da Alemanha Nazista (1933-1945) e da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) – que fizeram uso do controle da informação. No país europeu, em 1933, Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista, lançou um rádio popular, chamado de Volksempfänger (em alemão significa rádio do povo), com o objetivo de disseminar propaganda do governo nazista.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60396883>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2016/07/16/presidente-turco-governa-o-pais-desde-2002-sufocando-opositores.ghtml>

“Os rádios do povo tinham alcance limitado e as únicas estações que pegavam direito eram as alemãs – que funcionavam sob censura e transmitiam basicamente pronunciamento do Führer, música clássica e folk alemã, além de notícias filtradas e propaganda enaltecendo o nazismo. À noite, às vezes era possível captar o sinal de emissoras estrangeiras, como a BBC, mas quem fosse pego ouvindo uma estação de país inimigo poderia ser preso” (MELLO, 2020, p. 21).

Quando olhamos para o período ditatorial brasileiro, também constatamos que os governos também controlavam a imprensa por meio da censura e repressão.

“Com a subida dos militares ao poder, teve início um período de repressão política, que levaria à prisão dos opositores ao regime e à censura à imprensa. (...). Na época, alguns jornais foram invadidos e fechados pelos órgãos de repressão policial-militar. No Rio de Janeiro, o Correio da Manhã e o Jornal do Brasil tiveram seus diretores e vários de seus jornalistas presos. A partir de então, os temas políticos passaram a ser cuidadosamente censurados, enquanto a imprensa, com uma série de estratégias e artifícios, tentava denunciar a ação da censura. Nos espaços de matérias que haviam sido proibidas, alguns jornais e revistas publicavam receitas culinárias absurdas ou poemas, como fez O Estado de S. Paulo. Outras vezes, deixavam os espaços em branco ou os preenchiam com figuras de demônios, como fez a Veja.” (ABREU, 2002, p. 14-15).

Ao longo dos quatro anos de governo, Bolsonaro, seus apoiadores e ministros sempre fizeram questão de mostrar o quão seriam truculentos com quem os desagradasse. Além disso, alguns deles não se intimidavam em mostrar, por exemplo, suas inspirações nazifascistas. Um dos muitos episódios emblemáticos ocorreu em 2020, quando o ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, fez um pronunciamento com referências nazistas. Todos os grandes jornais noticiaram, como fez o El País<sup>44</sup>:

“Ao som de Richard Wagner, o compositor favorito de Adolf Hitler, o secretário de Cultura do Governo, Roberto Alvim, plagiou em pronunciamento que foi ao ar nas redes sociais trechos de um discurso do ministro da Propaganda do fúhrer nazista, Joseph Goebbels. “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada”, diz Alvim no vídeo. O líder nazista havia dito: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferrenhamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa (...) ou então não será nada”. (EL PAÍS, 2023).

À época, o evento tomou grande repercussão e Alvim foi demitido; no entanto, o próprio Bolsonaro nunca escondeu, por exemplo, que admirava o Coronel Brilhante

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>

Ustra<sup>45</sup>, a quem chamou de 'herói nacional'<sup>46</sup>. Além de expor sua admiração por figuras do passado que, comprovadamente, cometeram assassinatos, era comum ver Bolsonaro enviando mensagens de apoio e agradecimentos a líderes atuais, como Benjamin Netanyahu<sup>47</sup>, fazendo questão de ser fotografado ao lado de líderes de ultradireita, como Matteo Salvini<sup>48</sup>, chamando figuras como Orbán de irmão, destacando afinidade nos costumes, que, nas palavras dele, são: 'Deus, pátria, família'<sup>49</sup>, além da pública e notória adulação de Bolsonaro a Trump. Para citar um, dentre tantos exemplos, vale lembrar que ele deixava claro que torcia pela reeleição do então presidente norte-americano e dizia da aproximação entre os países. Nas palavras do ex presidente Jair Bolsonaro: "Desde o primeiro contato com o senhor presidente Donald Trump, nasceu entre nós um sentimento de cooperação de buscar o bem para seus países."<sup>50</sup> Tratar da relação entre EUA e Brasil não é o foco deste trabalho, mas não podemos nos furtar em registrar que a tal cooperação entre EUA e Brasil não aconteceu, pois, como sabemos, durante os anos de Bolsonaro, a postura do Brasil sempre foi de subserviência aos Estados Unidos. Para citar um exemplo simples, basta lembrar a situação dos vistos de imigração<sup>51</sup>: o Brasil liberou para que americanos entrassem sem vistos e os EUA mantiveram a exigência. Portanto, os movimentos de Bolsonaro para se aproximar de Trump (e de outros líderes já citados) nunca foram republicanos, mas sim, movidos por interesses pessoais e de manutenção do poder. É por conta deles que, para além das inspirações ideológicas, Bolsonaro fez questão de seguir o mesmo manual que esses líderes ultraconservadores utilizaram, seja no trato com a imprensa, seja na comunicação direta com os eleitores e a alta produção de fake news. É sobre isso que falaremos agora.

---

<sup>45</sup> Brilhante Ustra foi chefe do DOI-Codi, divisão de repressão e inteligência da ditadura, nos anos entre 1970 e 1974. Ele foi o primeiro militar condenado por crimes cometidos durante o regime ditatorial

<sup>46</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional>

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/bolsonaro-agradece-netanyahu-por-parceria-e-da-boas-vindas-a-novo-governo-em-israel.shtml>

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/bolsonaro-faz-aceno-a-extrema-direita-em-encontro-com-salvini/>

<sup>49</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/17/bolsonaro-e-orban-assinam-acordos-em-budapeste.ghtml>

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883385-bolsonaro-torce-por-reeleicao-de-trump-nao-preciso-esconder-isso.html>

<sup>51</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/18/bolsonaro-libera-cidadaos-de-eua-australia-canada-e-japao-de-visto-de-visita-ao-brasil.ghtml>

### 3.1 Fake news como estratégia de manipulação

Embora a criação de narrativas mentirosas com intuito de enganar pessoas não seja uma novidade contemporânea, o debate acerca das notícias falsas renasceu no mundo em 2016, quando a campanha do então candidato Donald Trump passou a inventar informações contra a adversária Hillary Clinton. No Brasil, as fakes news também ressurgiram num contexto de disputa presidencial, em 2018, quando a campanha do então candidato Jair Bolsonaro focou boa parte de seus esforços em criar fake news sobre seus adversários políticos. A investida da campanha de Bolsonaro naquele ano foi tamanha que 98,21% de seus eleitores foram expostos a uma ou mais notícias falsas e 89,77% acreditaram que os fatos eram verdade<sup>52</sup>. Para garantir uma espécie de ‘eficácia’ em sua estratégia de comunicação, Bolsonaro e seus filhos Eduardo e Carlos Bolsonaro adotaram os mesmos métodos de Donald Trump na campanha – também depois de eleito. O ex estrategista de Trump e ideólogo da nova direita radical populista, Steve Bannon, tornou-se inclusive uma espécie de guru dos da família Bolsonaro. Uma matéria da Agência Pública<sup>53</sup> revelou, em 2022, o quanto a família do ex-presidente se empenhou nessa relação.

“A família Bolsonaro gastou imenso tempo e esforço para construir alianças nos Estados Unidos. Eduardo Bolsonaro conheceu o ideólogo da ultradireita americana Steve Bannon em agosto de 2018 e, meses depois, foi nomeado representante sul-americano do The Movement, uma plataforma de partidos políticos de direita. Desde então, se reuniu com os principais apoiadores de Trump 77 vezes (...)” (PUBLICA, 2022).

Dentre os ensinamentos da cartilha Bannon, a produção e o compartilhamento de memes e fake news eram fundamentais. Aqui, vale esclarecer que as fakes news não provêm de algum erro de apuração ou de algum mal-entendido. A comunicação das campanhas eleitorais ou as assessorias desses líderes autoritários, quando soltam as fakes news, sabem o que estão fazendo. Isso porque esse produto de comunicação se tornou uma excelente ferramenta, inicialmente usada pela extrema-direita do Brasil e do mundo, para difundir algum discurso de ódio, que reforce na população de um determinado país os sentimentos, já citados, de misoginia, racismo,

---

<sup>52</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml> . Acesso em 28/11/2022

<sup>53</sup> Disponível em <https://apublica.org/sentinela/2022/12/15-taticas-golpistas-de-trump-que-bolsonaro-ja-adotou-e-as-que-ainda-vai-usar/>

homofobia, xenofobia, etc. Nesse contexto, as redes sociais são imprescindíveis, pois a natureza aberta e descentralizada das redes favorece a disseminação rápida das notícias falsas.

“As táticas de compartilhamento de desinformação por Facebook, WhatsApp, Telegram, Instagram, Youtube, entre outras plataformas, encontram eco nas crenças conservadoras presentes do campo social. Cada postagem é calculada para gerar engajamento, mesmo que haja incoerência ou mentira na mensagem divulgada, demonstrando a falta de compromisso ético com os efeitos daquilo que se dissemina.” (SEGURADO, 2021, P. 55).

Isso tem um impacto muito grande no Brasil, à medida que se sabe que 94% dos brasileiros têm conta em rede social e que o WhatsApp lidera com 92%<sup>54</sup>. Outro dado é que não ocorreu – como muitos imaginavam – uma grande democratização do acesso à informação por meio da internet e uma maior participação política. O que se vê é uma distribuição desigual de competências técnicas e recursos financeiros (GOMES, 2009). Uma pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil mostrou que 90% dos usuários das classes D e E só acessam a internet por dispositivos móveis. Ou seja, essas pessoas não têm dados suficientes para checar em um site de notícia, por exemplo, se aquela informação que ela recebeu no WhatsApp é verdadeira ou não. Isso quer dizer que mesmo que essa pessoa tenha vontade política de checar uma informação que recebe, ela não tem recursos financeiros para isso.

Diferentemente das fake news produzidas em 2018 – que continham certa bizarrice como o vídeo da "mamadeira de piroca"<sup>55</sup> – as que foram feitas nas eleições de 2022 estão mais parecidas com a estrutura das notícias feitas por jornais da grande mídia, mantendo uma semelhança no tipo de foto escolhida para compor o texto e a composição da notícia. Havia, inclusive, sites cujos nomes poderiam ser de sites de notícias. Tudo com o intuito de confundir o leitor. Além disso, o foco das fake news de 2022 saiu um pouco do campo moral e foi para o sistema eleitoral – temática que Bolsonaro explora há alguns anos. Uma matéria no jornal Folha de S. Paulo<sup>56</sup> mostrou que, de acordo com levantamento da Palver, empresa de tecnologia que monitora mais de 15 mil grupos públicos de WhatsApp, "as mensagens desinformativas que mais viralizaram questionam de algum modo as urnas ou as autoridades eleitorais".

---

<sup>54</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-idera-com-92.shtml>

<sup>55</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/perfis-que-viralizaram-mamadeira-de-piroca-espalham-ate-hoje-fake-news-contr-o-pt.shtml>

<sup>56</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022.shtml>

Uma forma interessante de analisar a manipulação de alguns governos e líderes de direita é tirar o argumento deles de contexto. Ao adotar o exemplo das eleições tanto no Brasil como nos Estados Unidos, vamos ver que Trump<sup>57</sup> coloca em dúvida o resultado das eleições, que, no país norte-americano, são realizadas por meio de cédulas de papel e dependem de contagem humana. Já aqui no Brasil, Bolsonaro e seus asseclas criaram um clima de desconfiança em torno das eleições questionando as urnas eletrônicas, que, como o próprio nome diz, têm um sistema automatizado para a verificação dos votos. O alvoroço que Bolsonaro fez por conta das urnas fez com que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 2021, sob o comando do ministro Roberto Barroso, divulgasse uma campanha sobre a segurança das urnas eletrônicas<sup>58</sup>. Mesmo com todo o esforço do TSE e dos jornais, um relatório elaborado pelo NetLab<sup>59</sup>, grupo de pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mostrou, em outubro de 2022 (portanto, o mês das eleições presidenciais no Brasil), que havia 27 grupos no aplicativo Telegram – um para cada estado – cuja função era fazer uma espécie de “contagem pública” dos votos. Ao todo, os grupos reuniam, à época, quase 90 mil pessoas.

No ensejo de minimizar os impactos das fake news nas eleições brasileiras de 2018, algumas empresas jornalísticas criaram, naquele ano, agências de checagem dos fatos<sup>60</sup>, cuja função é desmentir informações falsas que circulam na internet e nas redes sociais. Percebeu-se logo, no entanto, que seria impossível esclarecer toda e qualquer fake news criada, sobretudo pela máquina bolsonarista. Em entrevista ao documentário “É tudo Mentira”, feito pela Alma Preta Jornalismo<sup>61</sup>, Mari Leal, repórter do Correio da Bahia e do Projeto Comprova, afirma que “o principal desafio das agências de checagem é conseguir acompanhar o fluxo que esses conteúdos enganosos são produzidos. É uma corrida! A gente ainda está correndo atrás, a gente ainda está num momento de reparar um dano. Às vezes é inimaginável a informação que vai ser distorcida, você pensa: nossa como? Como assim? Então, acho que esse ainda é o principal desafio, fora disseminar no domínio de ferramentas, no acesso a

---

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-e-outros-republicanos-lancam-duvidas-sobre-resultados-das-eleicoes-nos-eua/>

<sup>58</sup> Disponível em <https://www.poder360.com.br/brasil/tse-divulga-campanha-a-favor-da-urna-eletronica/>

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63097867>

<sup>60</sup> O trabalho realizado pelos sites de fact-checking, como Aos Fatos, Projeto Comprova e Fato ou Fake, consiste em selecionar informações divulgadas por autoridades, políticos, pessoas públicas e verificar a sua veracidade.

<sup>61</sup> Disponível em [https://youtu.be/M781D\\_UXmYA?feature=shared](https://youtu.be/M781D_UXmYA?feature=shared)

ferramentas que ajudam a saber se um áudio é mesmo associado àquela imagem, se ele foi agregado a uma imagem, um vídeo que foi produzido, conseguir dominar as ferramentas, saber se uma imagem foi adulterada ou não foi”.

Numa democracia, é atribuída à imprensa a prerrogativa de dizer o que é factual ou não. É dela, como já citamos neste estudo, o papel de ir atrás de fontes confiáveis e checar, no caso da pandemia – apenas para citar um exemplo recente – o que é ou não, do ponto de vista técnico/científico, informação correta e confiável. Na esteira dessa concepção, os jornais e os jornalistas sentiram-se incumbidos de desmentir fake news. No entanto, alguns estudiosos, como Wilson Gomes, consideram ingênua a atitude – mais dos trabalhadores do que os empregadores – de achar que é possível ir contra a produção de fake news. Isso porque as agências de checagem e as máquinas de produção de fake news não estão em pé de igualdade, pois os produtores de notícia falsa têm outro forte aliado: os algoritmos das plataformas de redes sociais, que privilegiam determinados conteúdos em detrimento de outros. Em 2022, a Universidade Federal do Rio de Janeiro divulgou um estudo no qual mostrou que o YouTube privilegiou vídeos da Jovem Pan a favor de Jair Bolsonaro. De acordo com matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo<sup>62</sup>, naquele ano: “durante o levantamento, em 18 visitas-teste à plataforma com perfis diferentes, os canais do grupo Jovem Pan foram indicados 14 vezes na página inicial do YouTube, com um ou mais vídeos sugeridos. O mais recomendado aos usuários foi o da participação de Bolsonaro no programa Pânico, no dia 26 de agosto.”

Entender como as empresas detentoras de redes sociais contribuem com a disseminação de notícias falsas é objeto de estudo de vários autores contemporâneos. Evgeny Morozov faz uma provocação em seu livro "Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política", questionando quem está por trás das fake news. E para responder questões como essa, é inevitável levar em conta o faturamento que as empresas detentoras das redes sociais têm com o compartilhamento de mensagens falsas ou que atacam a reputação de uma instituição ou pessoa. Um levantamento do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)<sup>63</sup>,

---

<sup>62</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/youtube-privilegia-ideos-pro-bolsonaro-em-recomendacoes-a-usuarios-diz-estudo.shtml>

<sup>63</sup> Disponível em [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna\\_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml)

nos Estados Unidos, mostrou, em 2018, que uma informação falsa tem 70% mais chances de ser espalhada do que uma notícia verdadeira.

Para tentar conter o avanço das fake news e estabelecer alguns critérios para as big techs, alguns países têm tomado medidas de controle. Em 2019, foi criada a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News<sup>64</sup>, com o intuito de investigar ataques virtuais que atentaram contra a democracia e o debate público, bem como os ataques orquestrados contra instituições e agentes públicos. Apesar de obter declarações importantes – e se debruçar sobre o chamado Gabinete do Ódio –, um grupo que obedecia às ordens de Carlos Bolsonaro para espalhar fake news e insultar adversários, a CPMI das Fake News não chegou a nenhuma conclusão e foi interrompida em 2020. Há também o PL das Fake News, Projeto de Lei 2.630<sup>65</sup>, cujo objetivo principal é regular o uso das redes sociais, estabelecendo diretrizes para a moderação de conteúdo nas plataformas digitais e adotando penalidades às empresas que não agirem para prevenir práticas ilegais. O PL tramita na Câmara desde 2020 e é um tema polêmico no debate público, pois há quem diga que o PL é uma espécie de censura. No entanto, ele deve voltar à pauta em 2024, ano de eleição no Brasil.

Por mais que ainda não haja o controle devido, o fato é que a produção de fakes se entranhou de uma forma na sociedade brasileira que, em alguns casos, até os profissionais de imprensa têm dificuldades de entender se aquilo é verdade ou não, considerando o nível e a profissionalização da montagem da notícia. Ademais, como já citado neste texto, está cada vez mais difícil para um cidadão – que acaba se informando por grupos de WhatsApp – reconhecer uma notícia falsa, sobretudo quando aquilo que ele lê vai ao encontro com o que acredita ou com a fé que profere. Nesse caldeirão, é fundamental considerar também o clima de polarização política que tomou o Brasil, sobretudo após 2013 e eventos como as Jornadas de Junho, os escândalos de corrupção, o descrédito do Legislativo, o golpe contra Dilma Rousseff e as eleições de 2018. Todos esses elementos, juntos, tornam o debate político num ambiente de caos e confusão, cenário perfeito, na visão dos ultradireitas, para liquidar moralmente seus adversários.

---

<sup>64</sup> Disponível em <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>

<sup>65</sup> Disponível em <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/pl-das-fake-news-entenda-o-que-e-seu-impacto-e-as-principais-criticas-18042022>

### 3.2 Estratégias para desmoralizar pessoas e instituições

Ao estabelecer uma conexão com as práticas de manipulação desenvolvidas por líderes autoritários do passado e os atuais, é preciso marcar algumas diferenças, sobretudo em relação à comunicação e ao jornalismo, que é o objetivo deste estudo. Se antes havia uma atuação, digamos, mais institucionalizada de alguns governos autoritários – como fechar redações e prender jornalistas – hoje alguns líderes atuam de forma mais obscura e têm nas redes sociais uma aliada potente para difundir fake news e discursos de ódio e destruir reputações.

O caso da jornalista Patrícia Campos Mello é emblemático nesse sentido. Em 2018, ela publicou uma matéria no jornal Folha de S. Paulo<sup>66</sup> detalhando os bastidores de uma estratégia ilegal de financiamento de fake news no WhatsApp na campanha de Bolsonaro, expondo empresas e empresários que patrocinaram campanhas contra o PT - partido do principal adversário do atual presidente. Esses empresários compraram serviços de disparo em massa, nos quais os contratos eram milionários - e ilegais porque se tratavam de doação de campanha por empresas, vedada pela legislação eleitoral, e não declarada.

A fim de intimidar a jornalista, Bolsonaro e seus apoiadores embarcaram numa empreitada para destruí-la moralmente. Logo após a matéria ser publicada, o ex-deputado Alexandre Frota postou um vídeo no qual mostrava imagens da jornalista, chamando-a de “desclassificada, sem-vergonha, mentirosa, petista” (Mello, 2020, p.9). O material viralizou e chegou ao filho da profissional, que tinha 7 anos à época. “(...) Manuel entrou no meu quarto e falou: - Mamãe, tem um vídeo na internet de um cara te xingando. Posso assistir com você?” (Mello, 2020, p.9). Os ataques não pararam por aí. Rapidamente, os eleitores de Bolsonaro encontraram um vídeo, de 2013, em que a jornalista afirmava que era de esquerda e que sempre votou no PT. Em seu livro, Patrícia considera a atitude de ter comentado sua preferência política como um erro, levando em consideração o fato – como abordamos no início deste trabalho – de que esperam que os jornalistas, sobretudo os de política, não divulguem suas preferências político-partidárias. O fato é que editaram o material, compartilharam nas redes e Patrícia começou a receber xingamentos de “putinha do

---

<sup>66</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>

PT”, “vagabunda comunista”, “jornalstinha comunista” (Mello, 2020, p.12); além de ligações ameaçadoras e uma proliferação de memes e montagens, que inundaram rapidamente as redes sociais.

A velocidade e a intensidade com que as notícias falsas são espalhadas são fundamentais para o processo de destruição de reputações. Em estudo denominado "The Russian 'Firehose of Falsehood' Propaganda Model - Why It Might Work and Options to Counter It"<sup>67</sup>, os pesquisadores norte-americanos, Christopher Paul e Miriam Matthews, explicam que a técnica, denominada como Firehosing, se caracteriza pela propagação de mentiras em larga escala, em um fluxo constante e repetitivo. Dessa forma, consegue-se inundar o debate público com as fake news, ao ponto de conseguir o monopólio da primeira impressão sobre o assunto. Para chegar a tal conclusão, os pesquisadores observaram durante seis anos o governo de Vladimir Putin e a tática adotada por seu governo quando a Rússia anexou a Crimeia.

“Caracterizamos o modelo russo contemporâneo de propaganda como ‘a mangueira de incêndio da falsidade’ devido a duas das suas características distintas: um elevado número de canais e mensagens e uma disposição desavergonhada para disseminar verdades parciais ou ficções puras. Nas palavras de um observador, “a nova propaganda russa entretém, confunde e sobrecarrega o público”. (PAUL; MATTHEWS; 2016; p.1).

As conclusões desse levantamento feito para observar como o governo russo agiu e age para impregnar o debate público com notícias que o favoreçam caem como uma luva em outros contextos políticos, como o norte-americano, o húngaro e o brasileiro – apenas para citar casos mais expoentes.

“Na versão moderna do autoritarismo – em que governantes não rasgam a Constituição e nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro -, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade – e abafe outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais” (Mello, 2020, p. 23).

Outro flanco dessa premeditada guerra de narrativas para confundir o cidadão está no fato de que Trump – e outros líderes como Bolsonaro – passaram a dizer que fake news eram as notícias produzidas por jornalistas. Jim Acosta, um jornalista crítico ao ex-governo norte-americano, descreveu um diálogo que teve com o ex-presidente.

"ACOSTA: o senhor não está preocupado com a possibilidade de estar enfraquecendo a Primeira Emenda, da liberdade de imprensa, a imprensa deste país, quando chama as reportagens de que não gosta de “fake news”? Por que não dizer que é uma notícia que não o agrada? TRUMP: Eu faço

---

<sup>67</sup> Disponível em <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>

isso. ACOSTA: Quando o senhor chama de “fake news”, prejudica a confiança na imprensa. TRUMP: Não, não. Eu faço isso. Mas veja bem. Certo. Entendo onde quer chegar — e você está certo sobre isso, exceto por uma coisa. Veja, sei quando devo receber elogios e quando mereço críticas. E algumas vezes digo: “Uau, essa vai ser uma grande reportagem.” E sou massacrado. Sei o que é bom e o que é ruim. Eu seria um excelente repórter, não tão bom quanto você. Mas sei o que é bom. E sei o que é ruim.” (ACOSTA, 2019, kindle).

Uma das conclusões que se pode tirar desse diálogo de Trump e Acosta é que na estratégia de acabar com reputações, a fala do presidente/líder (que muitas vezes está acompanhada de desprezo e sarcasmo) tem papel fundamental. Voltando ao exemplo da jornalista Patrícia Campos Mello, é relevante observar que não foram só os apoiadores do ex-presidente que se ocuparam em ofender a profissional de imprensa. O próprio Bolsonaro também a atacou. Em fevereiro de 2020, durante da CPMI das Fake News, Hans River do Rio Nascimento, um funcionário de uma empresa de disparo de mensagens em massa, mentiu<sup>68</sup> ao afirmar que a jornalista havia se insinuado sexualmente para obter informações. Naquele mesmo mês, numa coletiva de imprensa, ao ser questionado sobre a atuação de Patrícia, o ex-presidente falou<sup>69</sup>: “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”. Não demorou para ela receber uma avalanche de ataques. Ela descreveu alguns em seu livro, identificando os agressores:

“Recebi milhares de mensagens agressivas pelo Facebook, e-mails, Instagram e Twitter. Muito nem se dava ao trabalho de esconder a identidade, mandavam de suas contas pessoais. “Você tava querendo dar a buceta para ver o notebook do cara kkkkkkk então você chupa piroca por fontes?”, dizia um usuário do Facebook chamado Bruno Pires, que, segundo sua conta na rede social, estudou direito na Universidade Rio Verde. “Putado do caralho, por que você não libera os seus comentários? Quem tem cu, tem medo”, disse um Luciano Martins, de Santo André, em mensagem enviada por Facebook”. (MELLO, 2020, p. 84).

O que aconteceu com Patrícia não foi um caso isolado, sobretudo no que diz respeito a gênero. O já citado levantamento da Revista AzMina<sup>70</sup>, que analisou, em 2021, 200 perfis de jornalistas, mostrou que, no Twitter, as cinco jornalistas mais ofendidas são Eliane Cantanhêde, Vera Magalhães, Daniela Lima, Miriam Leitão e

<sup>68</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa-mente-a-cpi-e-insulta-reporter-da-folha.shtml>

<sup>69</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/videos/2020/02/18/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-ela-queria-dar-o-furo-0402CD99366AD8B96326.htm>

<sup>70</sup> Levantamento feito pela Revista AzMina e pelo InternetLab, junto com Volt Data Lab, INCT.DD, Instituto Vero e DFR Lab, com apoio do ICFJ (International Center for Journalists). Disponível em <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>

Mônica Bergamo. “Enquanto 8% dos tuítes ofensivos direcionados para os jornalistas homens eram de fato hostis, 17% dos direcionados às jornalistas mulheres eram ataques”<sup>71</sup>, informa o site AzMina. Veremos mais profundamente, no quarto capítulo deste estudo, como a engrenagem bolsonarista agiu para intimidar jornalistas, que escreviam alguma reportagem ou simplesmente faziam perguntas incômodas. E por mais que houvesse ofensas aos profissionais do sexo masculino, eram as mulheres o alvo de Bolsonaro.

#### 4 QUESTÕES DE GÊNERO - MACHISMO E MISOGINIA NA EXTREMA DIREITA

Antes de seguirmos analisando, com mais profundidade, a situação das jornalistas no Brasil e no mundo, vale tratar, brevemente, do ódio masculino contra as mulheres. Na cartilha dos conservadores, que prega a preservação do binarismo e da hierarquia de gênero, a mulher deve ser submissa ao homem e desempenhar um papel de bela, recatada e do lar<sup>72</sup>, e quem escapa desse ideal merece ser desqualificada. Apesar de sintética, essa é a ideia central que ancora a atuação de líderes autoritários em diversos países do mundo. Não à toa, à medida que a extrema direita vem ganhando terreno – e eleições – as mulheres vêm perdendo direitos civis. A Agência Pública destacou em uma matéria<sup>73</sup> o artigo “A vingança dos Patriarcas – Por que os autocratas temem as mulheres”, escrito por duas pesquisadoras de Harvard, Erica Chenoweth e Zoe Marks, que defendem que “compreender a relação entre sexismo e retrocesso democrático é vital para aqueles que desejam lutar contra”<sup>74</sup>.

“Autocratas e autoritários patriarcais têm boas razões para temer a participação política das mulheres: quando as mulheres participam de movimentos de massa, esses movimentos são mais propensos a ter sucesso e mais propensos a levar a uma democracia mais igualitária. Em outras palavras, mulheres totalmente livres e politicamente ativas são uma ameaça

---

<sup>71</sup> Disponível em <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>

<sup>72</sup> Em 18 de abril de 2016, a Revista Veja SP publicou um perfil da então primeira-dama do Brasil, Marcela Temer, no qual destacou a suposta beleza e o recato de Marcela. “Bela, recata é “do lar” foi a chamada de capa da revista. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

<sup>73</sup> Disponível em <https://apublica.org/sentinela/2022/08/caso-vera-magalhaes-bolsonaro-odeia-as-mulheres-porque-odeia-a-democracia/>

<sup>74</sup> Disponível em <https://apublica.org/sentinela/2022/08/caso-vera-magalhaes-bolsonaro-odeia-as-mulheres-porque-odeia-a-democracia/>

para líderes autoritários e de tendência autoritária – e, portanto, esses líderes têm uma razão estratégica para serem sexistas.” (CHENOWETH; MARKS, 2022, p 103).

Notamos a aderência das ideias das pesquisadoras à realidade quando analisamos o contexto brasileiro. Nas últimas eleições presidenciais (2022), um levantamento do Datafolha mostrou, em maio daquele ano, que a rejeição das mulheres a Bolsonaro era de 60% para a classe mais baixa e de 56% para as duas classes mais altas<sup>75</sup>. Ou seja, eram as mulheres o centro das últimas eleições e foram elas que ditaram, sobretudo, a tônica das campanhas, tanto que Bolsonaro se viu obrigado a adotar estratégias para atrair o público feminino<sup>76</sup>, que, naquele ano eleitoral, correspondia a 52,65% das pessoas aptas a votar, segundo dados do TSE<sup>77</sup>.

No entanto, para além da constatação de que o movimento de mulheres fortalece as democracias (no sentido de que ao reivindicarem direitos e rejeitarem ações e líderes autoritários, as mulheres contribuem com a sociedade como um todo), há nos discursos e atitudes misóginas um ressentimento masculino, que pode ter diversas raízes, como a perda de um suposto status financeiro ou de provedor, que – dia após dia – vem caindo por terra, pois sabemos que são as mulheres, em sua maioria, que sustentam as famílias<sup>78</sup>. “Crises econômicas têm papel fundamental na formação de subjetividades, emoções e frustrações das pessoas. No Brasil, é impossível separar a crise econômica da crise do macho.” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.92). É preciso demarcar, também, considerando o contexto brasileiro, o traço violento da cultura calcada no ataque e aniquilamento de minorias.

“A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual. Essas são raízes compactas de nosso autoritarismo, que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero. As mulheres deveriam atuar como “princesas”, obedecendo e se subordinando aos maridos, enquanto os homens são eternos “príncipes”, cientes de seu domínio de autoridade”. (SCHWARCZ, 2019, p. 187).

---

<sup>75</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/datafolha-aversao-a-bolsonaro-e-dominante-entre-mulheres-pobres-e-ricas.shtml>

<sup>76</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/09/03/rejeitado-por-55-das-mulheres-bolsonaro-quer-convencer-que-ele-e-a-vitima.htm>

<sup>77</sup> Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>

<sup>78</sup> Disponível em <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>

Para se ter uma ideia do tamanho da violência que as mulheres sofrem no Brasil, vale resgatar alguns dados. A última edição da pesquisa "Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil"<sup>79</sup>, desenvolvida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrou que cerca de 18,6 milhões (28,9%) de mulheres relataram ter sido vítimas de algum tipo de violência ou agressão, o maior percentual da série histórica do levantamento. Na lista de agressões mais recorrentes, segundo o estudo, foram as ofensas verbais (23,1%), perseguição (13,5%) e chutes e socos (11,3%). Outro levantamento<sup>80</sup>, que diz respeito à percepção das mulheres sobre a violência, feito pelo Instituto DataSenado, mostra que 74% das brasileiras perceberam um aumento da violência doméstica e familiar em 2023. O ataque às mulheres não é uma exclusividade brasileira. Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>81</sup>, divulgado em 2021, mostrou que, no mundo, 1 a cada 3 mulheres sofrem violência. "A violência praticada pelo parceiro é de longe a forma de violência mais prevalente contra as mulheres em todo o mundo (afetando cerca de 641 milhões)", diz o estudo.

Se, por um lado, as mulheres sofrem ataques de seus maridos, familiares e/ou conhecidos (em 76% dos casos de violência, o agressor é conhecido da vítima<sup>82</sup>), por outro lado, o Estado, muitas vezes, se coloca também como um agressor. As diversas discussões sobre o aborto em vários países do mundo e a perda de alguns direitos reprodutivos conquistados ilustram nosso argumento. Apenas para citar dois exemplos, em 2022, a Suprema Corte dos EUA<sup>83</sup> revogou o direito ao aborto, uma decisão que abre brecha para mais restrições e proibições à interrupção da gravidez no país. No Brasil, onde o aborto é permitido em três situações (gravidez decorrente de estupro, risco à vida da mulher e anencefalia do feto), têm-se tornado cada vez mais comuns episódios em que mulheres e meninas encontram dificuldades para realizar o procedimento, pois médicos têm se recusado a fazê-lo alegando questões morais e/ou grupos conservadores se prostram frente a hospitais numa tentativa

---

<sup>79</sup> Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>

<sup>80</sup> A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher foi divulgada pelo Instituto DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/pesquisanacional>

<sup>81</sup> Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>

<sup>82</sup> Pesquisa Violência Contra as Mulheres, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/34-das-mulheres-alvo-de-violencia-conhecem-agressor/>

<sup>83</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61931286>

estapafúrdia de intimidar as vítimas de violência que procuram unidades hospitalares para abortar legalmente. Casos como esses seriam apenas trágicos se não indicassem que há uma caçada contra as mulheres.

A violência sexual e física é apenas a ponta do iceberg de uma estrutura patriarcal e misógina, pois antes desses tipos de ataques existem outras formas de violência, como as verbais, que, embora não deixem marcas visíveis, machucam profundamente as vítimas. Nesse sentido, a postura de presidentes como Trump, nos Estados Unidos, e Bolsonaro, no Brasil, de ofender mulheres, inclusive aquelas que estão trabalhando, como as jornalistas, é altamente danosa para as sociedades, pois inflama ainda mais o ego de homens que, por qualquer motivo, nutrem um ódio contra o gênero feminino e não suportam ver mulheres combativas e questionadoras.

#### **4.1 Violência contra as jornalistas – casos internacionais**

Durante as conversas individuais que tivemos com as jornalistas (as quais veremos no próximo capítulo), algumas afirmaram que sabiam que não eram as únicas que passavam por episódios de violência no exercício da profissão, e que o ataque às mulheres da imprensa fazia parte da estratégia política de Bolsonaro, algo que também ocorria em outros lugares do mundo. Elas estavam corretas. Um levantamento do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ)<sup>84</sup> realizado em 125 países e divulgado em 2022 revelou que 49% das jornalistas já foram alvo de ofensas e xingamentos simplesmente por serem mulheres, e que 73% delas sofreram algum tipo de violência online relacionada ao trabalho.

O ataque às profissionais de imprensa tornou-se algo tão cotidiano que até mesmo se tornou comum as pessoas lembrarem nomes de mulheres que passaram por isso. Um caso de grande repercussão foi o da inglesa Carole Cadwalladr, que na época do ataque trabalhava no jornal The Guardian. Carole realizou uma série de reportagens<sup>85</sup> sobre as atividades da Cambridge Analytica, empresa criada em 2013 para oferecer serviços de análise de dados para fins políticos e que atuou em dezenas de campanhas eleitorais, incluindo as do Brexit e de Trump. A investigação revelou, entre outras coisas, que a Cambridge Analytica tinha conexões com os apoiadores

---

<sup>84</sup> Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/the-chilling.pdf>

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/series/cambridge-analytica-files>

tanto do Brexit quanto de Trump, além de ter coletado ilegalmente dados de cerca de 50 milhões de pessoas que tinham contas no Facebook. Com base nessas informações, a Cambridge Analytica conseguia fazer um mapeamento dos perfis dos eleitores norte-americanos e direcioná-los para anúncios de campanhas personalizadas.

O impacto da notícia de Carole foi tão significativo que dois dias após a publicação, o valor do Facebook diminuiu em US\$ 35 bilhões na bolsa de valores de tecnologia dos EUA<sup>86</sup>. Ao escrever reportagens relevantes com potencial de repercutir amplamente, os jornalistas sabem que provavelmente vão desagradar aqueles que foram afetados pela investigação. Isso faz parte do jogo. No entanto, o que aconteceu com Carole extrapolou todos os limites do aceitável. Ela se tornou alvo de uma espécie de caçada. Passou a receber constantes ameaças e xingamentos, além de sofrer gaslighting, uma prática de manipulação emocional na qual a realidade é distorcida e a vítima passa a duvidar da própria sanidade mental.

“Os ataques contra Cadwalladr assumiram temas sexistas recorrentes, acusando-a de ter problemas intelectuais ou ser louca, como uma forma de tirar o crédito de seu trabalho. Mais tarde foi revelado que o financiador pró-Brexit e cofundador da Leave.EU, Arron Banks, que a processou por difamação devido às suas investigações jornalísticas, era de fato um dos principais criminosos dos ataques de desinformação contra ela.” (IJNET, 2023).

Outra jornalista inglesa que entrou na mira de simpatizantes da extrema direita foi Marianna Spring, repórter da BBC (British Broadcasting Corporation). Em março de 2023, ela fez uma matéria<sup>87</sup> abordando como a disseminação de discursos de ódio contra minorias aumentou após Elon Musk assumir o Twitter. A notícia repercutiu e o próprio Musk<sup>88</sup> fez uma postagem em seu perfil dizendo que estava rindo da reportagem. Depois disso, uma avalanche de ataques foi direcionada a Marianna. Em seis meses de trabalho, ela recebeu mais de 11.700 calúnias<sup>89</sup>, representando 80% de todas as mensagens de ódio contra a BBC naquele período. Ou seja, a maior parte do ódio direcionado a um dos maiores jornais do mundo estava concentrada em uma única mulher. Esse tipo de comportamento violento, realizado no ambiente virtual com

---

<sup>86</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>

<sup>87</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-64804007>

<sup>88</sup> Disponível em: <https://deadline.com/2023/03/elon-musk-mocks-bbc-twitter-trolls-marianna-spring-1235280257/>

<sup>89</sup> Disponível em: <https://metro.co.uk/2023/08/07/marianna-spring-bbc-abuse-19290562/>

o objetivo de atacar um grupo ou uma pessoa específica para desestabilizá-la, é conhecido como *Trolling*.

“Esses ataques muitas vezes têm caráter misógino, racista, capacitista, e LGBTQIAPfóbico, e são diferentes por sua atuação performática para transformar o debate em outra coisa. A palavra pode fazer parecer inofensiva, e os trolls também se apresentam como representantes da cultura da irreverência. Mas longe disso: como argumenta a pesquisadora Whitney Phillips, no excelente *This is Why We Can't Have Nice Thing* [É por isso que não podemos ter coisas boas], a cultura trolling está intimamente conectada com noções genericadas de dominação” (VALENTE, 2023, p.154).

A jornalista norte-americana Amanda Hess já denunciava, em 2014, a ação dos trolls. Em seu artigo "*Why women aren't welcome on the internet*"<sup>90</sup> (Por que as mulheres não são bem-vindas na internet, em tradução livre), ela narra alguns dos ataques que sofreu, relata a repercussão de algumas dessas mensagens e os impactos que tiveram para a sua saúde mental. "Estas mensagens implacáveis são um ataque às carreiras das mulheres, à sua sanidade psicológica e à sua liberdade de viver online" (HESS, 2014).

Quando os Estados Unidos elegeram Trump, a violência de gênero contra profissionais da imprensa já estava bem marcada; no entanto, a atuação do ex-presidente (que antes de se tornar político parlamentar já tinha um discurso anti-imprensa) piorou o cenário ao se comportar de forma tão agressiva contra as trabalhadoras da mídia. Para se ter uma ideia, em 2018, 300 jornalistas denunciaram seus ataques à imprensa<sup>91</sup>. A estratégia de Trump não se trata somente de inflar o pensamento dos eleitores homens que odeiam as mulheres. Ele faz questão de ser protagonista. Ataca as mulheres, as coloca como inimigas e faz questão de evidenciar seu desagrado e destempero, numa ação premeditada cujo objetivo é calar as vozes questionadoras (mais à frente falaremos das novas formas de censura). Não à toa, ele coleciona centenas de ataques às profissionais de imprensa. Um dos últimos episódios foi em 2020, antes do último debate<sup>92</sup> que precedia a eleição nos Estados Unidos – a qual ele tentou ser reeleito – sem sucesso. Pelo Twitter, o ex-presidente atacou a jornalista Kristen Welker, da rede de televisão americana NBC, que seria a

---

<sup>90</sup> Disponível em: <https://psmag.com/social-justice/women-arent-welcome-internet-72170#.Usq9QZi5wZA.twitter>

<sup>91</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/internacional/1534372912\\_541356.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/internacional/1534372912_541356.html)

<sup>92</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8963106/>

primeira mulher negra a mediar um debate presidencial nos EUA desde 1992, dizendo que ela não seria imparcial.

“De 2018 em diante, o tema da violência contra mulheres politicamente ativas cresceu de modo intenso – e ao mesmo tempo cresceram os relatos de violência e a visibilidade da questão. É evidente que o fortalecimento da extrema direita, o conflito em torno de questões de raça e de gênero, e a legitimação dessas violências por parte de líderes políticos tiveram um papel crucial nesse aumento.” (VALENTE, 2023, P.153).

É importante ressaltar que Trump, no entanto, não é o único nem o primeiro chefe de Estado que ataca diretamente jornalistas. Na Holanda, por exemplo, os jornalistas, como um todo, têm que trabalhar num contexto de ameaças e assédios, mas – como tem acontecido em países cujos líderes e ou grupos autoritários e/ou extremistas têm influência – as mulheres jornalistas vivem situações piores. A jornalista Stella Braam descobriu há pouco tempo que foi vigiada durante 35 anos pelo governo do seu país<sup>93</sup>. Em seu livro, Patrícia Campos Mello cita o caso de uma amiga indiana, a jornalista Neha Dixit, que após uma série de reportagens sobre o tráfico de crianças para campos de doutrinação religiosa de um grupo extremista hindu, passou a receber uma série de ataques. “Ela costumava receber mensagens com fotos de pênis e descrições que explicitam como os homens gostariam de estuprá-la com uma barra de ferro afiada.” (MELLO, 2020, p. 105).

A Rússia, embora tenha particularidades que a singularizam no tabuleiro geopolítico, é outro país altamente perigoso para ser mulher e ser jornalista, separadamente. Portanto, quando essas duas identidades se interseccionam, fica ainda mais arriscado, porque lá – além dos ataques virtuais (graves por si só) – são mais comuns casos de violência física, envenenamento e até assassinatos nebulosos de jornalistas independentes que criticam o governo Putin. Isso já ocorria antes do cenário de guerra na Ucrânia e, agora, piorou. Apenas para trazer casos recentes, dezenas de jornalistas – que saíram da Rússia por conta da perseguição - têm denunciado casos de envenenamento, como Elena Kostyuchenko, que em 2022, deixou seu país para se exilar em Berlim, na Alemanha. Quando estava no trajeto, no trem, ela adoeceu sem motivos aparentes – o que levou a Alemanha e o FBI a iniciarem uma investigação sobre envenenamento<sup>94</sup>. Além de Elena, as jornalistas

---

<sup>93</sup> Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2022/09/14/jornalista-investigativa-holandesa-foi-vigiada-35-anos-pelo-governo-e-se-demite-para-protoger-fontes/>

<sup>94</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/08/25/alemanha-e-fbi-investigam-suposto-envenenamento-de-jornalistas-russas-exiladas.ghtml>

Natalia Arno e Irina Babloyan, que também vivem em exílio, passaram por situações semelhantes e foram internadas por suspeita de envenenamento.

O que podemos concluir com todos esses casos elencados é que, para além das fronteiras, há algo que une as mulheres jornalistas em vários países do mundo, e esse denominador comum, infelizmente, é o machismo e a misoginia que sofrem, tanto nas redes sociais quanto, em muitos casos, fisicamente. As tecnologias digitais mudaram as regras do jogo nas sociedades democráticas e permitiram, dentre tantas modificações, que grupos e simpatizantes de extrema direita se achassem, unissem e aprendessem táticas de linchamento online, mirando, como já abordamos, grupos considerados minorias políticas. Essa conexão fortaleceu discursos de ódio proferidos por líderes e políticos machistas de todo o mundo, inclusive do Brasil.

#### **4.2 "Cala a boca, não te perguntei nada!" – Bolsonaro ataca as profissionais de imprensa**

Em outubro de 2018, dias antes da eleição que sagrou Bolsonaro como presidente, a jornalista Daniela Lima escreveu uma coluna no jornal Folha de S. Paulo denominada "Foi o eleitor quem puxou o gatilho"<sup>95</sup>, na qual argumentou que quem votasse no candidato de extrema-direita teria responsabilidade sobre o que viria a acontecer com o país, visto que Bolsonaro nunca escondeu quais eram suas convicções políticas e quem, na visão dele, deveria ser perseguido.

“Se houver uma caçada à imprensa, supressão de ONGs, retrocessos para os índios, fim de pactos ambientais; se o aparato estatal for usado para identificar e punir opositores, se os gays voltarem para o armário, se o fosso salarial entre mulheres e homens se aprofundar, se o ministro e guru da economia ficar de saco cheio e pedir para sair, se for possível gravar uma cena de faroeste por dia no trânsito... Se isso ocorrer, ninguém poderá dizer que não sabe de onde veio o tiro na democracia. Foi o eleitor quem puxou o gatilho.” (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

O que nos interessa neste texto não é discutir a responsabilidade do eleitor, mas sim explorar o que a jornalista pontuou pouco antes de a população brasileira ir às urnas: Bolsonaro sempre deixou claro que não seria um líder democrático e que odiava as mulheres. Um episódio emblemático – e sempre lembrado pela imprensa –

---

<sup>95</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/colunas/daniela-lima/2018/10/foi-o-eleitor-quem-puxou-o-gatilho.shtml?fbclid=IwAR11XINqkT\\_4w2MUPVWR\\_DrUdNKKIPEuYvBXoMIMmfq2FjIWLz8iiaDhq2U](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/daniela-lima/2018/10/foi-o-eleitor-quem-puxou-o-gatilho.shtml?fbclid=IwAR11XINqkT_4w2MUPVWR_DrUdNKKIPEuYvBXoMIMmfq2FjIWLz8iiaDhq2U)

ocorreu em 2003, quando Bolsonaro ainda era deputado federal. Durante uma entrevista à Rede TV<sup>96</sup>, ele discutia com Maria do Rosário, que o acusava de promover violência contra mulheres. Num determinado momento, diz a ela: “jamais iria estuprar você, porque você não merece”. Em seguida, tentou empurrá-la e a chamou de “vagabunda”.

Houve quem apostasse que ao ocupar a cadeira da presidência, Bolsonaro mudaria algumas atitudes. Estavam enganados. Essa percepção, porém, não estava presente entre as jornalistas que entrevistamos, pois muitas já cobriam o Planalto ou tinham tido contato com o ex-presidente ainda na campanha presidencial e constataram – seja por ataques diretos que sofreram, seja por ver colegas sendo atacadas – qual seria a tônica do mandato, sobretudo no que diz respeito ao trato com a imprensa e com as jornalistas mulheres.

Muitas das ofensas proferidas por Bolsonaro às jornalistas ocorriam no chamado “cercadinho da imprensa”, um espaço localizado à porta do Alvorada, por onde Bolsonaro passava a hora que quisesse, pois o cercadinho foi colocado de uma forma que favorecia a movimentação – e a saída – do ex-presidente. Tratava-se de um espaço aberto, e os profissionais de imprensa ficavam expostos ao sol e à chuva. Além dos jornalistas, muitos apoiadores também ficavam ali, filmando e fazendo um papel de claque. Cobrir o presidente, para muitos jornalistas, era ficar ali no cercadinho esperando ele passar e parar, tentar fazer uma pergunta e, no caso das mulheres majoritariamente, serem expostas às grosserias.

“Esses profissionais são obrigados a aguentar as ofensas de Bolsonaro e da claque que o acompanha em suas coletivas improvisadas na porta do Palácio da Alvorada. Com frequência o presidente manda repórteres – homens e mulheres – tomarem “vergonha na cara”. (MELLO, 2020, p. 87).

Foi no Alvorada que Bolsonaro disse a frase que intitula este texto. Era maio de 2020, e o ex-ministro Sergio Moro, que já tinha deixado o cargo em abril daquele ano, acusou Bolsonaro de querer influenciar as investigações da Polícia Federal<sup>97</sup>. Diante de situações como essa, o ex-presidente sentia-se acuado e aumentava o tom da agressividade contra os profissionais de imprensa, que naturalmente o questionavam sobre acusações e declarações de dissidentes do governo. Nessa

---

<sup>96</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvljc>

<sup>97</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-24/sergio-moro-acusa-bolsonaro-de-interferencia-politica-na-pf-e-deixa-governo.html>

coletiva<sup>98</sup>, Bolsonaro estava com uma cópia da primeira página do jornal Folha de S. Paulo nas mãos, que tinha uma manchete sobre as trocas de liderança na PF<sup>99</sup>. Aos berros, ele falava que aquilo do jornal era “canalha”, que aquilo era uma “patifaria”. Quando uma jornalista tentou interrompê-lo para fazer uma pergunta se ele tinha pedido a troca ou não, ele soltou: “Cala a boca, não te perguntei nada”<sup>100</sup>. A partir daí, outros jornalistas se manifestaram, a claque gritava palavras de apoio e Bolsonaro seguia mandando todos os profissionais de imprensa calarem a boca.

Todo ano, a FENAJ divulga um relatório sobre violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. Em 2023<sup>101</sup>, além de trazer dados referentes ao ano anterior – citados no início desta dissertação, a Federação comprovou, como já citamos anteriormente, que Bolsonaro foi o maior agressor de jornalistas durante os últimos quatro anos.

“O relatório aponta que, de 2019 a 2022, o ex-presidente foi responsável por 570 ataques contra veículos de comunicação e jornalistas. Uma média de 142,5 agressões por ano e uma agressão a cada dois dias e meio. O que, para a Fenaj, significa uma “violência verdadeiramente institucionalizada”. (FENAJ, 2022).

Esse dado é muito importante e comprova por que não faltam exemplos de ataques. Numa simples busca no Google com as palavras “Bolsonaro ataca jornalista”, aparecem quase 1 milhão de resultados.

---

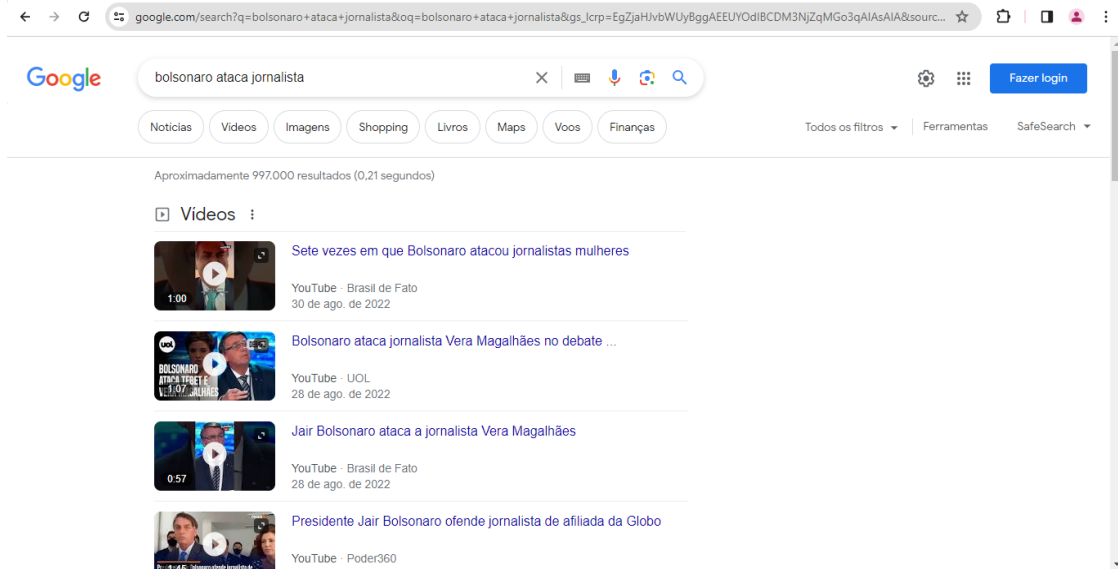
<sup>98</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-24/sergio-moro-acusa-bolsonaro-de-interferencia-politica-na-pf-e-deixa-governo.html>

<sup>99</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/05/novo-diretor-geral-decide-trocar-chefe-da-policia-federal-do-rio-foco-de-interesse-da-familia-bolsonaro.shtml>

<sup>100</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml>

<sup>101</sup> Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>

Figura 1 – Pesquisa no Google sobre o termo “Bolsonaro ataca jornalista”



Fonte: Google, google.com. Acesso em: 19 out. 2023.

A própria Daniela Lima já foi vítima da misoginia do ex-presidente e seus asseclas. Em 2021, quando era apresentadora do programa CNN360<sup>o</sup>, da CNN Brasil, Daniela disse no ar: "não saia daí porque agora, infelizmente, a gente vai falar de notícia boa, mas com valores não tão expressivos". Ela se referia aos dados sobre trabalho com carteira assinada em abril, divulgados pelo Caged, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, que mostravam que embora o país tivesse registrado, naquele mês, 120.935 empregos com carteira assinada, o número ainda era o menor registrado em 2021. Os apoiadores do mandatário editaram a fala da jornalista, deixando apenas: "infelizmente, a gente vai falar de notícia boa", dando a entender que ela se queixava de expor números positivos do governo. Bolsonaro mantinha o hábito de sempre parar para conversar com seus apoiadores, que ficavam de prontidão no Palácio do Alvorada. E naquele dia, após uma mulher citar a fala distorcida de Daniela, ele reagiu: "Infelizmente, somos obrigados a dar uma boa notícia, mas não é tão boa assim não!. É uma quadrúpede"<sup>102</sup>.

Além de Daniela, a já mencionada Patrícia Campos Mello, Vera Magalhães, que falaremos no capítulo a seguir, e outras jornalistas mais conhecidas do público

<sup>102</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/em-novo-ataque-a-imprensa-bolsonaro-insulta-apresentadora-da-cnn-brasil.shtml>

geral vivenciaram situações parecidas. Miriam Leitão, jornalista da GloboNews, foi presa e torturada grávida em 1972 pelos militares, que, num determinado momento, deixaram-na numa cela escura com uma jiboia. Esse episódio é relativamente conhecido pela opinião pública. Em 2022, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, um dos filhos do ex-presidente, debochou da situação vivida pela jornalista em seu Twitter<sup>103</sup>.

Figura 2 – Twitter de Bolsonaro sobre Miriam Leitão



Fonte: Twitter, x.com. Acesso em: 19 out. 2023.

Além dos ataques virtuais e na porta do Alvorada, as viagens presidenciais também eram palco de ataques. Nos Estados Unidos, em 2019, Bolsonaro deu uma entrevista a jornalistas brasileiros. Na ocasião, a jornalista Marina Dias, que à época era repórter da Folha de S. Paulo, fez uma pergunta sobre o corte de verbas na educação. Em resposta, Bolsonaro disse que se tratava de contingenciamento e não

<sup>103</sup> Disponível em:

[https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1510671887306739714?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1510671887306739714%7Ctwgr%5E4182b342d1eef7f5d2938a6d8104d461563278e9%7Ctwcon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fcongressoemfoco.uol.com.br%2Farea%2Fpais%2Fno-twitter-eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-miriam-leitao%2F](https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1510671887306739714?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1510671887306739714%7Ctwgr%5E4182b342d1eef7f5d2938a6d8104d461563278e9%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fcongressoemfoco.uol.com.br%2Farea%2Fpais%2Fno-twitter-eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-miriam-leitao%2F)

de corte. A repórter contra-argumentou dizendo que contingenciamento é corte. Bolsonaro se irritou. Um dos assessores presentes fez uma fala tentando explicar uma suposta diferença entre contingenciamento e corte. Depois disso, o ex-presidente falou<sup>104</sup>:

"Apreendeu a Folha de S. Paulo? Primeiro, você, da Folha de S. Paulo, tem que entrar de novo numa faculdade que presta e fazer um bom jornalismo. É isso que a Folha tem que fazer e não contratar qualquer uma ou qualquer um para ser jornalista, para ficar semeando a discórdia e perguntando besteira por aí e publicando coisas nojentas. É isso que vocês da Folha têm que fazer" (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Outro episódio que ocorreu durante uma viagem presidencial foi na Bahia, em 2021, quando o Brasil ultrapassava a marca de 400 mil mortes por coronavírus<sup>105</sup>. Bolsonaro e seus assessores estavam sem máscara<sup>106</sup>, como de costume. Durante a coletiva de imprensa, a jornalista Driele Veiga, da TV Aratu, fez uma pergunta sobre as críticas que ele tinha recebido depois de postar uma foto com a legenda "CPF cancelado", num contexto em que tantas pessoas estavam morrendo todos os dias por conta da pandemia. Bolsonaro respondeu: "Você não tem o que perguntar não? Deixa de ser idiota, menina!"<sup>107</sup>.

Como já elencamos muitas vezes nesta pesquisa, os ataques de Bolsonaro e seus assessores objetivam intimidar as profissionais, não se tratando apenas de xingamentos ao vento – que já seriam problemáticos por si só. Havia um pragmatismo por trás de cada ofensa. O caso da jornalista Juliana Dal Piva ilustra bem isso. Em 2018, ela começou a investigar as suspeitas de que pessoas identificadas como assessores políticos de Flávio, Eduardo e Carlos – filhos do ex-presidente –, não atuavam de fato com os mandatos legislativos. Em 2021, ela colocou no ar o podcast "A Vida Secreta de Jair"<sup>108</sup>, em que trazia bastidores e apurações sobre as denúncias de rachadinhas (nome dado à prática de peculato) e outras histórias ocultas da família Bolsonaro. Assim que o material foi publicado, Juliana recebeu uma mensagem do

---

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/folha-nao-tem-que-contratar-qualquer-uma-diz-bolsonaro-a-reporter-do-jornal.shtml>

<sup>105</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/29/brasil-chega-a-400-mil-mortes-por-covid.ghtml>

<sup>106</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/19/bolsonaro-mascara-eficacia.htm>

<sup>107</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/26/bolsonaro-xinga-reporter-de-idiota-durante-inauguracao-na-bahia>

<sup>108</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/07/09/avanco-de-investigacoes-sobre-flavio-mostra-conexao-de-bolsonaro-com-esquema.htm>

advogado da família Bolsonaro à época, Frederick Wassef. Juliana reproduziu em sua coluna, no portal UOL, a mensagem na íntegra, “mantendo os erros de português”<sup>109</sup>.

"Querida te entrevistar. Voce e socialista ?? Comunista ????? Soldada da esquerda brava ??? E daquelas comunistas gauchas guerreira ??? Voce acredita mesmo que este sistema politico e bom para a sociedade e as pessoas ????? Por que voce nao vai realizar seu sonho comunista em Cuba, Venezuela , Argentina ou Coreia do Norte ??? Por que nao se muda para a grande China comunista e va tentar exercer sua profissao por la ????? Faca la o que voce faz aqui no seu trabalho, para ver o que o maravilhoso sistema politico que voce tanto ama faria com voce . La na China voce desapareceria e nao iriam nem encontrar o seu corpo. O mesmo ocorre na Venezuela , Cuba e outros paraísos comunistas. Entao pergunto a voce, por que faz o que faz com quem tenta livrar o Brasil da maldita esquerda ??? Voce teve este mesmo empenho e obsessao com aqueles da esquerda que desviaram BILHOES DE DOLARES atravez de mil esquemas fraudulentos ??? A parte de seu amor pelo comunismo, voce vai continuar atendendo os pedidos de sua parceira/chefa para me atacar sem parar . Ela te paga ??? Ou e so muito amor por ela ??? Voces estao namorando ????? Se eu financiar todos os custos de viagem para Caracas na Venezuela , voce iria para la fazer umas materias sobre o que esta acontecendo la ??? Se eu te comprar um belo imovel por la, voce moraria la para realizar seu sonho comunista ????? Por que nao experimenta primeiro na sua pele o que e a esquerda, para depois lutar tanto para atingir o Presidente de seu Pais e trazer o comunismo para o meu amado Brasil. Voce e inimiga da patria e do Brasil. Voce sabia que apos o fim da 2 guerra mundial o mundo foi dividido em 2 blocos??? Esquerda e direita ?? Capitalismo e Comunismo ??? Luz e trevas ????? Voce sabia que a maldita esquerda falhou em metade do planeta terra ??? Em todos oa paises e culturas em que se instalou ??? E que ao contrario do comunismo, o capitalismo deu certo em todos os paises e siatemas ??? Entao por que voce luta fanaticamente com suas materias direcionadas e distorcidas da verdade para induzir em erro o publico ??? A esquerda te paga ??? Voce esta feliz e realizada por atacar e tentar destruir o Presidente do Brasil, sua familia e seu advogado ??????" (UOL, 2021).

Um hábito de Bolsonaro durante todo governo foi fazer lives, que ocorriam toda quinta-feira em suas redes sociais. O ato faz parte da estratégia de líderes ultradireitistas de manter uma comunicação direta com a população e rechaçar os veículos de mídia. Bolsonaro fazia isso e, claro, aproveitava o momento para atacar as mulheres jornalistas. Uma profissional que entrou na sua mira foi a jornalista e pesquisadora Bianca Santana. Em maio de 2020, ela publicou o artigo "Por que querem federalizar as investigações do assassinato de Marielle?"<sup>110</sup>. Dois dias após a publicação do texto, Bianca foi citada por Bolsonaro, que a acusava de fake news. Não demorou muito para que seu rosto ocupasse sites de notícias. Em entrevista ao

<sup>109</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2021/07/09/advogado-do-presidente-ataca-colunista-do-uol.html>

<sup>110</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/05/26/por-que-querem-federalizar-as-investigacoes-do-assassinato-de-marielle.htm>

portal Desinformante<sup>111</sup>, ela comentou o impacto que as ações de Bolsonaro causam nas pessoas que o apoiam.

“Quando eu acuso alguém e posto algo sobre, é como se eu pintasse um alvo naquela pessoa. Então, na hora em que o Bolsonaro menciona um jornalista, é como se ele dissesse pro seu secto – cada vez mais armado: ‘ó, essa é uma pessoa que vocês podem buscar” (DESINFORMANTE, 2022).

Todas as atitudes tomadas pelos apoiadores de Bolsonaro ao longo dos últimos anos no Brasil ratificam a fala de Bianca. Talvez a maior prova disso, ou a coroação de tantos anos de ataques à imprensa e às jornalistas, seja o dia 8 de janeiro de 2023. Após a eleição e a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil, havia muita tensão para o dia da posse. As relações sociais – e familiares – estavam esgarçadas, o processo eleitoral foi tenso, violento e com episódios lamentáveis, como o da ex-deputada Carla Zambelli apontando uma arma para um homem negro desarmado, à luz do dia, numa região rica de São Paulo<sup>112</sup>. Além disso, desde novembro de 2022, portanto após o resultado da eleição, acampamentos foram montados em frente a quartéis gerais do Exército de vários estados brasileiros. Os bolsonaristas questionavam os resultados das urnas<sup>113</sup> e pediam intervenção militar. Tudo isso gerava muita dúvida sobre a segurança de todos no dia 1 de janeiro de 2023. No entanto, apesar de alguns ritos democráticos serem ressignificados<sup>114</sup> pela equipe de Lula – Bolsonaro se recusou a passar a faixa presidencial ao presidente eleito e viajou para os Estados Unidos em 30 de dezembro de 2022<sup>115</sup> –, a solenidade ocorreu dentro da normalidade. No entanto, 7 dias após a posse, os brasileiros assistiram a golpistas, que se reivindicavam como patriotas, invadirem e depredarem o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, numa ação parecida com a invasão do Capitólio<sup>116</sup>, nos EUA. Todos os jornais cobriram o ato e dezenas de jornalistas se deslocaram até o evento para apurar melhor o que

---

<sup>111</sup> Disponível em: <https://desinformante.com.br/atingidas-pela-desinformacao-bianca-santana/>

<sup>112</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/29/deputada-bolsonarista-carla-zambelli-saca-e-aponta-arma-para-homem-na-rua-em-sp-ela-diz-que-foi-cercada-e-agredida.ghtml>

<sup>113</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/11/11/convencidos-de-fraude-eleitoral-bolsonaristas-acampam-diante-de-quarteis-no-brasil.htm>

<sup>114</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/lula-recebera-faixa-de-crianca-indigena-negro-e-mulher-em-nome-do-povo-brasileiro.shtml>

<sup>115</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-viaja-para-os-eua-e-nao-vai-passar-faixa-a-lula/>

<sup>116</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/06/invasao-ao-capitolio-completa-dois-anos-em-meio-a-caos-na-escolha-para-presidente-da-camara-nos-eua.ghtml>

estava acontecendo. O que muitas não imaginavam é que cobrir os atos golpistas de 8 de janeiro colocaria um risco à própria vida.

## **5 “TIVE MEDO DE MORRER” – O ÓDIO ÀS MULHERES JORNALISTAS**

A frase que nomeia este capítulo foi dita por uma jornalista durante uma conversa que tivemos em fevereiro de 2023. Na ocasião, ela contava o que tinha vivido em 08 de janeiro daquele ano, em Brasília. As marcas da agressão ainda estavam em seu rosto. E as mãos, que ela mostrava para a câmera, descascavam após o estresse pós-traumático que sofrera.

O que ocorreu na capital federal foi mais um capítulo emblemático do que ela e as outras sete jornalistas, que gentilmente toparam compartilhar suas histórias e dores, passaram ao longo dos quatro anos nos quais Jair Bolsonaro ocupou a cadeira de presidente da República. Se no capítulo anterior nós destacamos os ataques e os insultos que o ex-presidente proferiu às profissionais de imprensa, aqui vamos mostrar o outro lado, o das profissionais insultadas. Muito do que expusemos lá, inclusive, foram agressões contra algumas de nossas entrevistadas. Optamos por não relacionar fatos e pessoas com o objetivo de preservar a identidade delas, que toparam conversar conosco sob essa condição. É por esse motivo, também, que embora saibamos seus nomes, cargos e empregos vigentes, não divulgaremos tais informações.

Nosso objetivo neste capítulo é mostrar, por meio de relatos individuais, a condição de trabalho imposta a uma classe: mulheres jornalistas que atuaram em redações durante o governo Bolsonaro. Os relatos das profissionais trazem uma riqueza de detalhes dos bastidores dessa relação entre governo e imprensa e traçam uma espécie de linha do tempo, que se inicia ainda na campanha para eleição presidencial de 2018 e vai até janeiro do último ano.

### **5.1 Aspectos metodológicos da análise**

Foram realizadas oito entrevistas em profundidade, em formato online, entre os meses de novembro de 2022 e fevereiro de 2023. As entrevistas foram privadas – apenas a entrevistadora e a entrevistada –, feitas por meio de videochamadas com câmera ligada e duraram entre uma e duas horas cada uma delas. Considerou-se

para a seleção das entrevistadas ter trabalhado ou ainda trabalhar em um veículo de imprensa, ter exercido a profissão durante os anos do governo Bolsonaro, ter sido vítima de algum tipo de ameaça virtual ou presencial de apoiadores ou ter sido atacada verbalmente pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro.

O percurso até as entrevistas foi extenso, pois, num primeiro momento, nós listamos nomes de jornalistas mulheres que se encaixariam no critério da pesquisa e iniciamos o contato em agosto de 2022. A primeira surpresa foi constatar, nesse momento, que muitas das jornalistas não tinham contas em redes sociais (Instagram, LinkedIn, Facebook e X, antigo Twitter) ou, se tinham, não permitiam receber mensagens. O Twitter é (ou era) a rede social pela qual muitos jornalistas emitem opiniões, postam links de suas matérias e interagem com leitores. Por isso, muitos profissionais mantêm as contas ativas e abertas. Também é esperado que esses perfis aceitem mensagens de qualquer pessoa, justamente porque estão interessados em receber informações das mais variadas formas.

Foi por saber desse contexto que estranhamos as contas fechadas. Diante disso, nossa segunda tentativa foi descobrir os e-mails dessas profissionais e, paralelamente, fazer postagens em grupos de jornalistas a fim de encontrar profissionais que se dispusessem a falar por conta própria. Por fim, decidimos acionar contatos próximos para chegar a algumas das entrevistadas deste trabalho. Optamos por essa abordagem porque notamos que o que estava acontecendo era o seguinte: não era que nenhuma das jornalistas abordadas não tivesse visto as mensagens ou e-mails com pedidos de entrevistas. Muitas optaram por não responder, ora porque não as conheciam ora porque não queriam falar da violência que sofreram. Diante disso, fomos atrás de jornalistas que temos amizade e que também tinham proximidade com algumas das jornalistas que pretendíamos falar. Graças a essa iniciativa, algumas tiveram mais segurança no contato e toparam conversar conosco.

Optamos por fazer entrevistas individuais e em profundidade por conta de todo o contexto envolvido. Como reunir oito jornalistas que topassem falar sobre suas dores foi um processo longo, ousamos afirmar que talvez nenhuma entrevistada topasse falar em entrevistas em grupo. As conversas individuais garantiram a discrição necessária para que as entrevistadas contassem suas dores, revivessem memórias e – em alguns casos – até se emocionassem ao lembrar os ataques que sofreram. Escolhemos utilizar a metodologia Bola de Neve por entender que o formato seria o

mais adequado ao nosso contexto da pesquisa e, sobretudo, à relação com as entrevistadas.

“O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.” (VINUTO, 2014, p. 203).

Para conduzir as entrevistas, criamos um roteiro base de perguntas para as nossas entrevistas; no entanto, ao longo das conversas, algumas questões surgiram espontaneamente e outras não foram feitas porque a entrevistada já havia comentado o assunto de alguma forma. Também nem sempre fizemos as perguntas na ordem que elas aparecem aqui, pois nosso intuito era deixar as jornalistas à vontade e seguras.

1. Nome
2. Quanto tempo é jornalista?
3. Qual veículo trabalha atualmente?
4. Em (ano) aconteceu isso com você: (essa era uma pergunta específica em que abordávamos algum ataque sofrido pela entrevistada – e que foi noticiado na imprensa)
5. Como eram esses ataques?
6. Quanto tempo duraram os ataques?
7. Como você ficou?
8. O veículo que você trabalha/trabalhava tomou alguma posição?
9. Você teve algum tipo de respaldo legal de algum veículo de imprensa?
10. Pediu algum tipo de ajuda/respaldo ao sindicato?
11. Vi que suas redes sociais são fechadas. Foi uma medida que você tomou pós ataques?
12. Elas eram abertas antes?
13. Já tinha passado por algo parecido? Se sim, como foi?
14. Como vê a profissão de jornalista hoje, considerando o recorte de gênero?
15. Já tinha passado por alguma situação de machismo/misoginia?
16. Percebe alguma diferença no exercício da profissão desde Bolsonaro tornou-se presidente da República? Ficou a mesma coisa? Melhorou? Piorou? E por quê?

17. E com relação à pandemia, no que diz respeito à quantidade de horas trabalhadas, teve alguma diferença ou o contexto não afetou seu trabalho?
18. Como você vê o papel do jornalismo numa sociedade que todo mundo produz tanta informação?
19. E com relação às fakes news, como você vê o papel da imprensa no combate à desinformação?
20. Deseja acrescentar alguma coisa?

Ainda em relação às perguntas e à condução das entrevistas, acontecia também de fazermos uma única pergunta, e as jornalistas começarem a falar por 10, 15 minutos, sem parar. Nós as deixávamos falarem o que queriam, porque fomos percebendo que muitas encaravam aquilo como um momento de desabafo. Sentíamos como se elas estivessem com aquele assunto engasgado e, por isso, falavam e falavam de suas experiências, sem interrupções.

## 5.2 Uma pequena amostra do incômodo que uma jornalista causa

Durante a experiência de fazer uma postagem pública no Facebook, em outubro de 2022, tivemos uma surpresa: uma mulher – que, pelas informações do perfil, não devia ser jornalista incomodou-se com a forma na qual escrevemos a solicitação de entrevista. A partir daí, gerou-se uma pequena discussão entre mulheres no grupo. Reproduzimos as mensagens na íntegra (sem alterações ou possíveis correções gramaticais):

“Aline Oliveira - Olá! Estou fazendo mestrado na PUC-SP e uma parte do meu trabalho é tratar da questão da violência que as mulheres jornalistas vêm sofrendo no exercício da profissão, sobretudo no governo Bolsonaro. Estou entrando em contato com algumas jornalistas para bater um papo sobre isso. Se alguém topa participar ou souber de uma jornalista que passou por isso, me chama inbox ou escreva para alineoliveira06@yahoo.com.br obrigada”

“Vera Rigolon - Como "futura jornalista" não deveria ouvir os dois lados? O lobo mau sempre será mau se ouvir a versão apenas da chapeuzinho”

“Camila Cruz - Só porque ela veio em um grupo de MULHERES jornalistas para pegar fonte de MULHERES JORNALISTAS que estejam sofrendo ameaças e etc durante o trabalho, não significa que ela não esteja entrevistando outras fontes. Quero entender por que você colocou a profissional como "futura profissional"? É pra diminuí-la? Por quê?! Tem milhares de jornalistas super profissionais na área que após a universidade não fizeram mestrado e nem doutorado, mas tem décadas de atuação na área. Você por acaso é jornalista? Quem é você para dizer que ela ainda não é uma jornalista?! Eu vi sua postagem xenofóbica sobre o nordeste

["Vencemos onde se produz e perdemos onde se tira férias"]. Saiba que a primeira capital do país foi aqui e deveria entender que (não só) por esse fato histórico este é um lugar repleto de trabalhadores. Muitos que, inclusive, trabalham muito mais do que em outros lugares e não são tao bem remunerados. Eu sou nordestina e se você só vê o nordeste como um lugar de passar férias, mostra tamanha sua IGNORÂNCIA. O nordeste, caso você nao saiba, é um dos maiores produtores nacionais de milho, somos a região com os estados que mais exportam frutas para a gringa (780 milhões de dólares em exportações frutícola, só em 2021), temos os maiores agricultores de produtos orgânicos do PAÍS, temos as maiores notas e aprovações do ENEM e por aí vai. Posso te dar uma lista gigante do como a economia desse país roda com esforço dos nordestinos. Inclusive, seu julgamento sobre o trabalho da colega sem nem ter conhecimento integral sobre quem ela entrevista. E se é pra generalizar, vejo muitos amigos vindo morar aqui atrás de belas paisagens e descanso e vejo meus amigos/conhecidos e desconhecidos saindo daqui, deixando nossa terra, para ir atrás de mais TRABALHO BEM remunerado. Engraçado, né? Vi mais três postagens suas aqui nesse grupo com falas equívocadas: incitando violência, subjulgando todas as regiões como Brasil, menosprezando a imprensa... Inclusive seu linkedin é vazio, nao tem nada sobre sua carreira de jornalista, nem suas redes. Marias Por Elas Letícia Fagundes Mulheres Jornalistas atenção a esse perfil aqui. Jornalistas Livres ela não tem nem ética e respeito como ser humano, piorou como uma pesquisadora da informação."

"Letícia Fagundes Administrador - Camila Cruz nao aparece o perfil qual é?"

"Vera Rigolon - Camila Cruz nem vou me dar ao trabalho de responder. Primeiramente o post nem é seu, não te marquei em nenhum comentario. Segundo, obrigada pela curiosidade sobre minha vida, vou muito bem, obrigada. Mas é que sou seletiva, meu perfil são para poucos, não sou de ficar publicando sobre minha vida pessoal ou profissional. Mas agradeço seu interesse. Uma ótima noite."<sup>117</sup>

É interessante notar, nessa simples troca de mensagens em uma rede social, o quanto a sociedade brasileira está, de certa forma, impregnada com a ideia de que as jornalistas só se interessam por um lado da história, agindo como um suposto interesse, portanto, fugindo deliberadamente do que pregam os códigos de ética da profissão. Há outro ponto que merece destaque: a tentativa de desqualificar a jornalista. Apesar de eu ser jornalista, não citei isso na mensagem; no entanto, a mulher usa o termo "futura jornalista" entre aspas, talvez numa tentativa de colocar como aprendiz, que "deveria" agir da forma que ela estava indicando. Por mais que esse não seja o foco deste capítulo – e nem deste trabalho, achamos interessante compartilhar essa experiência no sentido de ilustrar que o simples trabalho de uma jornalista mulher gera incômodos.

---

<sup>117</sup> Comentários feitos em postagem no Facebook dentro do grupo VAGAS PARA JORNALISTAS. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/vagasparajornalistas/posts/4360189554120293>

### 5.3 As jornalistas falam como foi trabalhar durante o governo Bolsonaro

Entendemos que essas entrevistas configuram o destaque desta pesquisa, que – desde seu primeiro momento – voltou-se para ouvir as profissionais que vivenciaram os anos Bolsonaro. São histórias que emocionam e que nos ajudam a compreender o que a classe passou para além das notícias de jornal.

#### 5.3.1 Entrevista 1 – A repórter internacional que foi atacada no 8 de janeiro

O depoimento que escolhemos para iniciar a exposição das entrevistas é justamente o da jornalista que afirmou ter tido medo de morrer durante a cobertura que fez do 8 de janeiro. A profissional foi cobrir o evento e decidiu ir trabalhar com uma roupa à paisana (que tinha uma das cores da bandeira do Brasil). A estratégia era para que ela passasse despercebida pela multidão de bolsonaristas e conseguisse apurar o que precisava. A tática deu certo até o momento em que ela se virou para uma cidadã, fez uma pergunta e se apresentou como jornalista. Essa mulher gritou que estava diante de uma jornalista. Foi aí que começaram a bater na profissional. Ela caiu no chão e teve seus óculos quebrados.

“Entrevistada 1 -Eu achei que uma coisa muito ruim iria acontecer. Eu não gosto de dramatizar, mas eu realmente achei que talvez aconteceria uma coisa muito, muito ruim. Quando me deram uma rasteira, e eu caí no chão, e eu sentia os socos ... Até que um cara me puxou e falou: vocês vão matar ela, e acabar com o nosso movimento. Esse cara, antes do militar [um militar a tirou da multidão], foi este cara que me salvou. Foi ele que me levantou e ficou me segurando enquanto as pessoas continuavam me batendo, puxando meu cabelo. Foi a hora que tiraram os meus óculos. Se eu ficasse no chão, eu não sei o que seria, era muita gente em torno de mim.”

“Interlocutora - Você teve medo de morrer no dia 8?”

“Entrevistada 1 -Tive. Aí [depois que a levantaram] eu consegui correr até mais ou menos a área do Ministério da Defesa, então eu acho que tinha algum policial ou algum militar em volta. Alguém chamou [um militar para ajudá-la]. Me disseram que foi uma colega do Globo que chamou. Eu não sei, Aline, eu não sei. Uma hora chegou alguém lá para me tirar dali do meio. Eu não sei o que aconteceu. Eu sou gritava socorro, me ajuda, alguém me ajuda. Era só isso que eu falava.”<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 1, à autora deste trabalho.

Esse episódio não foi um fato isolado na carreira da jornalista, que cobre o governo federal há muitos anos, e percebeu que tinha algo diferente acontecendo no contexto sociopolítico, a começar pela campanha presidencial de 2018, do ex-presidente. Ela, inclusive, faz um panorama de tudo que viveu durante todo o tempo que Bolsonaro ocupou o Palácio da Alvorada. “Eu faço uma linha do tempo desses últimos quatro anos assim: eu sofri os ataques digitais em 2018, eu sofri as ameaças do mundo real, [ameaças] no cara a cara com Bolsonaro em 2020, e, agora, [teve] a concretização, com o ataque físico que eu sofri em 2023”. Sobre 2018, ela destaca:

“Entrevistada 1 - Um exemplo que eu posso dar é o que eu vivi na pele ainda na campanha em 2018: eu publiquei uma matéria com um colega [homem], um dos grandes repórteres investigativos do Brasil. A gente publicou uma matéria sobre a ex-mulher do Bolsonaro, que o acusava de ter ameaçado ela de morte. E ela tinha dito isso em depoimento ao Itamaraty - ou seja, a um órgão do governo brasileiro - que ele tinha a ameaçado e por isso ela tinha fugido pra Europa com o filho deles na época, que é o Renan, né? Depois dessa matéria, Aline, a minha vida virou um inferno. A manchete do jornal deu uma repercussão absurda nesses grupos de apoiadores nas redes sociais. Me atacaram diretamente esqueceram o [jornalista homem]. Era a jornalista mulher. Foi um ataque direto a mim. Me confundiram com uma homônima, que trabalhava numa revista, se eu não me engano, segmentada. Divulgaram dados pessoais dela, o endereço da mãe dela, telefone dela, tudo nas redes sociais. E era um momento em que a gente ainda não sabia direito lidar com aquilo ...era o início, né daquilo. O Gentili, aquele apresentador que era um apoiador do Bolsonaro, tinha mais de 1 milhão de seguidores, e ele tuitou a minha foto. Não lembro, na verdade, se era minha foto ou da minha homônima, aí ele viu o tanto de esgoto que saiu dali, porque as pessoas começaram a usar o tuíte dele para os ataques. Aí ele deletou, ele ficou assustado e deletou e fingiu que não era com ele, né, mas aí já estava tudo sendo feito. Ele foi [o apresentador Danilo Gentili] uma voz potencializadora nesse início, né? Eu fiquei assustada primeiro porque era muito ódio. Meu Facebook e o meu Instagram eram fechados, e meu Twitter era aberto e profissional. Mas eles acharam o meu Facebook, acharam o meu Instagram começaram a tentar adicionar a gente da minha família. E isso foi assustador para mim”.<sup>119</sup>

Como já foi citado neste capítulo, esta jornalista coleciona uma infinidade de ataques dos apoiadores de Bolsonaro. Mais que isso: ela foi agredida verbalmente pelo ex-presidente durante uma cobertura que fazia nos Estados Unidos, numa das vezes que Bolsonaro esteve naquele país como chefe de Estado. A dinâmica desse tipo de cobertura segue certo padrão na cobertura política: o presidente e/ou chefe de Estado tem uma agenda pública e depois dela, fala com a imprensa. Foi o contexto do ataque. E o motivo da agressão foi o de sempre: a profissional perguntou algo que Bolsonaro não gostou. Vale ressaltar – e isso se repetirá ao longo dos depoimentos

---

<sup>119</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 1, à autora deste trabalho.

deste capítulo – que os ataques de Bolsonaro às profissionais da imprensa nunca são solitários. Há uma espécie de orquestra em que seus bajuladores têm papel fundamental. Funcionava mais ou menos assim: a jornalista fazia uma pergunta, Bolsonaro respondia com deboche ou com ataque pessoal, e os bajuladores faziam uma espécie de claque, rindo e batendo palmas para o ex-presidente. Tudo isso era filmado para, posteriormente, ser editado e postado nas redes bolsonaristas. Sobre o ataque de Bolsonaro e seus apoiadores que ocorreu nos Estados Unidos, ela conta:

“Entrevistada 1 - Naquele dia eu fiquei com medo, Aline, porque é o presidente da República numa postura muito agressiva e direcionando essa agressividade a você. Só que o Bolsonaro anda com claques, né? Então todos os apoiadores dele ali em volta recebem esse ódio dele, então eles começaram a me cercar, gritar e a apontar o dedo para mim.

Ali eu já senti um comportamento de manada que não era só virtual, né? Naquele dia, em Dallas, eu vi que não eram comportamento de manada só virtual.

Depois Bolsonaro fez um vídeo, recortou o vídeo e colocou no ar com a minha pergunta editada, óbvio, para deixar a narrativa favorável para ele. Aí vieram os ataques digitais. Mas aí eu já tinha vivido aquele medo físico do ataque é no mundo real, né?

Enfim, ali eu acho que é também a hora de você continuar fazendo o seu trabalho. A minha postura é profissional, e eu vou continuar questionando, eu vou continuar trabalhando que foi o que eu fiz enquanto o Presidente da República estava lá.

Eu acho que a primeira coisa que eu tentei pensar, de verdade mesmo, é que não é sobre mim. É uma política de governo os ataques ao jornalismo profissional para enfraquecer a democracia”.<sup>120</sup>

A jornalista entrevistada tem razão ao citar que a motivação primária de Bolsonaro ao xingar uma jornalista é minar o jornalismo e, conseqüentemente, as instituições democráticas, como apontamos nos capítulos anteriores desta dissertação. Mas por mais que saibamos dessa tática – e todas as entrevistadas ouvidas para este trabalho sabem disso, é difícil não levar para o pessoal. E um dos motivos que elas comentam é que nunca tinham vivenciado tamanha violência no exercício da profissão. Além disso, o fato de saber que, no fundo, não se trata de um ataque pessoal, não isenta o corpo dessas mulheres de sentir o impacto de tamanha brutalidade. Após o ataque físico de 8 de janeiro, a profissional conta como está sua saúde:

“Entrevistada 1 - Eu ainda não absorvi [tudo que viveu] porque ainda não deu para parar completamente, né? Eu estava tendo muito pesadelo. Eu não estava dormindo bem. Eu acordava no meio da noite, com umas imagens assim ...bem pesadelo mesmo. Eu estou desenvolvendo bruxismo nesse

---

<sup>120</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 1, à autora deste trabalho.

último mês que eu não tinha. Meu marido que me informou que eu estou rangendo os dentes à noite. A gente vive um terrorismo psicológico, muitas vezes. O que aconteceu ali comigo foi físico. Mas é isso. Quanto isso vai ficar impactado em mim, eu não sei. Eu tô com um descamação da mão por estresse, fui ontem na dermatologista, tipo minha mão tá parecendo cobra tá, sabe. Diz é por estresse, e é o estresse pós-traumático? Enfim, é isso, de novo sem vitimizar, sem dramatizar, mas eu fui uma vítima disso, e a gente precisa olhar para isso, falar disso, denunciar isso. Eles são criminosos sim”.<sup>121</sup>

### 5.3.2 Entrevista 2 – A jornalista homônima

Esta jornalista não mora em Brasília ou em cidades que concentram grandes redações e importantes espaços de poder. Ela atuava em revistas segmentadas e nunca tinha trabalhado com política ou feito matérias que, de alguma forma, se relacionavam com o governo Bolsonaro. No entanto, ela é homônima de uma jornalista que atua em Brasília. Foi só por carregar o mesmo nome de outra pessoa que esta profissional viu sua vida virar de cabeça para baixo da noite para o dia.

“Entrevistada 2 - Eu acordei de manhã e tinha uma mensagem de um colega de trabalho, que não era da redação, era de outro setor da revista, e ele tinha contato com pessoas bolsonaristas e pessoas da direita. E esse cara me mandou mensagem falando assim: olha o que eu tô vendo no Twitter. E aí eu fui olhar nos prints que ele tinha me mandado, comecei a olhar, e de repente já tipo milhões de mensagens no meu Twitter ...Meu Twitter era aberto na época, hoje eu mantenho fechado, mas na época ele era aberto e tinha tipo milhões de mensagens de pedidos para seguir de menções. E aí eu demorei para entender. Isso foi tipo 6 horas da manhã, e fiquei meio sem entender, primeiro eu achei muito engraçado, achando que era uma piada. E aí depois eu entendi que não era uma piada, e que as pessoas realmente estavam achando que eu era outra pessoa. E aí foi muito caótico. Depois que eu que eu entendi o que estava acontecendo foi bem caótico. Eu liguei pro meu chefe, falei que eu não ia conseguir ir trabalhar de manhã, porque eu tinha que resolver essas coisas, porque eles começaram a soltar os meus dados, então eu comecei a ver tuítes como meu nome, meu CPF, meu endereço, telefone do lugar onde eu trabalhava ...era uma coisa tão absurda que esse dia à tarde eu fui trabalhar, e aí eu recebi ligação na redação da revista para falar assim: para de fazer matéria fake news. Eu ficava assim: você entendeu que você tá ligando no telefone fixo, de um veículo de [ela cidade onde mora e que não é a mesma onde a outra jornalista trabalhava] assim, as pessoas nem raciocinam, entendeu? É simplesmente um comportamento de manada, sem nenhum pensamento crítico, porque ninguém foi checar o que estava acontecendo.”<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 1, à autora deste trabalho.

<sup>122</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

Os incômodos que a jornalista passou foram inúmeros, a começar pelas questões práticas. Com todos os dados expostos, ela precisou correr contra o tempo para resolver questões burocráticas – e que têm impacto em sua própria segurança. “Fui trocar a senha de banco, trocar senha de e-mail das redes sociais, trancar o meu Twitter e começar a printar as mensagens, principalmente essas que estavam divulgando os meus dados pessoais, para poder ir depois ao cartório, ir na delegacia e tal”.

No mercado de trabalho dos jornalistas é comum existirem sites que divulguem nomes de jornalistas e alguns dados. Como citamos no início deste capítulo, expor informações como e-mail e telefone de profissionais de redação era corriqueiro – o que não significa que estava correto. Um desses sites que reúne conteúdo desse tipo é o Portal dos Jornalistas<sup>123</sup>. Foi de lá que os bolsonaristas coletaram os dados da jornalista homônima.

“Entrevistada 2 - Foram três a quatro dias muito caóticos para mim. Eu tive que ligar no portal dos Jornalistas e pedir para eles derrubarem o meu perfil, porque era de lá que eles estavam tirando algumas das informações... A minha foto que eles acharam, era uma foto que tava lá no portal do Jornalistas, por exemplo. Uma foto antiquíssima, assim, uma foto de 10 anos atrás.”<sup>124</sup>

Só que os problemas não pararam por aí. Como já vimos em alguns trechos desta dissertação, as postagens espalharam-se como rastilho de pólvora, e a jornalista se assustou quando se deu conta do tamanho da exposição. Na tentativa de sanar os compartilhamentos, ela acionou todos os amigos que podia. Além disso, contou com a disposição de conhecidos para avisar as pessoas que estavam atacando a jornalista errada. Nesse grupo de pessoas que tentaram ajudá-la, havia até apoiadores de Bolsonaro.

“Entrevistada 2 - Mas depois eu fiquei sabendo que ele [o pai do ex colega de escola] entrou em contato com os contatos dele nos grupos [para avisar da confusão]. Aí você percebe que existe mesmo uma coisa que é orquestrada, né? Porque quando essas pessoas entram [nesses grupos] e falam: esse tipo de ataque que vocês estão fazendo não tá correto, vocês estão errando o alvo ... aí dá uma diminuída.”<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Disponível em <https://www.portaldosjornalistas.com.br/>

<sup>124</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

<sup>125</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

A profissional passou dias nessa função de mandar mensagens para quem havia compartilhado o post. E alguns retornos a surpreenderam.

“Entrevistada 2 - Uma das pessoas que tinha postado a minha foto no Facebook, eu só consegui falar com ela depois de três dias. Mandei várias mensagens inbox, mandei mensagem no mural dela, vários dos meus amigos, centenas de pessoas mandaram mensagem para ela ... e ela não retirava o post. E aí quando eu eventualmente conseguir falar com ela, ela disse que tava doente, e não estava nem entrando no Facebook. O post dela tinha tido 42 mil compartilhamentos. Uma coisa completamente descabida, né? E aí eu falei assim: isso que você fez é muito grave, sabia? Você tá postando uma foto de uma pessoa, sem saber quem é, sem nunca ter checado, sem ter tirado, quando as pessoas te falaram, que tava equivocado, isso é muito sério. E aí ela respondeu assim: veio da internet.”<sup>126</sup>

O episódio não foi o único. Outra pessoa que também compartilhou o post era amiga de amigos da mãe da jornalista. Por conta dessa conexão, a mãe da entrevistada pediu para retirarem a publicação. “Minha mãe falou: fulano, você pode tirar esse post, por favor. A jornalista que você se refere não é essa da foto.” E o cara respondeu: “Mas tem as mesmas crenças políticas?” Dando a entender, assim, se for da mesma estirpe, não vou tirar.”

Os xingamentos, mais uma vez, seguiram à risca a cartilha bolsonarista de ataque às profissionais de imprensa. As mensagens, segundo a entrevistada, “eram muito agressivas, teve muito xingamento. No Twitter, tinha umas coisas assim: 'ela é muito feia, olha que mulher feia, parece um traveco...' sabe umas coisas assim, infantis, preconceituosas e machistas”. Para além dos ataques virtuais, a profissional – assim como todas as demais entrevistadas, temeu agressões físicas. “Primeiro eu senti medo, porque meu filho tinha um pouco mais de dois anos. Então, eu fiquei bem apavorada, achando que poderia acontecer alguma coisa comigo na rua assim, sabe? Tipo é um ataque no mundo real”.

Ao longo das entrevistas, um ponto nos chamou atenção: a subjetividade das profissionais atacadas, tema que será discutido mais profundamente num capítulo específico. Pois por mais que muitas falem que as ofensas que sofreram não eram pessoais, talvez seja possível dizer que esses xingamentos também tinham cunho pessoal, e as afetavam psicologicamente. O que queremos destacar brevemente aqui é que por mais que exista a tentativa de não personalizar os ataques – e esta dissertação traz isso, há, paradoxalmente, algo particular nessas ofensas, talvez nem

---

<sup>126</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

tanto do ponto de vista dos bolsonaristas que atacam as mulheres, mas das mulheres vitimadas. Durante nossa conversa, a jornalista homônima contou que uma foto sua foi divulgada. E logo no começo da entrevista, ela fez questão de nos dizer que se tratava de uma foto desatualizada. Mais adiante, ela comentou:

“Entrevistada 2 - Eu comecei a odiar essa minha foto [a imagem que foi compartilhada]. É uma foto que comecei a odiar. Pode parecer superficial, considerando todas as outras camadas disso, mas assim é uma foto que eu nunca mais consegui olhar e achar...Eu tenho um pouco de pânico dela.”<sup>127</sup>

A jornalista cogitou processar as pessoas que compartilharam os posts a fim de responsabilizá-las, mas desistiu.

“Entrevistada 2 - Esses criminosos [quem inventou isso] são os que eu queria ter conseguido encontrar para processar porque esses são criminosos na minha visão. Mas na delegacia de crimes virtuais, eles me falaram: a gente não tem como [investigar]. Eles não usaram com essas palavras, mas tipo assim, eles estão por aqui de coisa para fazer né? A chance de eles conseguirem investigar o meu caso... eles falaram: a gente a gente vai deixar aqui seu B.O, o que você fez etc. Não foi uma mensagem de esperança para mim. E eu achei que muito que seria muito trabalho por nada.”<sup>128</sup>

### 5.3.3 Entrevista 3 - A freelancer que se assustou com os ataques virtuais

Quando iniciamos a pesquisa deste mestrado, procuramos falar apenas com jornalistas que atuavam na grande imprensa, trabalhando para veículos como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Globo etc. No entanto, nas conversas informais que tivemos com profissionais da área, constatamos que os ataques não se restringiram apenas às trabalhadoras de veículos nacionalmente conhecidos. Bastava um post ou uma matéria cair na rede bolsonarista para a autora do texto receber uma enxurrada de ofensas. Foi por isso que conversamos com esta profissional, que atua há anos como freelancer e ficou surpresa ao ver uma matéria sua sobre o uso de máscaras repercutir. Ela conta:

“Entrevistada 3 - Eu nunca tinha passado por nenhum tipo de humilhação [antes do governo Bolsonaro], nada disso. Muito pelo contrário, era muito respeitada. A primeira vez eu lembro porque foi tão chocante...Foi em março, no início da pandemia [em 2020], eu fiz um texto falando sobre a obrigatoriedade das máscaras nos aeroportos. E assim a primeira mensagem que eu vi foi tão impactante que eu nem pensei em printar, minha mão tremeu,

---

<sup>127</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

<sup>128</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 2, à autora deste trabalho.

e eu fui lá e excluí. Foi um rapaz um homem, um homem branco... Ele pegou muito pesado, ele me xingou de vagabunda piranha...Eu nunca tinha passado por isso, então, eu levei o maior susto e aí eu apaguei. Esse meu texto sobre a obrigatoriedade da máscara eu postei no meu Facebook também. E aí esse meu primeiro texto sobre a obrigatoriedade das máscaras teve 800 comentários no Facebook. Metade era me xingando. E a maioria era: esquerdopata; você que traz Covid; é você que espalha a doença; você tinha que pegar a doença...sabe o negacionismo que eu nunca imaginei na minha vida assim.”

“Interlocutora - Como você se sentiu? “

“Entrevistada 3 - A princípio eu me senti humilhada, sabe? Humilhada...”<sup>129</sup>

Essa profissional também vivenciou o mesmo desgaste que contamos no depoimento anterior, ou seja, toda vez que fazia e postava alguma matéria que desagradasse os bolsonaristas, recebia xingamentos.

“Entrevistada 3 - Até quando eu postava na minha rede, essas pessoas me achavam. Uma vez, postei no meu Facebook sobre o uso de ivermectina, para que servia. [Após essa postagem] até gente que não era nem da minha rede entrava lá para xingar para, sabe?”.<sup>130</sup>

Com o passar do tempo e dos ataques que nunca cessavam, a jornalista começou a notar que ela não estava sendo atacada só porque era jornalista e porque escrevia sobre assuntos relacionados à Covid-19, mas, também, porque era mulher.

“Entrevistada 3 - A agressividade que tinham com a jornalista mulher, essas pessoas não tinham com jornalistas homens. Eu conheço jornalistas homens que postavam sobre isso e nunca nem ninguém chegou neles e falou que ele era uma piranha que ele era uma vagabunda. Esse cunho sexual, o jornalista homem não sofre. Então esse tipo de agressividade é muito mais cruel contra jornalistas mulheres. E essas pessoas são validadas pelo presidente, porque eu nunca vi um presidente - pelo menos nessa era democrática - tratar as mulheres, como ele tratava. Então, assim, eu nunca vi tanta agressão contra a mulher de pessoas que, meu, nunca te viram, sabe, simplesmente para te agredir de forma misógina e machista. Eu não via isso em outros governos. Não que não tivesse, mas dessa forma de você vomitar na cara da pessoa, eu nunca tinha visto antes.”<sup>131</sup>

#### 5.3.4 Entrevista 4 - A jornalista de Brasília

---

<sup>129</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 3, à autora deste trabalho.

<sup>130</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 3, à autora deste trabalho.

<sup>131</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 3, à autora deste trabalho.

Demorou alguns meses para conseguirmos falar com as jornalistas para esta dissertação. Como já contamos aqui, fizemos dezenas de contatos, de diferentes formas, a fim de conseguir um bate-papo, nem que fosse de 15 minutos. Levamos alguns "nãos". Além das negativas, havia as profissionais que nunca respondiam, nos deixando em dúvida se a mensagem tinha chegado, se ela recebeu o recado de um colega pedindo a entrevista, etc. Esta jornalista, cuja história vamos contar agora, é um desses casos. Mandamos mensagens para ela em 2022, e, em janeiro de 2023, resolvemos insistir mais uma vez. Ela topou conversar e nos contou:

“Entrevistada 4 - Eu tinha visto seu pedido de entrevista ano passado, mas queria saber quem era você. Entrei no seu LinkedIn, vi que você tinha trabalhado no veículo [ela cita o site] e falei com uma amiga minha que trabalha lá para saber se ela te conhecia. Aí, ela disse que você era bacana, por isso aceitei falar.”<sup>132</sup>

Logo no começo da entrevista, a profissional – que atua na capital federal há mais de dez anos, quis dividir a percepção que ela e seus colegas de profissão tiveram em 2018, portanto, antes de Bolsonaro assumir o cargo da presidência.

“Entrevistada 4 - Como você não vai usar [o nome das entrevistadas], tem uma coisa muito pessoal para contar: quando a gente estava em 2018, na eleição, eu tinha muito medo da eleição do Bolsonaro, porque eu falava: eu sou jornalista, que ele odeia; eu sou mulher, que ele odeia; eu sou feminista, que ele odeia. E a gente tinha um muito um medo do desconhecido. A gente não sabia o que seria o governo Bolsonaro, e, assim, eu cheguei a falar para a minha família que eu tinha medo de ser estuprada na rua. Sabe, assim? Eu tinha um medo mesmo, em 2018, um medo muito grande, mais do que em 2022, porque eu acho que em 2022 a gente já conhecia o inimigo. Então, assim, claro que eu tinha muito medo do pelo País, pela destruição, e tal, mas eu, em 2018, tinha um medo pessoal de cobrir governo Bolsonaro sendo jornalista, mulher, feminista?”<sup>133</sup>

O medo de cobrir um governo declaradamente agressivo permeou o trabalho da imprensa durante os quatro anos. Nunca existiu um clima respeitoso nas agendas. Os jornalistas eram sistematicamente atacados e humilhados durante as coletivas de imprensa por apoiadores do ex-presidente no Palácio da Alvorada<sup>134</sup>. A situação chegou a um ápice em 2020, e as redações da Folha de S. Paulo, Correio Braziliense, Congresso em Foco, grupos Globo e Bandeirantes resolveram suspender

---

<sup>132</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 4, à autora deste trabalho.

<sup>133</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 4, à autora deste trabalho.

<sup>134</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52553647>

temporariamente o plantão de repórteres no local<sup>135</sup>. "As agressões foram num crescente. E sempre muito misógino, né? Era sempre com mulher, com o repórter que parecia mais gay", afirma nossa entrevistada, que também foi agredida por Bolsonaro. Ela relembra:

“Entrevistada 4 - Era 2019, era plantão, e esses cercadinhos [espaço onde ficam os profissionais de imprensa] são sempre muita adrenalina, porque é gente se cutucando, se cotovelando, o microfone por cima. Então você fica lá muito assim na adrenalina mesmo, e tinha que fazer uma pergunta. E foi uma pergunta, assim, sobre previdência enfim... E aí eu estava lá e ele falou essas besteiras [o ex-presidente xingou a jornalista]. E aí quando acabou, eu olhei para os meus colegas e falei: meu Deus, o Bolsonaro me chamou de feia, que bizarro ...aí a gente começou a rir, porque é um sentimento de absurdo, entendeu? Porque apesar de conhecer e tals, a gente pensa, esse cara é o presidente da República. Eu perguntei um negócio para ele, e ele me chama de boba, chata e feia...Então, é uma incredulidade mesmo. E apesar de ser repetido várias vezes, não parece que isso é sério. Porque é isso, nesses anos eu já fiz de tudo. Já fiz pergunta que incomodou, já tive boas relações com umas fontes, não tão boa com outras, mas é sempre uma coisa muito...É realmente esse sentimento de incredulidade, do tipo, não é possível que o presidente da República fale assim. A gente perdeu essa liturgia do cargo. Brasília é formado por animais políticos, você não vê as pessoas perdendo a linha com tanta facilidade. E o Bolsonaro não, pelo contrário, essa é a característica principal dele, essa coisa do ataque, sempre do polemizar, sempre de desvalorizar o emissor da pergunta, então é sempre desse jeito e é patético. E ao longo dos anos o que ele mais usou foi esse tipo de coisa.”<sup>136</sup>

Além da ofensiva direta de Bolsonaro, a profissional sofreu outros ataques ao longo do governo, inclusive de apoiadores do ex-presidente nas redes sociais.

“Entrevistada 4 - Eu fui para uma coletiva do Moro [ex-ministro da Justiça] em que ele estava apresentando o pacote anticrime. Eu tinha acabado de voltar de viagem, uma coletiva de manhã, fui toda esbaforida para a coletiva... certeza que eu realmente estava descabelada, mas, assim, a vida é assim, né? Você faz mil coisas e vai nem sempre, né? Aí, eu fiz alguma pergunta sobre aquele perdão aos policiais que matavam, de anistiar a policial que matasse um serviço. Fiz uma pergunta exatamente sobre esse tema, que é um tema polêmico, um tema caro ao Bolsonarismo... Enfim, essas coletivas são todas transmitidas ao vivo, e em algum momento deram um print dessa pergunta e esse vídeo começou a viralizar pelas redes sociais.... E aí eram assim os xingamentos: descabelada, feia, era sempre a coisa da aparência, entendeu? Tipo, quem é essa descabelada que acha que pode perguntar isso para o Moro”<sup>137</sup>

A fala da profissional traz pontos que já levantamos neste texto: o fato de ela, de certa forma, justificar que estava, de fato, "descabelada", o que reforça a

<sup>135</sup> Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/veiculos-de-imprensa-suspendem-cobertura-presidencial-na-porta-do-alvorada>

<sup>136</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 4, à autora deste trabalho.

<sup>137</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 4, à autora deste trabalho.

necessidade de abordarmos a questão da subjetividade em breve. E o efeito tsunami das postagens feitas pelos bolsonaristas. Essas questões convergem à medida que notamos, na fala da entrevistada que mostraremos abaixo, que ela passa a questionar o próprio trabalho.

“Entrevistada 4 - O que eu sinto, na verdade, com o bolsonarismo é que o jornalismo perdeu a capacidade de falar o óbvio. Por exemplo: uma vez estava fazendo uma matéria de uma chacina no Rio e eu fui escrever chacina, e aí eu falei assim: Meu Deus eu posso usar chacina? Será que chacina é um termo de esquerda? Então, você entra numa paranoia do tipo assim: ah eu quero ser o mais imparcial possível para que essa demanda seja ouvida, porque não é uma questão de direita e esquerda. Então acho que todas essas questões de direitos humanos, do óbvio ululante se perderam com o bolsonarismo, porque eles questionam tudo de uma maneira tão escrota, que que é difícil dar nome aos bois. E foi uma coisa que eu acho que os jornais mudaram depois do 8 de janeiro, né. Existe toda uma discussão jurídica para saber se esses caras podem ser chamados de terroristas ou não, se o crime que eles praticaram foi terrorismo ou não, e eu acho que os jornais todos já ‘manchetaram’ no outro dia: terroristas. O jornalismo é, antes de tudo, uma defesa dos direitos humanos, então, é muito bizarro que que ele tenha mexido de uma maneira tão central, assim, nesses valores do jornalismo em si.”<sup>138</sup>

### 5.3.5 Entrevista 5 - A ombudsman

Durante o processo das entrevistas, acontecia de uma jornalista indicar outra mulher para falar conosco. Com o contato em mãos, partíamos para fazer o convite e explicar sobre o objetivo deste trabalho. Algumas recuaram, outras, como esta jornalista que citaremos neste tópico, acharam que seria importante falar, mesmo que elas não tivessem sofrido, pessoalmente, algum ataque tão ostensivo como muitas de suas colegas.

“Entrevistada 5 - Acredito que minha contribuição para o teu trabalho possa se dar em relação à forma como os leitores falavam comigo quando eu tinha alguma crítica ao governo Bolsonaro, porque, graças a Deus, não tive problema de violência física ou algo ao vivo.”<sup>139</sup>

Com mais de 20 anos de carreira no jornalismo, esta profissional ocupava, no período de nossa conversa, o cargo de ombudsman do jornal que atuava. Era o segundo ano no cargo, exercido, na maior parte do tempo, no modelo home office.

“Entrevistada 5 - Entrei nesse serviço [de Ombudsman] meio da pandemia, então, a gente deixou de ter o serviço presencial dos leitores indo lá no jornal. A dinâmica poupou a profissional de, eventualmente, se deparar com algum

---

<sup>138</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 4, à autora deste trabalho.

<sup>139</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 5, à autora deste trabalho.

leitor apoiador de Bolsonaro na redação, no entanto, não a impediu de notar um aumento no número de agressões aos profissionais de imprensa."

"Entrevistada 5 - É bem clara a postura agressiva, inclusive de xingamentos em relação aos profissionais, dos leitores bolsonaristas. Por exemplo, eu tenho uma coluna semanal em que faço uma crítica sobre algum fato ocorrido no jornal durante a semana. Se, por acaso, naquela minha crítica aparecer algum movimento meu progressista, de uma pessoa que tenha esse olhar mais progressista, por exemplo, já começam... [as mensagens com xingamentos] Eu percebo uma vontade maior - e acho que a internet permite um pouco isso, de a pessoa não [querer] discutir ideias ou discutir algum problema específico do jornal, mas atacar o interlocutor. A todo momento, a maioria das críticas que eu recebo não vêm em relação ao material produzido, mas à pessoa que fez o texto ou ao jornal".<sup>140</sup>

As manifestações agressivas de bolsonaristas têm aparecido em quase todos os depoimentos desta dissertação. Além delas, as declarações trazem outro ponto em comum: o ataque às mulheres.

"Entrevistada 5 - A [ela cita o nome de uma jornalista do veículo] tem uma coluna semanal em que ela faz muitas, muitas críticas. Ela tem uma crítica muito ativa contra o Bolsonaro. Ela como jornalista, é a opinião dela, e tudo mais. E muitos leitores não conseguem entender. Inclusive, ela fez um artigo colocando xingamento um leitor específico que fica mandando para ela ... xingamentos muito, muito duro, sabe. E eu acredito que a [ela cita novamente o nome da colunista] como uma mulher, que tem esse espaço de destaque e como uma mulher negra também facilita com que isso aconteça. Porque, por exemplo, o [ela cita o nome de um jornalista homem] que é outro articulista nosso, que também tem um viés mais relacionado à esquerda que também critica bastante o Bolsonaro, esse mesmo leitor [que xinga a colunista] também critica ele, mas não crítica da forma baixa, xingando ele. É uma crítica diferente, sabe. É uma forma diferente."<sup>141</sup>

O veículo que a jornalista trabalha só permite que assinantes possam comentar nas matérias. E as pessoas que estão dispostas a xingar, xingam mesmo que estejam identificadas. Para a ombudsman, um dos alicerces dos ataques foi a postura de Bolsonaro.

"Entrevistada 5 - Eu acho que eu acho que ele [Bolsonaro] deixa as pessoas mais livres [para xingar], assim, mais à vontade, é como se eles tivessem inclusive estimulando, sabe? Há uma forma, às vezes, eu acho que as pessoas tinham um pouco mais de medo ou de pudor de fazer algo relacionado a isso. E hoje é como se tivesse alguma chancela de que eu faço isso e você também pode. Então, assim, se o presidente ele se permite ser daquela forma grosseira... a forma como ele se comporta faz com que as pessoas também se sintam à vontade para também ser assim. Se uma pessoa com cargo de autoridade tá fazendo isso por que também não posso fazer dessa forma? As pessoas meio que consideram natural agir dessa forma. É mais ou menos isso que eu entendo. E [comparando com outros

---

<sup>140</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 5, à autora deste trabalho.

<sup>141</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 5, à autora deste trabalho.

governos] eu nunca vi nada, nada dessa forma, sabe, nada tão explícita como a gente vive hoje”.<sup>142</sup>

### 5.3.6 Entrevista 6 - A repórter de uma revista mensal

Quando fizemos a postagem nas redes sociais - como mencionado no início deste capítulo - esperávamos que apenas jornalistas freelancers ou de editoras menores iriam nos procurar. Tivemos uma grata surpresa - do ponto de vista acadêmico - quando uma jornalista de uma revista de um dos maiores conglomerados de comunicação do país se interessou por nossa pesquisa e quis contar sua história. O que a motivou a nos procurar foi que ela notou uma diferença no exercício da profissão. Ela relembra um fato que chamou atenção:

“Entrevistada 6 - Teve um episódio que me fez dar um estalo! Eu comecei a cobrir agenda do Mourão [ex-vice-presidente da República no governo Bolsonaro]. E aí eu acompanhava bastante o que ele falava, as coletivas e dava muito a matéria sobre ele. Teve uma época que alguém no LinkedIn da vice-presidente da República começou a me seguir. E aí assim ficou uns meses assim, tipo: essa pessoa visitou seu perfil; até comentei na redação e me falaram: tira um print, não custa nada. Me incomodou foi essa permanência... na hora [que viram o perfil dela], pensei: minha matéria já chegou na vice-presidência. Mas aí quando continuou, aí eu pensei tem alguma coisa errada entende? Aí foi isso que eu falei assim é olhar com menos ingenuidade e entender que talvez significa que tão de olho em mim, é porque é isso, né? Essa persistência eu achei um certo um tom de intimidação mesmo.”<sup>143</sup>

Acostumada em cobrir pautas em fazendas, a profissional comenta que havia uma recepção cordial, e que ela não ficava intimidada durante as pautas. No entanto, isso mudou:

“Entrevistada 6 - Eu vejo nesses últimos anos do governo Bolsonaro, uma pressão sobre a imprensa que de fato não existia. Eles [as fontes] mudaram a recepção com a imprensa. Se é [ela diz o nome da empresa que trabalha] tem que tomar um pouco mais de cuidado. [a fonte diz pra ela]: ‘Eu te recebo, mas saiba que eu sou bolsonarista, sabe’ Isso era uma coisa que antes não tinha. Antes isso nunca importou, mas a partir do momento que Bolsonaro começa a deturpar a imprensa, essas fontes também começaram a levar esse discurso como verdadeiro, sabe...”<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 5, à autora deste trabalho.

<sup>143</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 6, à autora deste trabalho.

<sup>144</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 6, à autora deste trabalho.

Outro incidente que chamou a atenção da jornalista ocorreu durante a cobertura de uma pauta em que ela precisou viajar para a região centro-oeste. Lá, ela notou que havia fogo em uma das fazendas e começou a investigar o que estava acontecendo. Consultou os bombeiros, perguntou para pessoas da região, até que conseguiu chegar a uma fazenda onde havia fogo. Assim que adentrou o local, começou a filmar, enquanto o fotógrafo que a acompanhava foi capturar imagens:

“Entrevistada 6 - Deu alguns minutos ali devia ter uns 10 minutos que a gente estava ali, eu fiz uns stories gravações, fotógrafo levantou drone... e chegaram uns dois caminhões. Deviam ter uns sete caras ali. Na hora a gente ficou bem próximo [quando os caminhões passaram pela jornalista] eu falei: bom dia vocês trabalham aqui? Um deles olhou assim para mim com olhar de superioridade, e me ignorou. Assim ele me ignorou. Eu achei isso extremamente estranho. Mesmo assim eu andei uns passos eu perguntei: é carro pipa né? [Segundo a jornalista, na fazenda havia dois carros pipa]. Ele olhou assim para mim de novo e foi falar com os caras. Eu pensei se falava ou não para fotógrafo porque foi uma situação estranha, mas eu pensei talvez tenha sido uma situação estranha porque eu sou mulher. Mas decidi fazer o meu trabalho [que era tentar entender o que estava acontecendo naquele contexto]. De repente, todos eles vieram caminhando no sentido do nosso carro [a jornalista seguia filmando] e um deles falou: você tá filmando o quê aí? Eu falei: eu tô filmando o fogo que tá destruindo milho de vocês, eu queria conversar a respeito sobre isso. Aí outro disse: Quem deixou vocês entrarem aqui? E aí eles começaram a filmar a gente e fazer assim: ó, essa aqui é a placa aqui, e eles começaram a perguntar: vocês são jornalistas? E eu falei: sim. Eles falaram: vocês trabalham para onde? Na hora, eu falei: a gente é freela. Eu pensei se eu falasse que eu sou da [ela diz o nome da empresa que trabalha de verdade, assim, eu não sei o que que podia acontecer. Mas eles perguntaram isso várias vezes, num curto espaço de tempo assim, tipo não deixando a gente falar sabe... Ficavam: mas são de onde? Vocês estão fazendo o quê? Quem deixou vocês entrarem? ... Foi horrível. Foi uma situação assim... e aí eu me lembro de fazer um stories deles que eles falaram não vai publicar nosso rosto não. Ah é eles falavam muito isso não vai publicar nosso rosto não, hein que não sei o quê. A gente não permite. E aí eu pensei: quem não deve não teme. A única coisa que eu soube fazer foi fechar as portas do carro e acelerar para cacete ... A gente voltou para a rodovia, e vimos que o fogo tava tomando uma proporção escandalosa, muito maior de quando do que quando a gente tinha visto... os carros já estavam passando com dificuldade. Aí, descemos do carro para filmar e deixamos o carro no acostamento. Não demorou muito para que chegassem duas caminhonetes envelopadas- que não dava para ver nada dentro - e pararam uma na frente e outra atrás [do carro deles]. Aí eu pensei: eles estão perseguindo a gente. Além disso, tinha um cara de moto que passou umas quatro vezes, ele ia e voltar aí e voltava. Aí eu virei para o fotógrafo: tá acontecendo isso, tô tentando ler a situação e me parece que eles estão perseguindo a gente. Vamos embora, já deu sabe assim. Vamos também preservar um pouquinho a nossa vida.”<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 6, à autora deste trabalho.

Após sair do local da pauta, a jornalista comenta que ainda sentiu medo de ser perseguida, pois estava numa cidade pequena. A questionamos se ela havia entrado em contato com seus superiores na redação, e ela disse que sim.

“Entrevistada 6 - Eu lembro que consegui mandar umas mensagens no grupo da redação, falando que isso, isso e isso, e que os caras tão bem violentos. Acho que eu cheguei a mandar uma ou outra foto para eles. E vieram mensagens do tipo: cuidado; vai embora; onde que você tá; manda sua localização ...rolaram coisas assim ali no momento, né? O pessoal[da redação] ligou para saber se tava tudo bem e tal. E não aconteceu nada, falei que tava tudo bem. Eles [redação] perguntaram até o final da viagem quando eu cheguei em São Paulo...Eu me senti assim bem ouvida, sabe? Eu acho que em momento nenhum assim, eu fiquei desamparada nem nada, mas morreu aí. Aí, eu fico pensando como que vai começar a ter um plano de fuga, quando que a gente vai falar abertamente sobre: olha e se um dia a gente for sequestrado? Eu sou uma pessoa e estou arriscando na minha vida [fazendo algumas reportagens], a empresa vai fazer o quê em relação a isso?”<sup>146</sup>

### 5.3.7 Entrevista 7 - A colunista

Com mais de 30 anos de experiência em jornalismo, esta profissional ocupava o cargo de colunista em um jornal de grande circulação em uma capital do Nordeste brasileiro quando conversamos com ela. O que nos chamou a atenção neste perfil foi entender como os ataques dos bolsonaristas afetavam uma profissional com tantos anos de carreira e em uma posição de prestígio. Durante nossa conversa, notamos que, assim como as repórteres de rua, ela sentiu, logo em 2018, que o debate político estava estranho.

“Entrevistada 7 - Eu escrevo no jornal há muitos anos, muitos mesmo. E quando recebi o convite para ser articulista, eu passei por muita coisa, como a Lava Jato... mas desde que Bolsonaro se tornou candidato alguma coisa mudou com relação à forma como os leitores entravam em contato comigo. Porque antes eu recebia e-mails, eram muitos mais e-mails de homens, que algumas vezes criticavam, outras concordavam, mas sempre [havia] um diálogo. Mas em 2018 dificultou. Quando eu escrevi os primeiros artigos sobre o Bolsonaro, dizendo que a trajetória política dele não era uma trajetória que garantia que ele tivesse qualificação para ser presidente da República, eu passei a receber e-mails me chamando de esquerdopata, dizendo que era melhor já ir se acostumando, porque ele iria ganhar a eleição e tal. Quando ele venceu as eleições [de 2018] esse diálogo foi se tornando assim mais beligerante, as agressões foram mudando bastante, e eram xingamentos, agressão.”<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 6, à autora deste trabalho.

<sup>147</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 7, à autora deste trabalho.

Diante da mudança de comportamento dos leitores, a articulista começou a ler os comentários feitos em artigos de seus colegas. O intuito era entender o que estava ocorrendo, se o que acontecia com ela era personalizado ou não. Uma dessas colunistas era a jornalista Vera Magalhães, que era frequentemente agredida por Bolsonaro. Um dos casos mais emblemáticos ocorreu no debate presidencial em agosto de 2022, no qual Vera mediava o debate e fez uma questão ao então candidato à reeleição sobre a diminuição da cobertura vacinal. Bolsonaro respondeu: “Vera, não pude esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”. De acordo com uma reportagem da Agência Pública, bastou Bolsonaro ofender a jornalista para que a engrenagem de ataques virtuais fosse acionada. “Nos 121 grupos bolsonaristas (...) que monitoramos (...), as menções negativas e ataques a Magalhães bateram recorde na segunda-feira (29/08), chegando a 90 mensagens. Nos últimos 30 dias, a jornalista havia sido mencionada apenas em 4 dias, entre 1 e 2 vezes por dia”, informa a reportagem.

Foi comparando as mensagens que Vera Magalhães recebia que nossa entrevistada chegou à conclusão de que se tratava de uma questão de gênero.

“Entrevistada 7 - Comecei a perceber que a Vera Magalhães passou a receber o mesmo tipo de xingamento que eu recebia, que não eram os mesmos ligamentos dos homens. Eu percebia que com os homens é essas críticas eram bem mais amenas do que comigo, do que com a Vera Magalhães. E coincidentemente nós somos as únicas que abordam política pura. Nesses quatro anos, eu só escrevi sobre o Bolsonaro. Foram pouquíssimas as vezes que eu não alguma coisa desse governo, porque esse governo ele tinha muita possibilidade de a gente escrever sobre ele. Era um absurdo após o outro. Então, eu acho que a violência no País, nos últimos tempos, ficou tão institucionalizada que todas as pessoas – tanto de extrema direita como de centro e de esquerda, estão contaminadas por essa violência.”<sup>148</sup>

Após a entrevistada comentar de forma mais ampla sobre a violência que a jornalistas sofriam, perguntamos a ela como se ela sentia diante de tudo aquilo. Ela começou a chorar, ficou em silêncio por alguns minutos e com a voz embargada disse:

“Entrevistada 7 - É... no começo... eu fui deixando pra lá, sabe [ela faz uma pausa] como se eu não ligasse mesmo [ela faz uma pausa]. Eu achava isso, mas são os ônus da profissão... Até admitir que aquilo me abalava muito, e que é impossível você manter diálogo com uma pessoa que te chama de lixo,

---

<sup>148</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 7, à autora deste trabalho.

como algo que não presta, que não vale nada. De repente, eu passei a ter medo sim. Eu me lembro de algumas ocasiões em que dizer que era jornalista era uma dificuldade para mim, e ir em alguns lugares. “Por exemplo: uma vez eu lembro que eu estava eu livraria, com minha filha. E eu estava num montante lá de livros na área de Literatura, Linguística, alguma coisa assim. E eu tava com um livro do Noam Chomsky na mão, era um livro sobre cultura que tinha acabado de ser lançado no Brasil. E tinha um rapaz do meu lado, um rapaz branco, musculoso, e tal ... E começamos a conversar ali, ele perguntou se eu gostava do autor, eu falei que sim, que gostava muito, principalmente dos posicionamentos políticos dele. E ele perguntou qual era a minha profissão. E eu desconversei, fiz de conta que não tinha escutado bem o que ele disse. Mas ele insistiu, perguntou se eu era professora da universidade, eu falei que não e ele perguntou: mas então qual é a sua profissão? Eu fiquei pensando duas vezes em dizer, porque também tinha aquela coisa do estereótipo. Ele tinha um estereótipo muito bolsonarista, digamos assim, era aquele homem branco, visivelmente de classe média alta, numa livraria num shopping de classe média alta, vestido com aquela roupa que ele estava, então, assim, e eu [na hora de responder] até brinquei e disse a ele: eu exerço aquela profissão que algumas pessoas odeiam atualmente. Aí depois não conversamos mais e falei pra minha filha: bora, vamos tomar esse café e bora.”<sup>149</sup>

O interessante neste relato é notar como a violência política que ela sofreu a fez ter medo de situações corriqueiras, que até então, não apresentariam nenhum risco à sua integridade física. Esse depoimento se assemelha a outros que trouxemos aqui, nos quais as profissionais que são vítimas de ataques de alguma forma se autocensuram, omitem informações como a profissão ou o veículo que trabalham. Nossa entrevistada lembrou de outro ocorrido nesse sentido.

“Entrevistada 7 - Eu me lembro também que uma vez eu fui ao banco com meu marido, e como não tinha estacionamento, meu marido deu a volta. Aí, eu fiquei na frente do banco, quando alguém se aproximou de mim e perguntou: você e a [ela diz o próprio nome], jornalista? E, olha, eu senti como se chão fosse abrir, sabe. Eu vi o homem puxando uma arma e atirando na minha cabeça; eu vi o homem me agredindo fisicamente... E eu fiquei pensando, e agora meu deus, o que que eu digo para esse homem? Eu tava de máscara porque era na época da pandemia. Enfim, eu pensei seja lá pra morrer ou não, vou ter que dizer que sim. Eu disse sim, sou eu. Aí ele disse: olha eu leio os seus artigos, eu gosto muito e tal. Menina, parece que eu vivi de novo, sabe? Então, olha, muitas vezes, eu me senti temerosa, e, principalmente, quando a gente que muitas pessoas foram mortas, foram agredidas publicamente. E a possibilidade de uma mulher sofrer uma agressão nos dias de hoje ou pelo menos até 31 de dezembro deste ano [2022], porque a gente sabe que isso não vai acabar, pode até ganhar outra dinâmica [após eleições] até mais perigosa, então eu realmente tive medo. Muitas vezes eu tive medo.”<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 7, à autora deste trabalho.

<sup>150</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 7, à autora deste trabalho.

### 5.3.8 Entrevista 8 - A jornalista que largou tudo

A história da jornalista que fecha este capítulo chegou até nós por meio de outra entrevistada, que contou que vários colegas de profissão desistiram de trabalhar em um contexto de tanta violência contra os profissionais de imprensa. Esta profissional não mora mais no Brasil e por esse motivo, consideramos seguro listar alguns dos veículos que ela trabalhou durante sua trajetória de repórter de política: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, e O Globo. Saber desses veículos é interessante também porque, como veremos no relato da profissional, geralmente, há diferença de tratamento dependendo de onde você trabalha. É por esse motivo, só para pegar um exemplo mais recente, que a repórter da revista mensal quis omitir o local para o qual trabalhava durante a intimidação dos fazendeiros. Esta jornalista que largou tudo, assim como as demais entrevistadas, também sentiu uma diferença de tratamento logo na campanha.

“Entrevistada 8 - Foi uma eleição muito diferente de cobrir, comparando com a experiência que eu tive em 2014, por vários fatores, e a facada é um deles. A gente tinha um candidato preso, um candidato que estava internado boa parte da campanha ... E era uma campanha [de Jair Bolsonaro] muito desestruturada, no sentido do que classicamente as pessoas estão acostumadas. Sabe-se que [toda campanha] tem um coordenador de campanha, um porta-voz, um tesoureiro ... E a dele não tinha, e acho que teve uma incompreensão muito grande dos comandos de redação de entender que não se tratava de uma campanha comum.”<sup>151</sup>

Quando Bolsonaro assumiu a presidência da República, várias jornalistas mulheres já haviam sido atacadas. Como percebemos ao longo dos relatos que expusemos até aqui, as profissionais já tinham percebido como seria difícil trabalhar num contexto de um governo misógino. E vale destacar, como também notamos nos relatos, que essas profissionais têm consciência da dificuldade de cobrir Brasília, justamente pelos pontos de tensão que existem. Durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, a relação entre governo e profissionais de imprensa – no geral, ficou mais delicada, e por mais que saibamos que as empresas de comunicação têm interesses, são os jornalistas que estão na ponta que mais sofrem os impactos de, por exemplo, trabalhar para um jornal que declaradamente apoiou o impeachment. Trouxemos tudo isso para afirmar que, de acordo com as

---

<sup>151</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

entrevistadas, a questão com o governo Bolsonaro nunca foi uma pequena animosidade que havia entre governo e mídias, mas, sim, uma estratégia de minar a imprensa.

“Entrevistada 8 - O Planalto sempre foi considerado um lugar difícil de cobrir, muito fechado, as informações não circulam tanto quanto Congresso. Mas no governo Bolsonaro, as informações como agenda, você não tinha. Por exemplo - o setorista ele tem que dizer onde o presidente foi. E, assim, o terror do setorista é [constatar que] ‘presidente sumiu’; eu não sei onde ele tá não sei o que ele tá fazendo.’ E no governo Bolsonaro a gente não tinha agenda. Você não sabia para onde ele ia, o que que ele ia fazer, com quem que ia se encontrar, não tinha nenhuma transparência... o pessoal da assessoria não sabia, não era de má-fé, elas não sabiam, não sabiam mesmo. Então assim quem sabia era o ajudante de ordem dele, os cupinchas lá, entendeu? E, coincidência ou não, a maior parte das pessoas que trabalhava na assessoria eram mulheres. Também existia uma tradição de fazer portaria para Presidente, né, ficar literalmente na porta ali, esperando sair, entrar e tal. No caso nos outros governos, não tinha uma rotina de todos os dias, as pessoas [cidadão comum] irem para frente do Alvorada, por exemplo. [No governo Bolsonaro], os apoiadores estavam numa posição mais vantajosa de acesso ao presidente, de acesso à sombra [de uma árvore que, até o governo Bolsonaro, eram onde os jornalistas e fotógrafos ficavam]. Dali, eles conseguiam filmar a gente, cercar etc. Os jornalistas têm uma salinha que fica logo ali do lado, que é onde você bater matéria. Muitas vezes, os apoiadores tentaram invadir ali, filmar e tal. E é um negócio muito doido, porque quando as câmeras eram desligadas, muitos apoiadores ficavam muito curiosos sobre o nosso trabalho, perguntavam como uma certa admiração ...Então você vê que é tudo uma espetacularização, uma curiosidade, porque a figura do jornalista chama atenção. E assim quando tinha gente de TV, que a gente mais conhecida publicamente, eles queriam tirar foto. Gente, é surreal, eles estavam xingando a dois minutos, agora, tiram foto com jornalista querem falar que é fã do jornalista. Eu até escrevi uma coluna para [ela cita o jornal que trabalhava] fazendo uma analogia que aquilo ali era um stand up do Bolsonaro sabe? Ele não estava ali com o presidente. Ele estava como um show man. Ele estava se apresentando para garantir a popularidade dele.”<sup>152</sup>

Assim como as demais entrevistadas, esta jornalista também sofreu uma série de ataques do ex-presidente e de sua base de apoiadores. O interessante a se notar neste relato a seguir é a dinâmica dos ataques, em que todos os apoiadores do ex-presidente, inclusive os aliados políticos, têm papel fundamental no jogo de tentar intimidar a imprensa.

“Entrevistada 8 - A primeira vez que eu fui atacada [por Bolsonaro] de uma forma mais consistente foi na campanha [presidencial de 2018] no primeiro e segundo turno. Foi uma entrevista coletiva, no Rio de Janeiro. Antes dele entrar na entrevista coletiva, Onyx Lorenzoni [que em janeiro de 2019 foi nomeado por Ministro-Chefe da Casa Civil de Bolsonaro] pegou o microfone e falou para os apoiadores da seguinte frase: o capitão vai dar uma entrevista para imprensa, a imprensa é inimiga, vigiem o trabalho da Imprensa, fiscalizem. A coletiva foi construída dessa forma! Quando isso aconteceu, eu

---

<sup>152</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

lembro que eu estava com meu computador no colo, com o WhatsApp web aberto porque eu já ficava avisando a redação o que estava acontecendo. Mas [após a fala de Lorenzoni] as pessoas começaram a filmar, e eu fechei tudo no computador, porque eu falei, qualquer coisa que você escrevesse ou fizesse iam usar para alegrar que você não tem isenção para cobrir o presidente. Então foi muito assustador. E quando anunciaram o meu nome e veículo, veio uma vaia. E como Bolsonaro tinha acabado de falar que ele respeitava a imprensa, não tinha outra pergunta que eu fosse fazer que não fosse: qual posição o senhor vai adotar? Vai apoiar ou não? Por que teve uma vai o senhor não reprimiu. E ele foi super agressivo.”<sup>153</sup>

Outro ataque que marcou a trajetória da profissional ocorreu quando Bolsonaro já morava no Planalto. A repórter fez um questionamento sobre o uso indevido do helicóptero da presidência por membros da família dele, que seriam transportados para uma festa. “Ele falou: ‘não vou responder sua pergunta idiota, eu prefiro estar com a minha família do que tá aqui com você’. Esse fato ocorreu numa sexta-feira. No domingo, a repórter recebeu uma ameaça de morte.

“Entrevistada 8 - Eu estava em casa, eu recebi pelo Twitter uma foto do Herzog enforcado com a seguinte frase: jornalista bom é assim que não faz pergunta idiota. [a repórter recebeu essa mensagem no mesmo dia em que fez uma pergunta pra Bolsonaro]. Então, a pessoa sabia que eu tinha feito a pergunta? Alguém programou aquilo ali, não é? E eu comecei a chorar. Isso foi domingo à noite. Eu fiquei desesperada. Eu mandei mensagem para redação. Isso a gente pensou em envolver advogado e tal, mas nunca aconteceu nada assim nunca teve desdobramento. Mas enfim foi importante tomar uma providência naquele momento. Aí, eu peguei no sono no sofá, eu acordei às 2:00 da manhã com um homem esmurrando a minha porta. E eu fiquei super assustada, eu morava sozinha, eu olhei pelo olho mágico, vi que era um homem que eu não conhecia. Eu me tranquei no quarto com o celular, liguei para o telefone da portaria do prédio. Liguei para o porteiro e falei pelo amor de Deus tem um homem na minha porta. Eu não sei o que é, eu não vou abrir. Eu preciso que alguém vem aqui. Quando o porteiro chegou não tinha mais ninguém, mas ele descobriu que foi o vizinho de baixo, que era bolsonarista. Eu não faço a mínima ideia se isso é coincidência ou não. Eu prefiro não saber, mas a sequência de fato foi assim, eu acho que a partir daí que eu surtei sabe, eu demorei para entender que eu surtei. Ele [o vizinho] começou a colocar recados passivo-agressivo na minha caixa de correio, dizendo que eu ligava o chuveiro de madrugada e isso não deixava ele dormir, ele começou a ligar para o porteiro para pedir que eu não tomasse banho depois das 10:00 da noite porque o barulho do meu chuveiro atrapalhava. Ele falava que tinha máquina [de lavar roupa] ligado na minha casa, e não tinha nada ligado. [Uma vez] ele começou a bater à porta do corredor bem forte e tremia todo prédio. Todos os vizinhos foram para fora. O porteiro chamou a polícia. Foi um negócio que eu quase fui na delegacia para prestar queixa, mas foi no meio da pandemia. Eu falei. Ah, caramba na delegacia no meio da pandemia, me expor, a coisas e tal. Mas assim foi um ano de inferno. E aí eu não tinha dúvida de que ele era bolsonarista, porque ele ligava o hino nacional e ficava gritando coisas do Bolsonaro na janela.”<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

<sup>154</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

Distante desse contexto de imprensa, Planalto e ataques, a jornalista consegue enxergar o papel – ou a falta dele – das lideranças na redação. É interessante notar que os demais relatos trazem, de forma sutil, as insatisfações das profissionais com as respectivas lideranças. Esta entrevistada, talvez por já estar fora da redação, foi a que melhor conseguiu verbalizar esse incômodo.

“Entrevistada 8 - Eu acho que tem uma dificuldade muito grande de as redações entenderem que os ataques são porque você é mulher, sabe. São muitos chefes homens, e as poucas chefes mulheres também têm dificuldade de entender isso, porque ficam numa coisa de... pô, mas eu lutei para chegar aqui você também consegue ...por que que você está se fazendo de vítima por que você é mulher? Então eu acho que é o assédio sempre existiu e continuará existindo, infelizmente. Mas a misoginia, ela foi mais manifestada no bolsonarismo nessas coisas também que vão para a rede tem um certo ódio em relação. Tem uma coisa de descaracterizar ou tirar a credibilidade da mulher pela aparência, com quem ela é casada, de quem ela é filha, e assim vai. Eu senti uma solidão muito grande, uma total incompreensão dos chefes. Eu não quero fulanizar isso, tipo falar de chefe A ou chefe B. Eu acho que é mais grave que isso, muito mais grave do que isso. Eu acho que é uma incompreensão de leitura política, do que estava acontecendo, e que vem das cadeias de comando dos veículos, porque os chefes que estavam acima de mim diretamente e eu não quero isentá-los da responsabilidade...Há uma gravidade de você ser atacada pela maior autoridade do país, e eu acho que isso não trivial, e demorou para eu assimilar isso porque passa por uma simulação pessoal. E aí você tem que entender onde você está nessa história? Como é que você se organiza mentalmente, psicologicamente para isso e que tipo de reivindicações você pode fazer. E se distanciar, assim, por que que estou sendo atacada porque eu represento uma instituição ...no caso eu trabalhava na [ela cita um dos veículos que trabalhou], que claramente era um dos alvos preferidos do [ex] Presidente da República. E eu era uma mulher, da [ela cita um dos veículos que trabalhou], e eu faço perguntas combativas. Eu queria muito que um chefe fosse para frente do Bolsonaro ser xingado por ele para entender. Não que eu queria que a pessoa passasse por isso, mas eu queria que a pessoa experimentasse isso para entender o quanto é difícil você lidar com essa situação. E assim a analogia que eu fiz meio óbvio, clichê, mas é do tipo: quem é vítima de um abuso - porque é um abuso, né - e querer culpabilizar a mulher porque ela sofreu aquilo sabe? Eu acho que, assim, diante do que estava acontecendo, você não pode não dar suporte, sabe, não pode. Porque isso faz com que a pessoa se sinta como eu me senti, como muitos dos meus amigos se sentem até hoje sozinhos, sabe, assim, então isso agrava um estado psicológico, porque eu adoeci, eu tomo remédio até hoje, e isso com certeza aconteceu com um monte de gente. Até onde eu sei. [já me falaram] ah, mas foi atacada porque falou isso. Ah, você não deveria ter falado aquilo. Você foi atacada porque falou isso. Eu já gritei com o chefe e falei 'não me fale isso agora, você quer questionar meu trabalho, questiona amanhã. Hoje você vai ouvir que eu fui atacada.”<sup>155</sup>

Apesar de sentir na pele os impactos de trabalhar como jornalista durante o governo Bolsonaro, a entrevistada, assim como muitas das mulheres que ouvimos, sabia que cada ataque fazia parte de uma estratégia do governo. "Existe uma tática –

---

<sup>155</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

e hoje, para mim, fica mais claro - para desestabilizar as pessoas e aquilo fica colando para parecer muito maior do que é". No entanto, a série de ataques que ela sofreu a fizeram repensar a profissão.

“Entrevistada 8 - Fui percebendo um processo de desgaste, e eu pedi [para o chefe] para sair do Planalto em entre janeiro e fevereiro de 2020. Foi um processo longo de negociação para eu aceitar que eu queria pedir para sair, porque era meio como se eu estivesse sucumbindo, do tipo, ele [Bolsonaro] conseguiu me tirar de lá, sabe. Assim, [há] o projeto de tirar as pessoas combativas, repórteres que estão fazendo seu trabalho, então tem um certo sentimento de fracasso, que é muito frustrante, mas chegou um ponto que me saúde estava mental estava tão abalada que eu falei, eu não preciso provar nada para ninguém. Eu já cobri isso aqui, deu para mim, não vou seguir, tem outras formas do colaborar. Não é dessa forma me acabando que eu vou cobrir, que vai ser bom, e eu acho que até interfere na cobertura, entendeu?”<sup>156</sup>

Durante a conversa, a jornalista ficou com a voz embargada algumas vezes. Ainda era possível notar em seu rosto uma tristeza por tudo que viveu. Logo após pedir demissão e mudar de país, a profissional voltou às redes sociais, que ela havia abandonado por causa dos insultos. "Foi tão importante para mim poder colocar meu nome de novo no Instagram, no Facebook. Eu tirei minha foto, tirei tudo, sabe, então, assim, eu me apaguei para fazer aquela profissão. E isso gerou impacto"<sup>157</sup>.

Por mais que imaginássemos o quanto Bolsonaro e o Bolsonarismo prejudicavam o trabalho da imprensa e das jornalistas, não tínhamos noção – até conversar com essas mulheres – do quão profundos eram os impactos de tamanha violência. Como escreveu Patrícia Campos Mello, "jornalista não é notícia" (MELLO, 2020, p. 92), e é por isso que muitas ficaram sem reação diante de um presidente da República que fala coisas como "cale a boca" ou "ela queria dar o furo". Estar no foco do debate, ser o alvo de perseguição online e ter sua foto divulgada em todas as redes sociais são lições que não se aprendem numa faculdade de jornalismo.

E por mais que saibamos – e as mulheres entrevistadas sabem disso – que, no fundo, o que Bolsonaro quer é desmoralizar a instituição imprensa, é praticamente impossível dissociar a figura profissional da jornalista de uma mulher, mãe e filha; afinal, tratam-se da mesma pessoa. E é essa individualização nos ataques às mulheres que gera novas formas de censura, pois é perfeitamente esperado que uma mulher que tenha suas fotos expostas e seja xingada por milhares de pessoas nas

---

<sup>156</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

<sup>157</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

redes sociais queira, de certa forma, se proteger de tudo aquilo e se afastar – seja das redes sociais, seja do jornalismo.

“Sob Bolsonaro, presidente eleito democraticamente, a era da perseguição voltou, por meio das redes sociais e milícias virtuais. Trata-se de uma forma nova de censura, terceirizada para o exército de trolls, patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp. E as jornalistas mulheres são as vítimas preferenciais. À diferença de nossos colegas homens, é muito mais corriqueiro termos dados pessoais expostos na internet, sofreremos comentários jocosos sobre nosso aspecto físico, ofensas a nossa honra, e ameaças on-line que muitas vezes migram para o mundo real.” (MELLO, 2020, p. 93).

Para o advogado e vice-presidente do jornal The New York Times, David McCraw, que ganhou notoriedade após enviar uma carta para Trump<sup>158</sup>, na qual defendia o direito do seu jornal de publicar uma matéria na qual as mulheres denunciavam o ex-presidente norte-americano, falou, em entrevista à Folha de S. Paulo<sup>159</sup>, que "os ataques à honra, à magnitude e à honestidade da imprensa são uma tentativa de controlá-la".

Os governos autoritários contemporâneos têm mostrado para o mundo que não precisam fechar a imprensa ou outras instituições democráticas, como o STF, Congresso, universidades, etc. Basta corroê-las, desmoralizá-las publicamente nas redes sociais – lógica que inclui acabar com a credibilidade das jornalistas - e emplacar outra narrativa de que o jornal (ou universidades, institutos de pesquisa, etc.) representa o que há de pior na sociedade e não serve para nada, portanto, não deve ser levado em consideração. Apenas a palavra do líder vale, tem fundamento. O próprio Trump já deixou claro numa conversa com a jornalista Lesley Stahl<sup>160</sup> para o programa *60 minutes*. É interessante notar, considerando que praticamente as atitudes de Bolsonaro com a imprensa são uma espécie de reprodução do que o republicano fazia em seu país, que a declaração de Trump se encaixa perfeitamente no contexto brasileiro.

“Em um certo momento, Trump começou a criticar a cobertura das eleições e os jornalistas. Lesley o interpelou: “Sabe, isso está ficando cansativo. Por que você continua fazendo isso, tantas vezes? É entediante e já está na hora de parar com isso. Você venceu [as eleições americanas] Por que continua martelando isso?” Trump respondeu: “Sabe por que eu faço isso? Eu faço

<sup>158</sup> Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2016/10/13/us/politics/david-mccraw-trump-letter.html>

<sup>159</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/ataques-a-imprensa-tem-o-mesmo-efeito-de-censura-diz-advogado-do-nyt.shtml>

<sup>160</sup> Disponível em <https://fenaj.org.br/ataques-diretos-a-jornalistas-aumentaram-em-2022-aponta-relatorio-da-fenaj/>

isso para desacreditar todos vocês e depreciar todos vocês; assim, quando vocês escreverem histórias negativas sobre mim, ninguém vai acreditar". (BRASIL DE FATO, 2020)"

Essa nova forma de censura não é um movimento apenas de fora para dentro, no sentido de que são agentes externos que fazem de tudo para que a jornalista se cale. Embora essa estratégia seja a dominante, há também, como vimos em alguns dos depoimentos das jornalistas com quem conversamos, uma espécie de autocensura, em que a jornalista se pergunta se está usando a palavra certa, se talvez não falou ou escreveu demais e se fez a pergunta certa.

"Toda vez que vou escrever uma reportagem investigativa que envolve o governo, respiro fundo e imagino o que pode vir do outro lado. Será que vão ultrajar pessoas da minha família ou fazer memes obscenos? Penso várias vezes se vale a pena escrever. E suponho que muitos jornalistas estejam experimentando a mesma sensação e de alguma maneira acabem se autocensurando." (MELLO, 2020, p. 101).

Embora saibamos que cada mulher reage de uma forma às ofensas, é público e notório – como foi destacado ao longo desta dissertação – que o foco do ataque não é aquela mulher em si, mas sim o coletivo e, também, o jornal para o qual a profissional trabalha. Nesse sentido, é importante observar que as empresas fazem quase nada ou muito pouco no sentido de proteger as trabalhadoras dos ataques virtuais – e até físicos, como aconteceu com a jornalista no 8 de janeiro, por exemplo. O que observamos, na maioria das vezes, é que, por mais que elas não tenham deixado explícito, se criou uma dinâmica em que a jornalista luta praticamente sozinha, ou com apoio de outros colegas, contra o exército de trolls, às mensagens falsas e aos gritos de Bolsonaro. Por mais que as empresas ofereçam um advogado para auxiliar em orientações, ficou claro que as redações não têm uma política estabelecida de inibição de *haters* ou acolhimento das profissionais vítimas de ódio. Acreditamos, com base na experiência de ouvir as jornalistas e, também, no conhecimento que temos de dentro das redações – que não foi por acaso que só a "jornalista que largou tudo" tenha falado mais abertamente sobre a omissão de alguns chefes perante os ataques que sofreu. Da mesma forma que é necessário olhar para a responsabilidade das big techs no que diz respeito às fake news, é preciso considerar a responsabilidade das empresas jornalísticas. Afinal, embora sejam aguerridas e cumpram seu objetivo de vida de fazer jornalismo, as mulheres que atuam na imprensa e cobrem o Planalto, especificamente, são antes de tudo, trabalhadoras.

#### 5.4 E as empresas jornalísticas?

A relação entre imprensa e governos no Brasil sempre foi complexa. Alzira Abreu explica em seu livro "A modernização da imprensa (1970-2000)" que até os anos 1950, no Brasil, as rádios, a imprensa escrita e a TV – que começava a engatinhar (em 1950, Assis Chateaubriand inaugurou a TV Tupi, a primeira emissora do Brasil e da América Latina) – dependiam "dos favores do Estado, dos pequenos anúncios populares ou domésticos – os classificados – e da publicidade das lojas comerciais" (ABREU, 2002, p.8). Foi no processo de industrialização do Brasil, no segundo governo Vargas (1950-1954), em que as empresas passaram a ganhar mais dinheiro, que a prática de fazer propagandas em jornais – pagando caro por isso, se fortaleceu.

Novos jornais foram criados no Brasil e começou uma espécie de modernização dos jornais – que passaram a investir em fotografias, oferecer uma diagramação mais atraente aos olhos dos leitores -, e as redações foram reestruturadas e passaram a contar com jornalistas mais experientes para fazerem matérias de fôlego, com foco no debate político. No entanto, numa explicação sintética, a situação das empresas jornalísticas começou a mudar nos anos 60, com o regime militar, pois os donos de jornais se mostravam partidários à teoria conspiratória sobre a ameaça comunista e se identificavam com os militares.

“Antes de 1964, os grandes jornais alertavam para o período do ‘estatismo’ na economia e condenavam as restrições ao capital estrangeiro, que impediriam o país de avançar no seu processo de industrialização. Diante da intensificação das reivindicações populares e do ‘perigo comunista’, os empresários da imprensa abdicaram de sua crença na liberdade individual e aceitaram a centralização do poder nas mãos dos militares como única alternativa para impedir a ‘subversão’, ou a ascensão dos grupos de esquerda ao comando do país” (ABREU, 2002, p. 13-14)

É sabido que jornais como Folha de S. Paulo, o Estado de S. Paulo e o Globo apoiaram a ditadura militar no Brasil. Inclusive, em 2013, o Globo escreveu um editorial no qual afirma que ter apoiado o golpe de 64 foi um erro<sup>161</sup>. Mas o que nos interessa entender nessas relações é ver-se na prática, no Brasil, certa relação de subserviência dos jornais às empresas e aos governos. Roseli Fígaro nos lembra que "o jornalismo está vinculado a determinada lógica de organização empresarial que os

---

<sup>161</sup> Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>

enquadra nos objetivos da lucratividade" (FIGARO, 2013, p.8). Por si só, a elucidação deixa claro um dado fundamental: empresas jornalistas são empresas e objetivam lucro. É importante ter isso estabelecido pois nos ajuda a compreender, por exemplo, certos direcionamentos das empresas de comunicação. Vale ressaltar, diante do surgimento de jornais independentes, após 2013, como Agência Pública<sup>162</sup>, Revista AzMina<sup>163</sup> e Alma Preta Jornalismo<sup>164</sup>, que têm desempenhado papel fundamental para o jornalismo e para a democracia brasileira -, que quando citamos empresas jornalistas estamos nos referindo aos grandes conglomerados, que "são empresas familiares, que profissionalizaram suas direções e contam com a participação de capital externo (30%), conforme permite a legislação brasileira" (FIGARO, 2013, p.9).

A imprensa mudou muito dos anos 60 para cá, sobretudo após a chegada da internet no Brasil, que serviu como justificativa para as empresas começarem a alegar que estavam em crise, pois a receita publicitária tradicional – que paga os anúncios nos veículos de comunicação – estava caindo e, por isso, precisariam demitir jornalistas e, assim, sobrecarregar os que ficaram. No entanto, alguns comportamentos das empresas de comunicação não mudaram muito do período ditatorial para cá, haja vista a comunicação de alguns jornais durante o processo de golpe da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016, e a proximidade que alguns veículos têm, deliberadamente, com os governos de situação. O que mudou, nessa relação imprensa versus governos, é que a estratégia de Bolsonaro não era aparelhar a imprensa no sentido de transformá-la em uma aliada, mas destruí-la por completo. E os jornais demoraram a perceber isso, conforme constatamos nos depoimentos das jornalistas, pois, por mais que Bolsonaro mostrasse, já na campanha presidencial de 2018, que não daria atenção aos jornais, os chefes de redação continuaram enviando profissionais para cobrir a campanha de Bolsonaro, como se aquilo estivesse ocorrendo dentro de uma normalidade no jogo democrático e os atores políticos estivessem agindo de forma republicana, comportamento que é – ou era - de praxe nos parlamentares de Brasília, no que diz respeito ao trato com a imprensa. Demorou muito, por exemplo, para saírem matérias e editoriais nos grandes veículos de comunicação que afirmassem categoricamente: "Bolsonaro mente"<sup>165</sup>. Não estamos

---

<sup>162</sup> Disponível em <https://apublica.org/>

<sup>163</sup> Disponível em <https://azmina.com.br/>

<sup>164</sup> Disponível em <https://almapreta.com.br/>

<sup>165</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/bolsonaro-mente.shtml>

querendo dizer que a imprensa não deveria cobrir o candidato e, posteriormente, o presidente da República, mas agir como se nada de estranho estivesse acontecendo foi motivo de contestação dos trabalhadores dos jornais. E como vimos nas entrevistas com as jornalistas, não foi por falta de aviso dos repórteres que estiveram ali, dia após dia, cobrindo o ex-presidente e recebendo toda a sorte de xingamentos.

Um dos erros ao se criticar o jornalismo é colocar empresa jornalística e o jornalista, portanto o empregado daquela empresa, em pé de igualdade. As coisas não são bem assim. O jornalista é um trabalhador, que vive de salário e precisa de emprego. Nesse pacote, obedecer às ordens de um chefe de redação faz parte do ofício, por mais que esse jornalista esteja desempenhando uma atividade considerada mais intelectual, cujo produto final – que são as matérias jornalísticas – possam causar impacto na sociedade – como os já citados exemplos de reportagens investigativas que mencionamos anteriormente. Portanto, as jornalistas que iriam cobrir o governo Bolsonaro não iriam porque escolhiam, sem interferência de ninguém. Há uma determinação nas redações do que deve ser motivo de cobertura jornalística ou não. E, como já tratamos nesta dissertação, quem dá a palavra final nessa escolha de agendas é o editor – ou, em casos mais específicos, pessoas com cargos mais altos nos jornais. Durante a cobertura do governo Bolsonaro, dezenas de jornalistas questionaram se aquilo era de interesse público, se deviam cobrir.

“Entrevistada 8 - Eu já vinha pedindo na redação que não fazia sentido repórteres ficarem naquele cercadinho, porque eu acho que teve um deslocamento da cobertura de deixar o presidente escolher em que situação ele falava. E claramente aquilo era uma armadilha que ele cercava as pessoas, criava naquele espaço físico uma mimetização do que queria transportar nas redes, sabe, porque é uma câmara de eco. Ele sabe que o que ele fala, as pessoas reagem. Aquilo é cortado, editado, vai nas redes e aquilo fica ressoando. E ele nunca respondia sobre o que era perguntado. Um presidente tem que responder, não era possível fazer perguntas, então não eram condições normais de trabalho. O argumento das redações era a gente tem que ouvir o que o presidente tem a dizer. A questão é que já não era normal aquilo, aquilo ali não era sobre o trabalho dele era sobre ele fazer campanha política usando o trabalho profissional de pessoas. Então eu acho que assim, perde na minha visão um interesse jornalístico, para além de tudo.”<sup>166</sup>

Embora várias empresas jornalísticas tenham parado de cobrir o Alvorada durante um período, algumas voltaram a mandar repórteres para lá um tempo depois. E, como a história nos mostra, isso não ocorreu por uma mudança de comportamento

---

<sup>166</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 8, à autora deste trabalho.

do ex-presidente, mas sim porque as empresas decidiram. Os episódios de machismo e misoginia seguiram ocorrendo. E, conforme vimos nos relatos, a consequência disso é que mulheres jornalistas adoeceram, se autocensuraram e abandonaram a profissão.

“Entrevistada 3 - Então eu não posso dizer que o governo Bolsonaro pode ter sido ruim para Globo. Para os jornalistas da Globo ele pode ter sido, mas para o dono ele não foi. Ele pode ter sido muito ruim para os repórteres da Record, que mesmo sendo uma empresa parceira do grupo Bolsonaro teve repórteres da Record agredidos. Então ele pode não ter sido bom para esses repórteres. Mas ele foi muito bom para o dono da empresa. Eu já trabalhei numa empresa grande, a gente é muito complacente, porque às vezes é tudo muito subentendido, né? Você não recebe um documento falando que você não pode falar disso ou daquilo. Mas você mesmo se pune. Você nem espera o seu editor te punir. E às vezes o seu editor nem espera o chefe dele reclamar, ele mesmo já corta, sabe. Parece que tá tudo subentendido e eu acho que isso tem que mudar no jornalismo. A mídia hegemônica também é agredida, mas também é muito complacente com seu próprio agressor.”<sup>167</sup>

Se a pandemia resgatou a necessidade do jornalismo para uma sociedade democrática, a experiência de Bolsonaro no governo mostrou para o país que por trás de um crachá com o nome de uma empresa, há uma pessoa que não merece ser xingada. Nesse sentido, é notório que as empresas de comunicação têm falhado tanto no cuidado que têm com suas funcionárias, que vai desde a falta de compreensão dos editores, como vimos nos relatos, até a falta de uma diretriz mais institucionalizada do que uma repórter agredida poderia fazer ou como agir. Da mesma forma que é violento um presidente xingar uma mulher no exercício do seu trabalho, também é reprovável que uma empresa jornalística continue enviando essa repórter, cotidianamente, para o contexto de agressão. Normalizar a agressão a uma profissional também é agressão. Nesse contexto, a empresa perde boas profissionais, os leitores perdem informação de qualidade e o jornalismo perde credibilidade.

---

<sup>167</sup> Trecho da entrevista dada por jornalista anônima, vítima de violência, aqui identificada como Entrevistada 3, à autora deste trabalho.

## 6 CONCLUSÃO

Em tempos difíceis, como os que vivemos recentemente, nos quais prevalece uma intensa violação dos direitos das mulheres e de outras minorias políticas, é necessário criar registros para deixarmos marcado na história os retrocessos civis que vivenciamos. Este trabalho evidencia, por meio do relato de jornalistas, o que foi atuar no jornalismo político durante os quatro anos de governo de Jair Bolsonaro.

Por meio deste trabalho, conseguimos entender o que as inúmeras pesquisas que estudam o mercado de trabalho do jornalista mostram: a violência contra as profissionais de imprensa, no Brasil, cresceu entre os anos 2018 e 2022, motivada pelo fortalecimento da misoginia e do machismo. Mais do que números, as conversas com as mulheres trouxeram subsídios para esmiuçar como o Bolsonarismo e a extrema direita agem para desmoralizar as profissionais a fim de enfraquecê-las profissionalmente, e como as big techs acabam sendo cúmplices dessas ações à medida que as plataformas compartilham mais os conteúdos que promovem o ódio nas redes sociais.

Outro ponto relevante desta pesquisa foi localizar Bolsonaro e os bolsonaristas no contexto sócio-político mundial. Tal comparação nos ajuda a entender o real tamanho dos apoiadores do ex-presidente, e como as conexões além das fronteiras territoriais acabaram fortalecendo ações violentas em vários países do mundo. Nesse sentido, analisar quais comportamentos os homens de extrema direita esperam das mulheres contribuiu para desenhar esse quadro.

Foi importante notar, também, que da mesma forma que os misóginos se apoderam, as mulheres jornalistas vítimas de violência também têm feito suas conexões – e estudos – a fim de denunciar e divulgar para o maior número de pessoas possível como a imprensa e/ou líderes políticos tratam jornalistas.

Ouvir as jornalistas foi um processo intenso que nos permitiu mergulhar nos impactos – e feridas – que a violência de gênero as causou. Conseguimos observar como foi agressivo para essas mulheres ter imagens espalhadas na internet, se verem obrigadas a remover as fotos de seus perfis nas redes sociais, fechar as contas ou colocá-las em modo privado para tentar restringir o acesso das pessoas a elas – com isso conseguir se proteger de possíveis ataques online.

Entendemos, também, o papel central de Bolsonaro nesse cenário, uma vez que ele é o maior responsável pela agressão às jornalistas brasileiras e que seus

apoiadores acham que têm aval para xingar/humilhar ou perseguir uma mulher, porque veem Bolsonaro fazendo o mesmo. Abordamos também o papel dos editores de jornal e como eles poderiam ser mais empáticos às jornalistas que estavam, simplesmente, fazendo seu trabalho quando foram agredidas, seja pelo ex-presidente, seja por apoiadores.

Por fim, e não menos importante, pelo contrário: os depoimentos das entrevistadas – que consideramos ser a parte mais relevante desta dissertação – são uma espécie de registro histórico do que foi ser jornalista durante um governo de extrema direita no Brasil. Por meio de 8 relatos individuais, tivemos a oportunidade de entender os medos, as rotinas, os ataques e até os impactos na saúde mental dessas mulheres.

Tais reflexões levam-nos a pensar sobre os rumos que tomou a extrema direita no Brasil, como ela tem desgastado o ambiente político e o quanto é necessário manter-se alerta para resguardar os direitos democráticos. A discussão sobre jornalismo, misoginia e extrema direita não se encerram aqui, pois, como disse o presidente Lula após vencer as eleições de 2022, nós derrotamos Bolsonaro, mas o Bolsonarismo ainda não. Portanto, imaginar – e garantir - um futuro democrático para o Brasil, no qual imprensa e as jornalistas sejam respeitadas, passa, sobretudo, por impedir o avanço de grupos e líderes ultraconservadores e misóginos, que desejam calar mulheres. É nosso dever garantir que elas – que nós – possamos falar cada vez mais alto e que sejamos ouvidas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa:(1970-2000)**. Jorge Zahar Editora, 2002.

ACOSTA, Jim. **O inimigo do povo**. HARLEQUIN, 2019.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectiva S/A, 1979.

BRASIL DE FATO. Louca, doida, maluca: misoginia domina ofensas a candidatas nessas eleições. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/08/louca-doida-maluca-misoginia-domina-ofensas-a-candidatas-nessas-eleicoes>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

BRASIL DE FATO. Artigo | O assédio contra mulheres jornalistas tem método e razão de ser. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/artigo-o-assedio-contra-mulheres-jornalistas-tem-metodo-e-razao-de-ser>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. Editora Companhia das Letras, 2000.

CHENOWETH, Erica; MARKS, Zoe. Revenge of the Patriarchs: Why Autocrats Fear Women. **Foreign Aff.**, v. 101, p. 103, 2022.

DANCOSKY, Andressa Kikuti; MICK, Jacques; ROCHA, Paula Melani. Masculinização e desfeminização no jornalismo em crise no Brasil (2012-2017). **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.

DESINFORMANTE. Atingidas pela desinformação: Bianca Santana. Disponível em: <https://desinformante.com.br/atingidas-pela-desinformacao-bianca-santana/>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Código de Ética dos Jornalistas. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no brasil. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no brasil. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio\\_fenaj\\_2020.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf). Acesso em: 19 de outubro de 2023.

FELIX, Edilaine Heleodoro. **INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO: O JORNALISMO “PRETO E LIVRE” DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ALMA PRETA.** *Revista Alterjor*, v. 28, n. 2, p. 226-239, 2023.

FÍGARO, Roseli; NONATO, Claudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista.** São Paulo: Editor Salta, 2013.

FOLHA DE S.PAULO. Foi o eleitor quem puxou o gatilho. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/daniela-lima/2018/10/foi-o-eleitor-quem-puxou-o-gatilho.shtml>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

FOLHA DE S.PAULO. Folha não tem que contratar qualquer um diz Bolsonaro a repórter do jornal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/folha-nao-tem-que-contratar-qualquer-uma-diz-bolsonaro-a-reporter-do-jornal.shtml>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo.** Florianópolis. Insular, 2009.

GOOGLE. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=bolsonaro+ataca+jornalista&sca\\_esv=634e2b4d7db2b0af&sxsrf=ACQVn0\\_sJQqOvC0-zV0kx7u6LIUpfgB6eA%3A1708363589548&ei=RY\\_TZdGNla-45OUP3bSroAo&udm=&ved=0ahUKEwiRxJun9reEAXUvHLkGHV3aCgQQ4dUDCBA&uact=5&oq=bolsonaro+ataca+jornalista&gs\\_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniGmJvbHNvbmFybyBhdGFjYSBqb3JuYWxpc3RhSjJUN8FWNMGcAF4AJABAjGbnwGgAb0CqgEDMC4yuAEDyAEA-AEBiAYB&sclient=gws-wiz-serp](https://www.google.com/search?q=bolsonaro+ataca+jornalista&sca_esv=634e2b4d7db2b0af&sxsrf=ACQVn0_sJQqOvC0-zV0kx7u6LIUpfgB6eA%3A1708363589548&ei=RY_TZdGNla-45OUP3bSroAo&udm=&ved=0ahUKEwiRxJun9reEAXUvHLkGHV3aCgQQ4dUDCBA&uact=5&oq=bolsonaro+ataca+jornalista&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniGmJvbHNvbmFybyBhdGFjYSBqb3JuYWxpc3RhSjJUN8FWNMGcAF4AJABAjGbnwGgAb0CqgEDMC4yuAEDyAEA-AEBiAYB&sclient=gws-wiz-serp). Acesso em: 19 de outubro de 2023.

HESS, Amanda. Why women aren't welcome on the Internet. **Pacific Standard**, v. 6, p. 2014, 2014.

IJNET. Mulheres jornalistas reagem ao silenciamento provocado pela violência online. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/mulheres-jornalistas-reagem-ao-silenciamento-provocado-pela-viol%C3%Aancia-online#:~:text=por%20Devin%20Windelspecht&text=A%20viol%C3%Aancia%20online%20contra%20mulheres,das%20mulheres%20em%20risco%20preocupante>. Acesso em: 3 de novembro de 2023.

KOTSCHO, Ricardo. **Uma vida nova e feliz – sem poder, sem cargo, sem carteira assinada, sem crachá, sem secretária e sem sair do Brasil.** São Paulo: Editora Ediouro, 2007

LE MONDE DIPLOMATIQUE. Ataques a jornalistas deram a tônica em ano eleitoral. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ataques-a-jornalistas-deram-a-tonica-em-ano-eleitoral/>. Acesso em: 03 de novembro de 2023.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político.** Editora Contexto, 2022.

MARTINS, Fernanda K. Promoting Intersectional Development Research Case study report| Number 4. 2023.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. Companhia das Letras, 2020.

PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. The Russian “firehose of falsehood” propaganda model. **Rand Corporation**, v. 2, n. 7, p. 1-10, 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. Planeta do Brasil, 2019.

PÚBLICA. 15 táticas golpistas de Trump que Bolsonaro já adotou – e as que ainda vai usar. Disponível em: <https://apublica.org/sentinela/2022/12/15-taticas-golpistas-de-trump-que-bolsonaro-ja-adotou-e-as-que-ainda-vai-usar/>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

RENAULT, David. A convergência tecnológica e novo jornalista. **Brazilian journalism research**, v. 9, n. 2, 2013.

RODRIGUES, Herom. **O Desgoverno Bolsonaro: Uma História que Não Pode Ser Esquecida**. Viseu, 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.

SEGURADO, Rosemary. Desinformação e democracia: a guerra contra as fake news na internet. **São Paulo**: Hedra, 2021.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na internet**. Editora Fósforo, 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Insular Livros, 2020.

UOL. Advogado do presidente ataca colunista do UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2021/07/09/advogado-do-presidente-ataca-colunista-do-uol.htm>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

TWITTER. Disponível em: [https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1510671887306739714?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1510671887306739714%7Ctwgr%5E4182b342d1eef7f5d2938a6d8104d461563278e9%7Ctwcon%5Es1\\_%2F%2Fcongressoemfoco.uol.com.br%2Farea%2Fpais%2Fno-twitter-eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-miriam-leitao%2F](https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1510671887306739714?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1510671887306739714%7Ctwgr%5E4182b342d1eef7f5d2938a6d8104d461563278e9%7Ctwcon%5Es1_%2F%2Fcongressoemfoco.uol.com.br%2Farea%2Fpais%2Fno-twitter-eduardo-bolsonaro-debocha-de-tortura-sofrida-por-miriam-leitao%2F). Acesso em: 19 de outubro de 2023.

## GLOSSÁRIO

**Trolling:** o ato de deixar uma mensagem insultuosa na internet com o objetivo de irritar alguém.

**Big Techs:** Big techs, ou gigantes de tecnologia, são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon e outras.

**Haters:** é um termo usado na internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.